



ANNO XVIII - No
Rio de Janeiro
21 DE ABRIL DE 1977

Revista a Semana

UMA GRANDE OBRA

O DICCIONARIO

DAS SEIS LINGUAS

*Com a pronunção figurada de todas. Poupa a
consulta de muitos dictionarios especiaes, pois com-
prehende nada menos de*

TRINTA DICCIONARIOS

Estes 30 dictionarios são:

Francez-alemão
Alemão-francez
Francez-inglez
Inglez-francez
Francez-italiano
Italiano-francez
Francez-hespanhol
Hespanhol-francez
Francez-portuguez
Portuguez-francez

Alemão-inglez
Inglez-alemão
Alemão-italiano
Italiano-alemão
Alemão-hespanhol
Hespanhol-alemão
Alemão-portuguez
Portuguez-alemão
Inglez-italiano
Italiano-inglez

Inglez-hespanhol
Hespanhol-inglez
Inglez-portuguez
Portuguez-inglez
Italiano-hespanhol
Hespanhol-italiano
Italiano-portuguez
Portuguez-italiano
Hespanhol-portuguez
Portuguez-hespanhol

« Nem só em Portugal, onde foi publicado, mas ainda em toda a Europa civilizada será saudada esta publicação como obra *nimiamente pratica e efficaz*, e em presença do extraordinario desenvolvimento adquirido pelo estudo das linguas nestes dez annos mais recentes, licito é vaticinar a um *dictionario redigido e coordenado com tanto esmero*, qual é este que tenho presente, exito extraordinario a par de legitimo. — Alex Bruns ».

A obra compõe-se de um grosso volume de mais de 2.000
paginas, nitidamente impresso, magnificamente encadernado
— — em carneira, pelo modico preço de 10\$000 — —
Pelo correio mais 1\$000 para o porte e registro

Pedidos á **ADMINISTRAÇÃO**

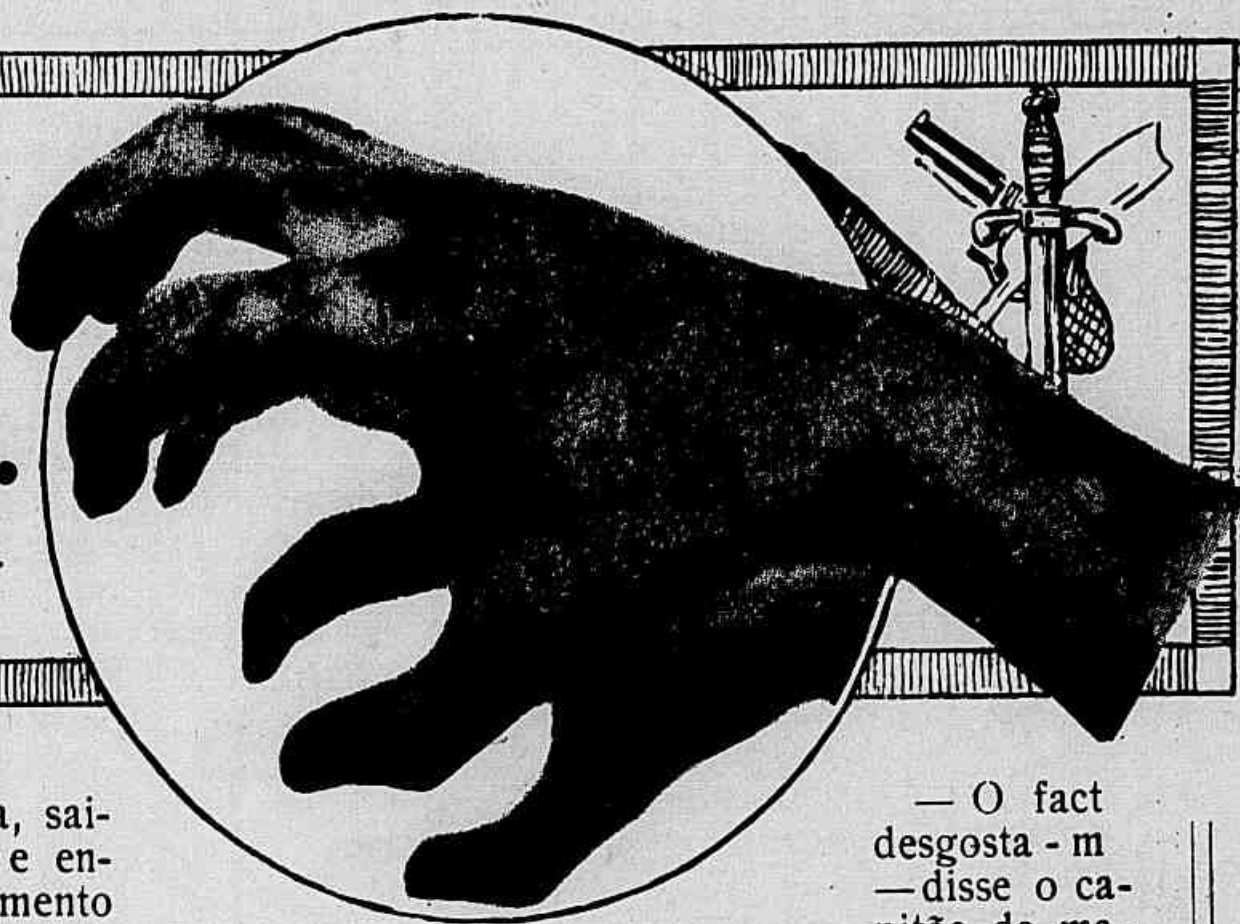
DA

“REVISTA DA SEMANA”

12, Praça Gonçalves Dias, 12

RIO DE JANEIRO

O CRIME DA MÃO NEGRA.



(2) CAPITULO III OS LADRÕES ROUBADOS

— Sinto muito ter que lhe dizer — e o rosto denotava extrema perturbação — que não posso mostrar-lhe ainda as perolas, porque a senhora a casa de quem as mandei ainda as não devolveu. Tenho o presentimento de que m'as roubaram, pois commetti a imprudencia de as mandar ao hotel em que essa senhora estava hospedada.

— Muito bem,—respondeu lord Lister.

E, puxando pela carteira, tirou d'ella um recibo passado por Morton.

Puzera n'elle a quantia de 2.000 libras esterlinas e n'uma nota, por baixo da quantia, estava expressa a condição de as restituir, se por qualquer acaso Morton lhe não podesse vender o collar.

— Tenha a bondade de vêr este recibo e restituir-me immediatamente as minhas 2.000 libras. Já não quero comprar o collar.

O caixeiro teve um sobresalto e, nervoso, leu o recibo, sem saber o que havia de dizer.

— Disponho de pouco tempo — continuou o freguez; — por isso, depressa, queira entregar-me o dinheiro.

— E' impossivel, — respondeu o caixeiro. — O sr. Morton não me deixou tal quantia. Tem que esperar que elle volte da viagem.

Raffles divertia-se ao ver o rapaz todo perturbado. Parecia um peixe espetado num anzol, que se esforça, em balde, por se desprender.

— Pois, sinto muito, — volveu Raffles — mas preciso do dinheiro para comprar um collar n'outra joalheria. Concedo-lhe uma hora. Póde telegraphar ao sr. Morton ou pedir emprestada essa quantia. Se, decorrido esse prazo, não tiver sido embolsado, dirigir-me-hei á policia e accusarei Morton de roubo.

Sem sequer baixar a cabeça, saiu do estabelecimento com Carlos Brand, dirigindo-se para o restaurante situado no passeio fronteiro.

Pediram de almoçar e enquanto comiam Raffles disse ao amigo:

— Magnifico. E' uma historia que me diverte mais que o melhor espectáculo. Estes criminosos perderam o tempo e o trabalho para prepararem o crime de Morton e se apoderarem depois do estabelecimento. Conseguiram-no e vêem-se forçados a dar-me tudo o que roubaram. Todos os objectos de prata e ouro que possa haver na joalheria não valem mais de 2.000 libras.

Passada uma hora, saíram do restaurante e entraram no estabelecimento de Morton.

Além do caixeiro, estava ali o seu companheiro.

Raffles observou que este lhe dirigia um olhar de odio.

— Tem o dinheiro? — perguntou.

— Sim, senhor — respondeu o caixeiro. — Fui arranjar-o, pois não sei onde está o sr. Morton.

Abriu a gaveta da secretaria e tirou um maço de notas que entregou a lord Lister.

Raffles contou o dinheiro pausadamente e pondo o recibo em cima do balcão metteu as notas na carteira, dizendo:

— Causa-me estranheza que o sr. Morton, de quem sou freguez ha já annos e a quem considero homem experiente em negocios, não tenha querido effectuar a venda. Queira dar-lhe recommendações minhas.

Sorrindo com ironia, sahio de novo da joalheria.

Ao sair, ouviu um dos empregados dizer:

— Maladetto!

Raffles fechou a porta e accendeu uma cigarrilha.

— Agora, quero mandar estes dois patifes para Scotland-Yard — disse elle a Carlos Brand, — com o que darei algum trabalho ao inspector Baxter, que parece estar a dormir ha algum tempo pois não dá que falar de si.

Metteram-se n'uma carruagem e seguiram para casa.

Meia hora depois saiam de novo, Raffles disfarçado em capitão da marinha ingleza, com barba grisalha, e Carlos Brand com um fato de creado irlandez.

De novo, tomando outra carruagem, se dirigiram para a joalheria Morton.

Ao entrarem ali, encontraram o caixeiro mais novo entretido em abrir varias caixas que continham joias.

— Venho — disse Raffles, mostrando uma carta assignada por Morton — por causa d'esta carta, que ha uma semana me dirigiu o sr. Morton, pedindo-me que lhe comprasse este predio. Onde está elle?

— O sr. Morton foi viajar — respondeu o caixeiro.

Era a mesma resposta que, como os leitores já sabem, o rapaz dava invariavelmente.

— Viajar? — volveu Raffles, simulando a maior estupefação — Mas se o sr. Morton me mandou dizer que me esperava hoje!?

— Sinto muito — retorquiu o caixeiro — mas teve de sair de Londres por causa de negocios que tinha de concluir estes dias.

— O fact
desgosta - m
— disse o capitão de ma-

rinha — pois disponho de muito pouco tempo e logo á noite tenho de estar de novo a bordo. No entanto, apesar do dono da casa estar ausente, creio que não terá duvida em m'a mostrar.

O rapaz não soube o que havia de responder. O olhar dirigia-se-lhe de Raffles a Carlos, e pôz-se a tremer.

— Já conheço a casa ha tempo — continuou o capitão — e, se me não engano, na parte trazeira do estabelecimento ha um grande quarto que deita uma porta para o vestibulo. Dê-me licença que entre.

Sem esperar a resposta do rapaz, que parecia ter ficado petrificado, dirigiu-se Raffles para dentro do balcão e preparava-se para abrir a porta do quarto em que falára quando o caixeiro, dando um salto, correu para elle e, dando-lhe um empurrão, exclamou:

Espere, meu caro senhor! O sr. Morton prohibiu-me terminantemente que deixasse entrar quem quer que fosse no interior da casa enquanto elle estivesse ausente.

— Deixe-se de tolices! — respondeu o capitão.

E deu uma palmada amigavel nas costas do caixeiro. Debalde tentou este impedir que elle entrasse. Antes de ter podido articular uma palavra que fosse, Raffles abria a porta, soltando immediatamente uma bem simulada exclamação de surpriza.

Ao mesmo tempo fitava o olhar na camã em que jazia o joalheiro, cujo rosto parecia modelado em cera.

N'esse momento, tentou o caixeiro, que Raffles agarrára com força, fugir, mas recebeu na cabeça um murro tão tremendo que caiu desmaiado no chão.

Em seguida, Raffles dirigiu-se para o aparelho telephonico e pediu comunicação com Scotland-Yard.

— Mandem immediatamente alguns policias a Lincolnstreet, ao estabelecimento do joalheiro Morton — disse elle ao policia que estava de serviço. — Foi commettido um grande crime aqui.

Ainda não tinham decorrido dez minutos e parava um automovel á porta da joalheria.

Raffles disse a Carlos Brand, apontando para os policias por entre os vidros das montras:

— E' claro que o nosso velho amigo o inspector Baxter quer ter a gloria de ser elle quem pessoalmente descubra o crime.

Assim era, com effetto. O inspector de policia foi o primeiro a entrar no estabelecimento. Raffles apresentou-se-lhe como seudo o capitão da marinha ingleza *sir* Carlos Lobster.

UMA GRANDE OBRA

O DICCIONARIO

DAS SEIS LINGUAS

*Com a pronunção figurada de todas. Poupa a
consulta de muitos dictionarios especiaes, pois com-
prehende nada menos de*

TRINTA DICCIONARIOS

Estes 30 dictionarios são:

Francez-alemão
Alemão-francez
Francez-inglez
Inglez-francez
Francez-italiano
Italiano-francez
Francez-hespanhol
Hespanhol-francez
Francez-portuguez
Portuguez-francez

Alemão-inglez
Inglez-alemão
Alemão-italiano
Italiano-alemão
Alemão-hespanhol
Hespanhol-alemão
Alemão-portuguez
Portuguez-alemão
Inglez-italiano
Italiano-inglez

Inglez-hespanhol
Hespanhol-inglez
Inglez-portuguez
Portuguez-inglez
Italiano-hespanhol
Hespanhol-italiano
Italiano-portuguez
Portuguez-italiano
Hespanhol-portuguez
Portuguez-hespanhol

« Nem só em Portugal, onde foi publicado, mas ainda em toda a Europa civilizada será saudada esta publicação como obra nimamente pratica e efficaz, e em presença do extraordinario desenvolvimento adquirido pelo estudo das linguas nestes dez annos mais recentes, licito é vaticinar a um dictionario redigido e coordenado com tanto esmero, qual é este que tenho presente, exito extraordinario a par de legitimo. — Alex Bruns ».

A obra compõe-se de um grosso volume de mais de 2.000
paginas, nitidamente impresso, magnificamente encadernado
— — em carneira, pelo modico preço de 10\$000 — —
Pelo correio mais 1\$000 para o porte e registro

Pedidos á **ADMINISTRAÇÃO**

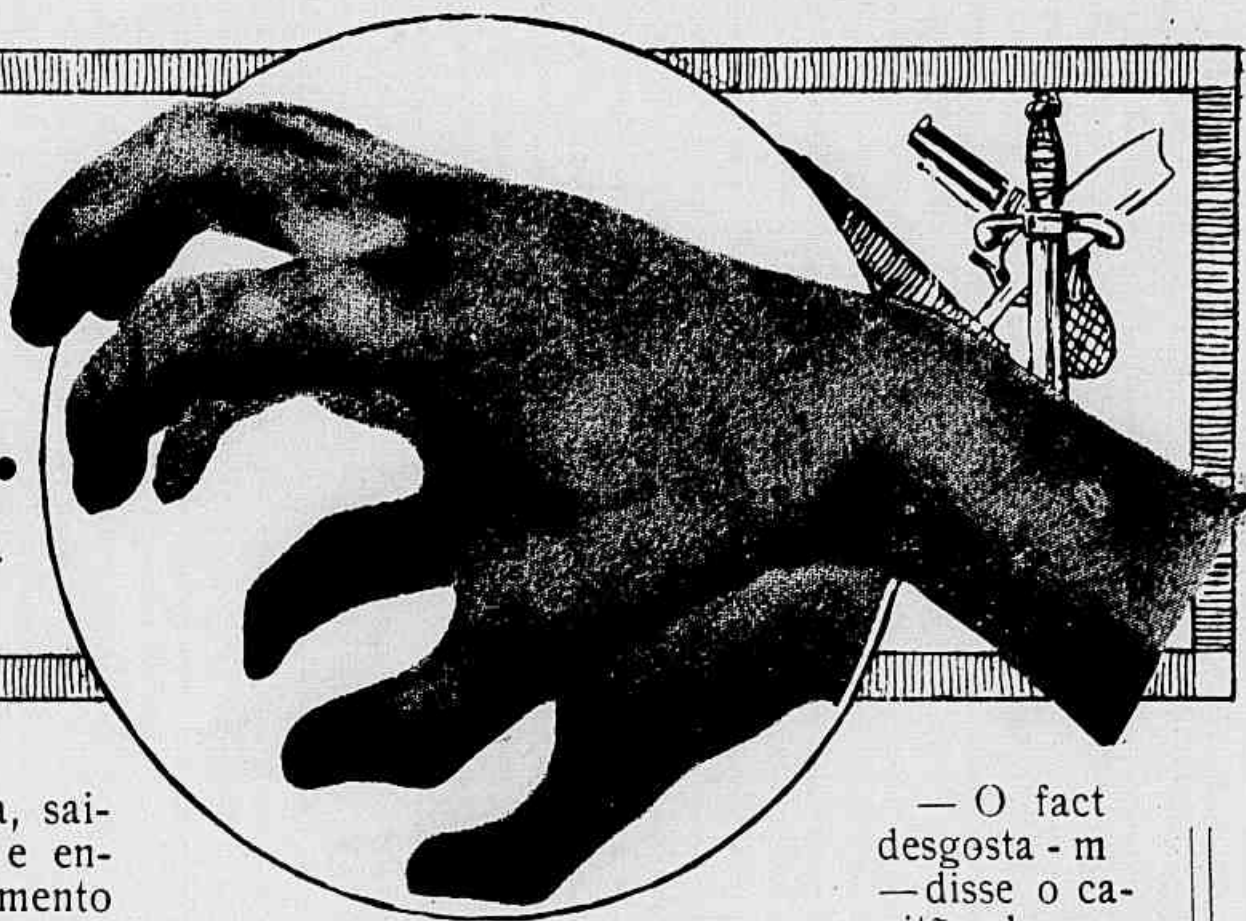
DA

“REVISTA DA SEMANA”

12, Praça Gonçalves Dias, 12

RIODEJANEIRO

O CRIME DA MÃO NEGRA.



(2)

CAPITULO III

OS LADRÕES ROUBADOS

— Sinto muito ter que lhe dizer — e o rosto denotava extrema perturbação — que não posso mostrar-lhe ainda as perolas, porque a senhora a casa de quem as mandei ainda as não devolveu. Tenho o presentimento de que m'as roubaram, pois commetti a imprudencia de as mandar ao hotel em que essa senhora estava hospedada.

— Muito bem,—respondeu lord Lister.

E, puxando pela carteira, tirou d'ella um recibo passado por Morton.

Puzera n'elle a quantia de 2.000 libras esterlinas e n'uma nota, por baixo da quantia, estava expressa a condição de as restituir, se por qualquer acaso Morton lhe não podesse vender o collar.

— Tenha a bondade de vêr este recibo e restituir-me immediatamente as minhas 2.000 libras. Já não quero comprar o collar.

O caixeiro teve um sobresalto e, nervoso, leu o recibo, sem saber o que havia de dizer.

— Disponho de pouco tempo — continuou o freguez; — por isso, depressa, queira entregar-me o dinheiro.

— E' impossivel, — respondeu o caixeiro. — O sr. Morton não me deixou tal quantia. Tem que esperar que elle volte da viagem.

Raffles divertia-se ao ver o rapaz todo perturbado. Parecia um peixe espetado num anzol, que se esforça, em balde, por se desprender.

— Pois, sinto muito, — volveu Raffles — mas preciso do dinheiro para comprar um collar n'outra joalheria. Concedo-lhe uma hora. Póde telegraphar ao sr. Morton ou pedir emprestada essa quantia. Se, decorrido esse prazo, não tiver sido embolsado, dirigir-me-hei á policia e accusarei Morton de roubo.

Sem sequer baixar a cabeça, saiu do estabelecimento com Carlos Brand, dirigindo-se para o restaurante situado no passeio fronteiro.

Pediram de almoçar e enquanto comiam Raffles disse ao amigo:

— Magnifico. E' uma historia que me diverte mais que o melhor espectáculo. Estes criminosos perderam o tempo e o trabalho para prepararem o crime de Morton e se apoderarem depois do estabelecimento. Conseguiram-no e vêem-se forçados a dar-me tudo o que roubaram. Todos os objectos de prata e ouro que possa haver na joalheria não valem mais de 2.000 libras.

Passada uma hora, saíram do restaurante e entraram no estabelecimento de Morton.

Além do caixeiro, estava ali o seu companheiro.

Raffles observou que este lhe dirigia um olhar de odio.

— Tem o dinheiro? — perguntou.

— Sim, senhor — respondeu o caixeiro. — Fui arranjar-o, pois não sei onde está o sr. Morton.

Abriu a gaveta da secretaria e tirou um maço de notas que entregou a lord Lister.

Raffles contou o dinheiro pausadamente e pondo o recibo em cima do balcão metheu as notas na carteira, dizendo:

— Causa-me estranheza que o sr. Morton, de quem sou freguez ha já annos e a quem considero homem experiente em negocios, não tenha querido effectuar a venda. Queira dar-lhe recommendações minhas.

Sorrindo com ironia, sahiu de novo da joalheria.

Ao sair, ouviu um dos empregados dizer:

— Maladetto!

Raffles fechou a porta e accendeu uma cigarrilha.

— Agora, quero mandar estes dois patifes para Scotland-Yard — disse elle a Carlos Brand, — com o que darei algum trabalho ao inspector Baxter, que parece estar a dormir ha algum tempo pois não dá que falar de si.

Metteram-se n'uma carruagem e seguiram para casa.

Meia hora depois saiam de novo, Raffles disfarçado em capitão da marinha ingleza, com barba grisalha, e Carlos Brand com um fato de creado irlandez.

De novo, tomando outra carruagem, se dirigiram para a joalheria Morton.

Ao entrarem ali, encontraram o caixeiro mais novo entretido em abrir varias caixas que continham joias.

— Venho — disse Raffles, mostrando uma carta assignada por Morton — por causa d'esta carta, que ha uma semana me dirigiu o sr. Morton, pedindo-me que lhe comprasse este predio. Onde está elle?

— O sr. Morton foi viajar — respondeu o caixeiro.

Era a mesma resposta que, como os leitores já sabem, o rapaz dava invariavelmente.

— Viajar? — volveu Raffles, simulando a maior estupefacção — Mas se o sr. Morton me mandou dizer que me esperava hoje!?

— Sinto muito — retorquiu o caixeiro — mas teve de sair de Londres por causa de negocios que tinha de concluir estes dias.

— O fact
desgosta - m
— disse o ca-
pitão de ma-

rinha — pois disponho de muito pouco tempo e logo á noite tenho de estar de novo a bordo. No emtanto, apesar do dono da casa estar ausente, creio que não terá duvida em m'a mostrar.

O rapaz não soube o que havia de responder. O olhar dirigia-se-lhe de Raffles a Carlos, e pôz-se a tremer.

— Já conheço a casa ha tempo — continuou o capitão — e, se me não engano, na parte trazeira do estabelecimento ha um grande quarto que deita uma porta para o vestibulo. Dê-me licença que entre.

Sem esperar a resposta do rapaz, que parecia ter ficado petrificado, dirigiu-se Raffles para dentro do balcão e preparava-se para abrir a porta do quarto em que falára quando o caixeiro, dando um salto, correu para elle e, dando-lhe um empurrão, exclamou:

Espere, meu caro senhor! O sr. Morton prohibiu-me terminantemente que deixasse entrar quem quer que fosse no interior da casa enquanto elle estivesse ausente.

— Deixe-se de tolices! — respondeu o capitão.

E deu uma palmada amigavel nas costas do caixeiro. Debalde tentou este impedir que elle entrasse. Antes de ter podido articular uma palavra que fosse, Raffles abria a porta, soltando immediatamente uma bem simulada exclamação de surpreza.

Ao mesmo tempo fitava o olhar na cama em que jazia o joalheiro, cujo rosto parecia modelado em cera.

N'esse momento, tentou o caixeiro, que Raffles agarrára com força, fugir, mas recebeu na cabeça um murro tão tremendo que caiu desmaiado no chão.

Em seguida, Raffles dirigiu-se para o aparelho telephonico e pediu comunicação com Scotland-Yard.

— Mandem immediatamente alguns policias a Lincolnstreet, ao estabelecimento do joalheiro Morton — disse elle ao policia que estava de serviço. — Foi commettido um grande crime aqui.

Ainda não tinham decorrido dez minutos e parava um automovel á porta da joalheria.

Raffles disse a Carlos Brand, apontando para os policias por entre os vidros das montras:

— E' claro que o nosso velho amigo o inspector Baxter quer ter a gloria de ser elle quem pessoalmente descubra o crime.

Assim era, com effecto. O inspector de policia foi o primeiro a entrar no estabelecimento. Raffles apresentou-se-lhe como seudo o capitão da marinha ingleza sir Carlos Lobster.

Rapidamente, contou-lhe, mostrando-lhe a carta de Morton — carta escripta, como se suppõe facilmente por lord Lister — que o caixeiro lhe havia mentido dizendo-lhe que o joalheiro andava viajando, quando na realidade esiava morto e o cadaver se encontrava na cama do quarto das trazeiras.

Aquella mentira havia-o feito conceber suspeitas e por esse motivo avisára a policia.

— Agradeço-lhe — disse Baxter, fazendo a saudação militar.

E voltando-se para os agentes:

— Algemem esse homem.

Os policiaes que acompanhavam o inspector levantaram o caixeiro do chão, pondo-lhe algemas de aço. Ao mesmo tempo o agente Marholm, ou o *Percevejo*, como era mais conhecido entre a policia londrina, ao levantar a manga do casaco do preso, deu de subito um salto para traz, como se tivesse tocado n'um ferro em braza, exclamando:

— Veja esta tatuagem, sr. inspector.

Baxter, os agentes, Raffles e Carlos Brand olharam para o sitio indicado pelo *Percevejo* e viram no braço esquerdo do rapaz uma tatuagem representando uma mão negra com os dedos crispados.

— O signal da Mão Negra! — exclamou o inspector Baxter. — Trata-se dos peores criminosos de todo o muudo. Este homem é membro da sociedade secreta chamada a Maffia.

N'esse momento abriu-se a porta do quarto contiguo e á entrada appareceu o companheiro do preso, com um revolver na mão direita e um punhal na esquerda.

— Maldição! — exclamou elle. — Que querem os senhores d'aqui?

— Prender-te! — disse Baxter.

— O diabo os leve a todos juntos! — respondeu o italiano, erguendo o revolver para fazer fogo contra o inspector.

Mas n'esse momento soou uma detonação por detraz de Baxter.

Soltando uma blasphemia, o italiano deixou cair o revolver e da mão saiu-lhe um jorro de sangue. Immediatamente os agentes precipitaram-se sobre elle, tiraram-lhe o punhal e amarraram-no, não sem que primeiro tivessem de lutar alguns instantes com elle.

— Quem foi que deu o tiro? — perguntou Baxter.

— Eu — respondeu Raffles, accendendo uma cigarrilha.

O inspector curvou-se deante d'elle, dizendo:

— Devo-lhe a vida.

O capitão de marinha sorriu respondendo:

— E' para mim um grande prazer ter-lhe salvo a vida, sr. inspector.

Marholm disse, dirigindo-se ao seu chefe:

— Queira verificar, sr. inspector. Este homem tambem tem no braço esquerdo o signal da Mão Negra.

Baxter dirigiu-lhe um olhar e dirigiu-se, acompanhado pelo medico que trouxera, para o aposento onde estava o morto.

O medico declarou que, sem ser autopsiado, lhe era impossivel saber se a morte fôra natural ou violenta.

— Revistem a casa — ordenou o inspector.

Todos se dirigiram para os andares superiores.

Nada ali se encontrou de suspeito. Apenas se viam os moveis na maior confusão e se notava que havia alguns dias que a casa não tinha sido varrida.

N'um dos aposentos viam-se varias peças de traje feminino, como se na casa tivesse habitado uma mulher. Foi sem resultado que os agentes de policia procuraram essa mulher por todos os cantos. Ao que parecia, ella tinha fugido.

Comtudo, tanto Raffles como o inspector Baxter tinham tido a esperanza de encontrar mais alguma coisa que pudesse esclarecer o mysterio da morte do joalheiro.

No aposento referido, Raffles encontrou sobre uma banca de cabeceira uma barba branca.

Os agentes de policia examinaram-na com o maior interesse, dando de balde tratos á imaginação para adivinharem para o que essa barba servia.

Mas Raffles comprehendeu immediatamente. Pôz a barba no rosto do italiano mais edoso e, rindo, disse:

— Aqui está o sr. Morton, meus senhores, e muito bem imitado, devemos concordar.

O preso dirigiu-lhe um olhar carregado de odio.

Raffles havia descoberto o mysterio. O italiano fôra aquelle a quem na noite anterior tomára por Morton, aquelle que estava mostrando as joias á tal dama.

O inspector Baxter interrogou os vizinhos para indagar quem eram os creados de Morton e se algum d'elles sabia onde elles estavam.

Com grande assombro de Baxter e de Raffles, os vizinhos indicaram o italiano mais edoso como sendo o creado do joalheiro. Quanto á governante não puderam dar esclarecimentos precisos e os presos nada quizeram dizer.

Apenas Raffles sabia que rosto ella tinha. Era com certeza a senhora que elle havia visto na noite anterior no estabelecimento: uma verdadeira formosura. Lord Lister pensava intimamente que com certeza a encontraria no club de Picadilly ou nos restaurantes do Strand.

Despediu-se do inspector Baxter, prometendo-lhe que no dia seguinte o visitaria em Scotland-Yard.

Depois de lord Lister ter saído da joalheria, Baxter chamou o agente Marholm, a quem disse:

— Vá chamar o capitão, pois me esqueci de lhe pedir a morada.

O *Percevejo* correu o mais que a gordura lh'o permittia atraz de Raffles, conseguindo apanhar-o quando este subia para um automovel.

— Queira esperar um momento, — exclamou quasi sem poder respirar.

Raffles mandou parar e perguntou-lhe o que queria.

— O inspector Baxter deseja saber a sua morada, pois precisa sabel-a para redigir o auto.

— Está bem — respondeu Raffles.

— Aqui tem o meu bilhete de visita.

Tirou um bilhete da carteira, dobrou-o ao meio e entregou-o a Marholm.

— Os meus cumprimentos ao inspector e queira repetir-lhe que fiquei satisfeittissimo em lhe ter salvo a vida, — disse elle.

E ordenou ao *chauffeur* que seguisse com toda a velocidade.

— Assim o farei, — poude ainda dizer Marholm, vendo desaparecer o automovel entre o grande numero de vehiculos que por alli circulavam.

Com toda a lentidão, dirigiu-se para a joalheria, para entregar a Baxter o bilhete de visita do capitão. Antes de entrar no estabelecimento, desdobrou-o, a fim de lêr o nome.

De subito deu tal grito de surpresa que os transeuntes pararam, para vêr do que se tratava. Depois soltou uma gargalhada e os que haviam parado imaginaram que elle estava embriagado ou doido.

Quando entregou o bilhete a Baxter, ria ainda a bandeiras despregadas. O inspector deu um salto, como se tivesse sido mordido por uma vibora, exclamando:

— Raffles!

— Sim, senhor — disse o *Percevejo*, perdido ainda de riso — John Raffles manda-nos o seu bilhete de visita! Com mil bombas! Lord Lister merece ser inspector da policia de Londres!

Os outros agentes riram a bom rir. Apenas os dois membros da Mão Negra trocaram um olhar de intelligencia.

Sabiam já quem os deitára a perder e juraram em silencio uma sangrenta vingança.

CAPITULO IV

EM CASA DO

«AMO VERMELHO»

Todos os jornaes da noite publicavam a noticia da prisão dos membros da Mão Negra e as extraordinarias circumstancias em que a captura havia sido effectuada.

— John Raffles, o descobridor do crime! — apregoavam os vendedores, dando assim a Raffles um novo nome.

Uma senhora que passeava pelo Strand comprou um dos jornaes. Parecia ter muita pressa, porque deu um shilling ao vendedor e, sem esperar pelo troco, afastou-se.

O vendedor, que era um bom e honesto rapaz, julgando que ella se havia enganado, deitou a correr, alcançando-a no momento em que ella se mettia num automovel.

— Guarda o troco! — disse ella, dando ordem ao *chauffeur* para seguir depressa.

Depois de se sentar, ergueu o véu que lhe cobria o rosto e com mão tremula desdobrou o jornal.

O titulo do artigo, que vinha na primeira pagina, era o seguinte: *Raffles contra a Mão Negra*. Seguiu-se a narrativa do que acontecera na joalheria Morton, noticia extraordinariamente sensacional e que era descripta pormenorissadamente.

Durante a leitura, o rosto da leitora assumiu uma expressão a que poderiamos chamar diabolica. Os labios cerraram-se-lhe e quando terminou a leitura atirou, encolerizada, com o jornal para o lado, exclamando por entre dentes:

— Fomos descobertos! Maldito seja Raffles!

E com o pequenino pé começou a bater nervosamente no fundo do vehiculo.

A fim de se tranquillizar, tirou da malasinha de mão uma cigarrilha, que accendeu e que começou a fumar com volupia.

Notando-se-lhe nos gestos a maior impaciência, enquanto o automovel corria, olhava por detraz dos vidros, para os passeios da rua.

No rosto via-se-lhe a expressão de uma grande indignação e os olhos despediam raios de furor, semelhantes aos de um felino quando no meio da escuridão procura uma victima.

Foi grande o trajecto. O automovel dirigiu-se, pelas margens do Tamisa, para Tower. Ao chegar a ponte, ordenou ao *chauffeur* que parasse, abriu a portinhola e chamou um transeunte de barba preta.

Este dirigiu-se para o automovel e o *chauffeur* ponde ouvil-os trocar algumas palavras em italiano.

Depois, o homem disse, subindo para o automovel e sentando-se ao lado da senhora.

— Vá seguindo.

— Que diz da prisão dos nossos dois camaradas, Charlotto? — perguntou ella ao companheiro.

— Maldito acontecimento, *miss Toni* — respondeu o homem de barba preta. — Ha pouco que o soube e estava a pensar se devíamos ir immediatamente ao club.

— Devemos libertar immediatamente os nossos camaradas e tratar do

Lister. Fui muito estúpido, pois não devia ter-lhes dado o collar. Sem duvida, elles tinham receio que os descobrissem e esperavam vendel-o por bom preço.

“Teria sido um bom negocio e se se tivesse effectuado teríamos alguns milhares de libras, a não ser que...”

Calou-se, mordendo os labios.

Em seguida, sorriu-se, accrescentando :

— Se Raffles nos não tivesse roubado o collar e as duas mil libras e mandado para Scotland-Yard os dois patifes, seria na realidade caso para rir, apesar de serem meus camaradas. Que pena! Aquelle homem devia ser o chefe supremo da Mão Negra. Creio que se assim fôsse poderíamos impunemente deitar Londres inteira ao Tamisa e ficarmos com o dinheiro de toda a cidade.

— Desagradam-me essas palavras, — respondeu a joven, que dava pelo nome de *miss Toni*. — Em vez de odial-o parece que se alegra com o que nos succedeu.

— Rio-me da astucia de Raffles — respondeu o homem da barba preta. — Quan-

Miss Toni parecia conhecer a casa, pois, sem fazer pergunta alguma, subiu a escada para o primeiro andar e entrou n'uma sala onde se encontravam diversos individuos.

Pelos cabellos pretos e rostos morenos, conhecia-se que eram italianos.

Com a vivacidade propria dos paizes meridionaes cumprimentaram *miss Toni*, e o que a acompanhava ajudou-a com a maior galanteria a tirar a capa.

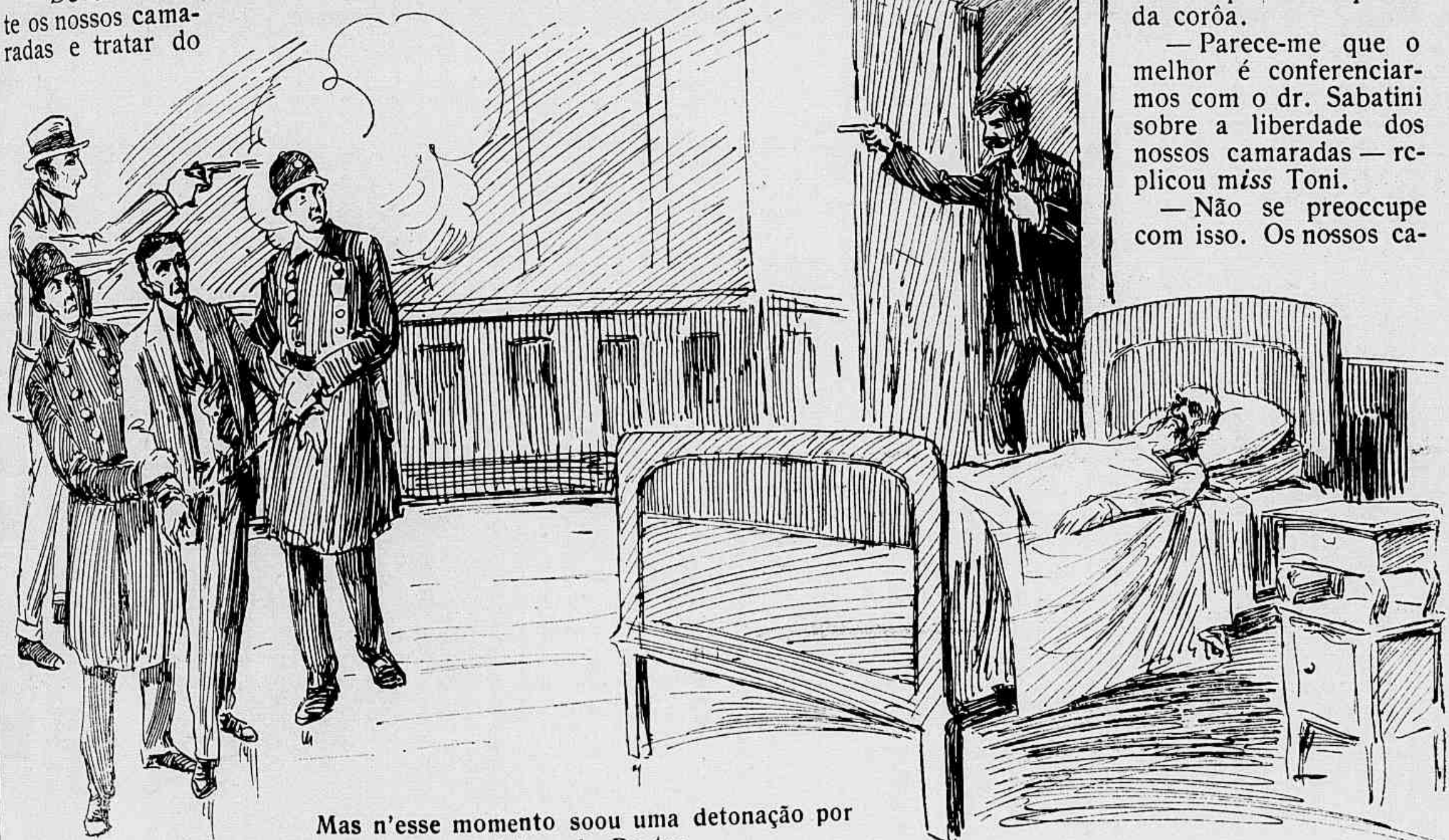
Pareciam pertencer á sociedade mais elevada. Estavam vestidos com a maior elegancia e eram descendentes de nobres familias italianas, pois *miss Toni* dava-lhes os titulos de conde a uns e de barão a outros. Ninguém teria suspeitado de que aquelles homens eram membros da terrivel e temida associação da Mão Negra.

— Onde está o dr. Sabatini? — perguntou a joven a um delles.

— Está em conferencia com Sergio Iwanowitsch na sala contigua. O russo chegou hoje de S. Petersburgo, trazendo noticias interessantes. Planeia-se ali uma nova revolução e esperamos que d'esta vez tiraremos maior proveito do que da outra, em que os timidos revolucionarios recuaram perante o poder da corôa.

— Parece-me que o melhor é conferenciamos com o dr. Sabatini sobre a liberdade dos nossos camaradas — replicou *miss Toni*.

— Não se preocupe com isso. Os nossos ca-



Mas n'esse momento soou uma detonação por detraz de Baxter

mais importante, isto é apoderarmos-nos desse Raffles, a quem infligiremos os peores e os mais horriveis martyrios. E' pelo menos esta a minha opinião.

O interlocutor da formosa joven encolheu os hombros, dizendo ao mesmo tempo :

— Julgo que conseguiremos pôr em liberdade os nossos collegas, mas duvido muito de que consigamos agarrar Raffles.

Ella bateu com o pé no fundo do vehiculo, irritada, exclamando :

— Pois devemos apanhal-o. Devia ter-se contentado com tirar a Pietro e a Jimmi o que haviam roubado na joalheria.

— Ah! Desde o principio suspeitei do comprador do collar de perolas. Suppunha que era um agente de policia. Ninguém seria capaz de suspeitar que tínhamos de haver-nos com lord

to ao resto, estamos de accôrdo, *miss Toni*, pois todo o que prejudique a nossa associação deve ser decapitado com uma navalha de barba.

O automovel parou naquelle instante junto da esquina duma rua escura, e os dois apearam-se. Depois de pagarem ao *chauffeur*, subiram a escura rua, parando em frente duma casa pouco larga, de dois andares. Alguns degraus levavam á porta da casa, na qual, por baixo da campainha, havia uma placa de porcellana, onde se lia a seguinte inscripção :

DOUTOR SABATINY

Medico cirurgião e parteiro

Tocaram a campainha. Veiu abrir a porta uma velha que cumprimentou os recém-chegados em italiano e os mandou entrar para o vestibulo.

maradas que estão em relações com os agentes de policia já receberam ordens do doutor. E' quasi certo que esta noite ainda se evadirão e virão aqui. Posso affirmar-lh'o, sem receio de me enganar e...

N'esse momento, ouviu-se tocar uma campainha de prata na sala proxima. Aquelle toque significava que o dr. Sabatini havia terminado a sua conferencia e que os que estavam esperando podiam entrar.

A joven entrou, seguida de todos os que ali se encontravam, na sala onde se achava o medico.

A sala estava mobilada com moveis pesados e severos. Ao lado das janelas, occultas por cortinas de rico tecido, havia uma mesa d'um esculpido precioso. Dois candelabros de prata illuminavam a sala e em frente da mesa estava sentado um velho de barba branca cujo rosto trazia á mente a re-

Rapidamente, contou-lhe, mostrando-lhe a carta de Morton — carta escripta, como se suppõe facilmente por lord Lister — que o caixeiro lhe havia mentido dizendo-lhe que o joalheiro andava viajando, quando na realidade esiava morto e o cadaver se encontrava na cama do quarto das trazeiras.

Aquella mentira havia-o feito conceber suspeitas e por esse motivo avisára a policia.

— Agradeço-lhe — disse Baxter, fazendo a saudação militar.

E voltando-se para os agentes:

— Algemem esse homem.

Os policiaes que acompanhavam o iuspector levantaram o caixeiro do chão, pondo-lhe algemas de aço. Ao mesmo tempo o agente Marholm, ou o *Percevejo*, como era mais conhecido entre a policia londrina, ao levantar a manga do casaco do preso, deu de subito um salto para traz, como se tivesse tocado n'um ferro em brasa, exclamando:

— Veja esta tatuagem, sr. inspector.

Baxter, os agentes, Raffles e Carlos Brand olharam para o sitio indicado pelo *Percevejo* e viram no braço esquerdo do rapaz uma tatuagem representando uma mão negra com os dedos crispados.

— O signal da Mão Negra! — exclamou o inspector Baxter. — Trata-se dos peores criminosos de todo o muudo. Este homem é membro da sociedade secreta chamada a Maffia.

N'esse momento abriu-se a porta do quarto contiguo e á entrada appareceu o companheiro do preso, com um revolver na mão direita e um punhal na esquerda.

— Maldição! — exclamou elle. — Que querem os senhores d'aqui?

— Prender-te! — disse Baxter.

— O diabo os leve a todos juntos! — respondeu o italiano, erguendo o revolver para fazer fogo contra o inspector.

Mas n'esse momento soou uma detonação por detraz de Baxter.

Soltando uma blasphemia, o italiano deixou cair o revolver e da mão saiu-lhe um jorro de sangue. Immediatamente os agentes precipitaram-se sobre elle, tiraram-lhe o punhal e amarraram-no, não sem que primeiro tivessem de lutar alguns instantes com elle.

— Quem foi que deu o tiro? — perguntou Baxter.

— Eu — respondeu Raffles, accendendo uma cigarrilha.

O inspector curvou-se deante d'elle, dizendo:

— Devo-lhe a vida.

O capitão de marinha sorriu respondendo:

— E' para mim um grande prazer ter-lhe salvo a vida, sr. inspector. Marholm disse, dirigindo-se ao seu chefe:

— Queira verificar, sr. inspector. Este homem tambem tem no braço esquerdo o signal da Mão Negra.

Baxter dirigiu-lhe um olhar e dirigiu-se, acompanhado pelo medico que trouxera, para o aposento onde estava o morto.

O medico declarou que, sem ser autopsiado, lhe era impossivel saber se a morte fôra natural ou violenta.

— Revistem a casa — ordenou o inspector.

Todos se dirigiram para os andares superiores.

Nada ali se encontrou de suspeito. Apenas se viam os moveis na maior confusão e se notava que havia alguns dias que a casa não tinha sido varrida.

N'um dos aposentos viam-se varias peças de traje feminino, como se na casa tivesse habitado uma mulher. Foi sem resultado que os agentes de policia procuraram essa mulher por todos os cantos. Ao que parecia, ella tinha fugido.

Comtudo, tanto Raffles como o inspector Baxter tinham tido a esperanza de encontrar mais alguma coisa que pudessem esclarecer o mysterio da morte do joalheiro.

No aposento referido, Raffles encontrou sobre uma banca de cabeceira uma barba branca.

Os agentes de policia examinaram-na com o maior interesse, dando debalde tratos á imaginação para adivinharem para o que essa barba servia.

Mas Raffles comprehendeu immediatamente. Pôz a barba no rosto do italiano mais edoso e, rindo, disse:

— Aqui está o sr. Morton, meus senhores, e muito bem imitado, devemos concordar.

O preso dirigiu-lhe um olhar carregado de odio.

Raffles havia descoberto o mysterio. O italiano fôra aquelle a quem na noite anterior tomára por Morton, aquelle que estava mostrando as joias á tal dama.

O inspector Baxter interrogou os visinhos para indagar quem eram os creados de Morton e se algum d'elles sabia onde elles estavam.

Com grande assombro de Baxter e de Raffles, os visinhos indicaram o italiano mais edoso como sendo o creado do joalheiro. Quanto á governante não puderam dar esclarecimentos precisos e os presos nada quizeram dizer.

Apenas Raffles sabia que rosto ella tinha. Era com certeza a senhora que elle havia visto na noite anterior no estabelecimento: uma verdadeira formosura. Lord Lister pensava intimamente que com certeza a encontraria no club de Picadilly ou nos restaurantes do Strand.

Despediu-se do inspector Baxter, promettendo-lhe que no dia seguinte o visitaria em Scotland-Yard.

Depois de lord Lister ter saído da joalheria, Baxter chamou o agente Marholm, a quem disse:

— Vá chamar o capitão, pois me esqueci de lhe pedir a morada.

O *Percevejo* correu o mais que a gordura lh'o permittia atraz de Raffles, conseguindo apanhar-o quando este subia para um automovel.

— Queira esperar um momento, — exclamou quasi sem poder respirar.

Raffles mandou parar e perguntou-lhe o que queria.

— O inspector Baxter deseja saber a sua morada, pois precisa sabel-a para redigir o auto.

— Está bem — respondeu Raffles.

— Aqui tem o meu bilhete de visita.

Tirou um bilhete da carteira, dobrou-o ao meio e entregou-o a Marholm.

— Os meus cumprimentos ao inspector e queira repetir-lhe que fiquei satisfeitissimo em lhe ter salvo a vida, — disse elle.

E ordenou ao *chauffeur* que seguisse com toda a velocidade.

— Assim o farei, — poudo ainda dizer Marholm, vendo desaparecer o automovel entre o grande numero de vehiculos que por alli circulavam.

Com toda a lentidão, dirigiu-se para a joalheria, para entregar a Baxter o bilhete de visita do capitão. Antes de entrar no estabelecimento, desdobrou-o, a fim de lêr o nome.

De subito deu tal grito de surpresa que os transeuntes pararam, para vêr do que se tratava. Depois soltou uma gargalhada e os que haviam parado imaginaram que elle estava embriagado ou doido.

Quando entregou o bilhete a Baxter, ria ainda a bandeiras despregadas. O inspector deu um salto, como se tivesse sido mordido por uma vibora, exclamando:

— Raffles!

— Sim, senhor — disse o *Percevejo*, perdido ainda de riso — John Raffles manda-nos o seu bilhete de visita! Com mil bombas! Lord Lister merece ser inspector da policia de Londres!

Os outros agentes riram a bom rir. Apenas os dois membros da Mão Negra trocaram um olhar de intelligencia. Sabiam já quem os deitára a perder e juraram em silencio uma sangrenta vingança.

CAPITULO IV

EM CASA DO

«AMO VERMELHO»

Todos os jornaes da noite publicavam a noticia da prisão dos membros da Mão Negra e as extraordinarias circunstancias em que a captura havia sido effectuada.

— John Raffles, o descobridor do crime! — apregoavam os vendedores, dando assim a Raffles um novo nome.

Uma senhora que passeava pelo Strand comprou um dos jornaes. Parecia ter muita pressa, porque deu um shilling ao vendedor e, sem esperar pelo troco, afastou-se.

O vendedor, que era um bom e honesto rapaz, julgando que ella se havia enganado, deitou a correr, alcançando-a no momento em que ella se mettia num automovel.

— Guarda o troco! — disse ella, dando ordem ao *chauffeur* para seguir depressa.

Depois de se sentar, ergueu o véu que lhe cobria o rosto e com mão tremula desdobrou o jornal.

O titulo do artigo, que vinha na primeira pagina, era o seguinte: *Raffles contra a Mão Negra*. Seguiu-se a narrativa do que acontecera na joalheria Morton, noticia extraordinariamente sensacional e que era descripta pormenorissadamente.

Durante a leitura, o rosto da leitora assumiu uma expressão a que poderiamos chamar diabolica. Os labios cerraram-se-lhe e quando terminou a leitura atirou, encolerizada, com o jornal para o lado, exclamando por entre dentes:

— Fomos descobertos! Maldito seja Raffles!

E com o pequenino pé começou a bater nervosamente no fundo do vehiculo.

A fim de se tranquillizar, tirou da malasinha de mão uma cigarrilha, que accendeu e que começou a fumar com volupia.

Notando-se-lhe nos gestos a maior impaciência, enquanto o automovel corria, olhava por detraz dos vidros, para os passeios da rua.

No rosto via-se-lhe a expressão de uma grande indignação e os olhos despediam raios de furor, semelhantes aos de um felino quando no meio da escuridão procura uma victima.

Foi grande o trajecto. O automovel dirigiu-se, pelas margens do Tamisa, para Tower. Ao chegar a ponte, ordenou ao *chauffeur* que parasse, abriu a portinhola e chamou um transeunte de barba preta.

Este dirigiu-se para o automovel e o *chauffeur* ponde ouvil-os trocar algumas palavras em italiano.

Depois, o homem disse, subindo para o automovel e sentando-se ao lado da senhora.

— Vá seguindo.

— Que diz da prisão dos nossos dois camaradas, Charlottó? — perguntou ella ao companheiro.

— Maldito acontecimento, *miss Toni* — respondeu o homem de barba preta. — Ha pouco que o soube e estava a pensar se deviamos ir immediatamente ao club.

— Devemos libertar immediatamente os nossos camaradas e tratar do

Lister. Fui muito estúpido, pois não devia ter-lhes dado o collar. Sem duvida, elles tinham receio que os descobrissem e esperavam vendel-o por bom preço.

— Teria sido um bom negocio e se se tivesse effectuado teriamos alguns milhares de libras, a não ser que...

Calou-se, mordendo os labios.

Em seguida, sorriu-se, accrescentando:

— Se Raffles nos não tivesse roubado o collar e as duas mil libras e mandado para Scotland-Yard os dois patifes, seria na realidade caso para rir, apesar de serem meus camaradas. Que pena! Aquelle homem devia ser o chefe supremo da Mão Negra. Creio que se assim fôsse poderíamos impunemente deitar Londres inteira ao Tamisa e ficarmos com o dinheiro de toda a cidade.

— Desagradam-me essas palavras, — respondeu a joven, que dava pelo nome de *miss Toni*. — Em vez de odial-o parece que se alegra com o que nos succedeu.

— Rio-me da astucia de Raffles — respondeu o homem da barba preta. — Quan-

Miss Toni parecia conhecer a casa, pois, sem fazer pergunta alguma, subiu a escada para o primeiro andar e entrou n'uma sala onde se encontravam diversos individuos.

Pelos cabellos pretos e rostos morenos, conhecia-se que eram italianos.

Com a vivacidade propria dos paizes meridionaes cumprimentaram *miss Toni*, e o que a acompanhava ajudou-a com a maior galanteria a tirar a capa.

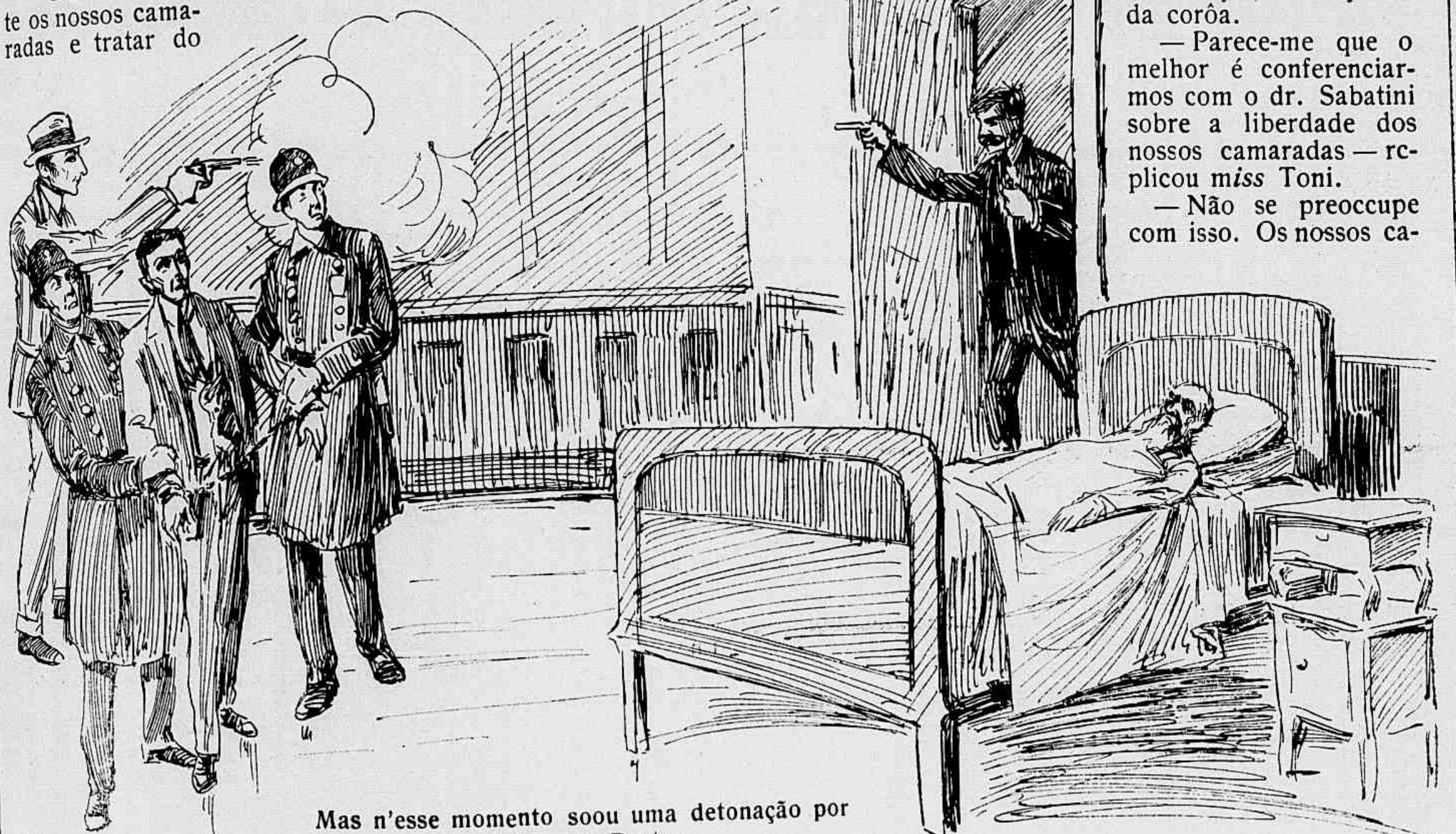
Pareciam pertencer á sociedade mais elevada. Estavam vestidos com a maior elegancia e eram descendentes de nobres familias italianas, pois *miss Toni* dava-lhes os titulos de conde a uns e de barão a outros. Ninguém teria suspeitado de que aquelles homens eram membros da terrivel e temida associação da Mão Negra.

— Onde está o dr. Sabatini? — perguntou a joven a um delles.

— Está em conferencia com Sergio Iwanowitsch na sala contigua. O russo chegou hoje de S. Petersburgo, trazendo noticias interessantes. Planeia-se ali uma nova revolução e esperamos que d'esta vez tiremos maior proveito do que da outra, em que os timidos revolucionarios recuaram perante o poder da corôa.

— Parece-me que o melhor é conferenciamos com o dr. Sabatini sobre a liberdade dos nossos camaradas — replicou *miss Toni*.

— Não se preocupe com isso. Os nossos ca-



Mas n'esse momento soou uma detonação por detraz de Baxter

mais importante, isto é apoderarmos-nos desse Raffles, a quem infligiremos os peores e os mais horriveis martyrios. E' pelo menos esta a minha opinião.

O interlocutor da formosa joven encolheu os hombros, dizendo ao mesmo tempo:

— Julgo que conseguiremos pôr em liberdade os nossos collegas, mas duvido muito de que consigamos agarrar Raffles.

Ella bateu com o pé no fundo do vehiculo, irritada, exclamando:

— Pois devemos apanhal-o. Devia ter-se contentado com tirar a Pietro e a Jimmi o que haviam roubado na joalheria.

— Ah! Desde o principio suspeitei do comprador do collar de perolas. Suppunha que era um agente de policia. Ninguém seria capaz de suspeitar que tinhamos de haver-nos com lord

to ao resto, estamos de accôrdo, *miss Toni*, pois todo o que prejudique a nossa associação deve ser decapitado com uma navalha de barba.

O automovel parou naquelle instante junto da esquina duma rua escura, e os dois apearam-se. Depois de pagarem ao *chauffeur*, subiram a escura rua, parando em frente duma casa pouco larga, de dois andares. Alguns degraus levavam á porta da casa, na qual, por baixo da campainha, havia uma placa de porcellana, onde se lia a seguinte inscripção:

DOCTOR SABATINY

Medico cirurgião e parteiro

Tocaram a campainha. Veiu abrir a porta uma velha que cumprimentou os recém-chegados em italiano e os mandou entrar para o vestibulo.

maradas que estão em relações com os agentes de policia já receberam ordens do doutor. E' quasi certo que esta noite ainda se evadirão e virão aqui. Posso afirmar-lh'o, sem receio de me enganar e...

N'esse momento, ouviu-se tocar uma campainha de prata na sala proxima. Aquelle toque significava que o dr. Sabatini havia terminado a sua conferencia e que os que estavam esperando podiam entrar.

A joven entrou, seguida de todos os que ali se encontravam, na sala onde se achava o medico.

A sala estava mobilada com moveis pesados e severos. Ao lado das janelas, occultas por cortinas de rico tecido, havia uma mesa d'um esculpido precioso. Dois candelabros de prata illuminavam a sala e em frente da mesa estava sentado um velho de barba branca cujo rosto trazia á mente a re-

cordação de um retrato de qualquer dos antigos doges de Veneza.

Era o dr. Sabatini, o cabeça da Mão Negra, o chefe supremo da mais temível e perigosa associação de todo o mundo.

Ninguém teria tomado aquelle veneravel ancião, de rosto risonho em que se lia a bondade, por um dos peores criminosos e, todavia, um tigre não era mais cruel que aquelle homem. Tinha orgulho em ter a alcunha de "O amo vermelho", porque o cheiro do sangue o inebriava e o derramar sangue causava-lhe um prazer inexprimível.

Todos ficaram junto da porta, sem se atreverem a entrar, guardando o mais respeitoso silencio, e só miss Toni, a um signal do ancião, se sentou na cadeira da qual acabava de se levantar o russo Iwanowitsch.

O dr. Sabatini dirigiu-lhe um olhar penetrante, ao mesmo tempo que dizia:

— Que enorme tolice fizeram!

— Uma tolice?—interrogou a joven em voz fraca.

— Sim, mais que uma tolice, uma estupidez crassa—replicou Sabatini.—Logo que mataram Morton, deviam ter-se apoderado do que de mais valor tivessem encontrado e desaparecer em seguida.

— Esperavamos vender por bom preço as joias do estabelecimento—respondeu a joven—e foi esse o motivo por que ali nos deixámos ficar.

— Os dois patetas devem ser castigados—disse o dr. Sabatini—Mandal-os-hei para a escola de Nova York para que entrem na secção dos "Principiantes". Parece impossivel que tenham podido dar cabo d'um negocio tão bem planeado.

"Depois de conseguir, por meio de cartas de recommendação, que pudessem entrar em casa do joalheiro, Pietro como creado e tu como governante, e quando haviam já feito passar desta a melhor vida o proprietario do estabelecimento e estavam senhores das perolas e dos brilhantes, sobrevém Raffles e deixam-se enganar por elle.

Em seguida, dirigindo-se aos que o escutavam em silencio, accrescentou:

— Aqui está um plano que acabo de traçar para castigar Raffles e os seus auxiliares. Por haver entregado á policia dois membros da nossa associação, no praso de tres dias será castigado com a pena de morte. Aqui está a sentença, conde Albergo.

Aquella a quem o doutor se dirigira avançou e ao chegar perto de Sabatini este entregou-lhe um pergaminho em cuja parte superior se viam uma mão negra, uma caveira e dois ossos em cruz.

N'aquelle pergaminho estava escripta a sentença de morte de John C. Raffles.

Depois do conde o ter lido em voz alta, o dr. Sabatini deu-lhe um sobrescripto, no qual, á machina de escrever, haviam posto a direcção de Raffles, ou antes de lord Lister.

— Este pergaminho deve ser hoje mesmo recebido pelo interessado—exclamou o medico.—Aqui está o plano que tracei. Sigam-no á risca e d'aqui a tres dias Raffles estará no outro mundo.

Fez signal com o dedo, como que indicando que não queria que estivessem ali mais tempo.

Com uma respeitosa reverencia, desapareceram os que ali se encontravam enquanto miss Toni beijava a mão que o ancião lhe estendia e na qual brilhava um diamante de grandes dimensões. Depois, tambem ella saiu da sala.

* *

Deviam ser duas horas da manhã quando a campainha da casa de lord Lister soou, despertando bruscamente o creado. Abrindo a janella que deitava para a rua e vendo um homem, cujo rosto estava occulto por um largo chapéo, perguntou-lhe o que desejava.

— Aqui está uma carta para ser entregue immediatamente a lord Lister—respondeu o visitante nocturno.

Entregou a carta ao creado e desapareceu.

O creado dirigiu-se ao quarto de cama de lord Lister e acordou-o.

Raffles rasgou o sobrescripto e leu o pergaminho que vinha dentro d'elle com a mesma tranquillidade como se estivesse lendo uma carta de negocios. Vestiu-se immediatamente, dirigindo-se em seguida para o quarto de Carlos Brand, a quem despertou.

Este, deveras surprehendido, levantou-se exclamando:

— Succedeu alguma coisa?

— Nada importante—respondeu Raffles—enviaram-me a minha sentença de morte.

— A tua sentença de morte?—repetiu Carlos, sem comprehender.—Commetteste acaso algum crime?

— Não—disse Raffles—mas commetti a insolencia de fazer prender pela policia dois membros de uma associação criminosa. Esta sentença de morte contém tambem a tua, amigo!

— O caso desagradame deveras—disse Carlos—pois não tenho vontade de abandonar o mundo de modo tão extraordinario. Que tencionas fazer?

— Amanhã mudaremos para a pequena casa de dois andares que ha dois mezes aluguei em Websterstreet—retorquiu Raffles.—Devemos abandonar por algum tempo esta casa, até termos anniquilado esse bando de criminosos. O caso é um pouco mais serio do que se tivéssemos de nos haver com os empregados de Scotland Yard. Vae ser um trabalho interessante e divertido a valer. Ou eu não mais me chame Raffles, ou veremos quem sae vencedor da luta que se vae travar. E a luta agrada-me, meu caro Carlos.

CAPITULO V

ASTUCIA CONTRA ASTUCIA

A rua de Webster era estreita e escura. Situada no bairro de Tower, ficava ali a pequena casa que Raffles havia alugado dois mezes antes para ter proximo da sua "villa", um outro ponto de refugio.

Tinha tres janellas na fachada e era destinada, segundo o costume inglez, a ser habitada por uma unica familia.

O antigo proprietario tinha morrido e John Raffles havia adquirido a casa com toda a mobilia.

— Teremos aqui de nos servir a nós mesmos—disse Raffles ao seu amigo, logo que ali se encontraram.—Não quero que ninguém note que a casa está habitada. Conservaremos fechadas as jauellas e, corridas as espessas

cortinas que trouxemos, poderemos accender luz sem que nenhum transeunte a possa vêr. Primeiro que tudo devemos estar aqui com toda commodidade. Accenderei o fogão e tu podes ir buscar á dispensa alguma coisa para comermos.

Passada uma hora, estavam tomando chá em frente do fogão ao mesmo tempo que Raffles contava a Carlos Brand diversos episodios da sua vida na India e na Africa.

Ao escurecer, Raffles apagou a luz, fechou o fogão e correu as cortinas das janellas. Pelas fendas podia vêr o que se passava na rua, pois um candeeiro que estava em frente da casa dava bastante luz.

Havia já alguns minutos que Raffles estava observando a rua, quando de repente disse, dirigindo-se a Carlos:

— Chega-te aqui, Carlos, e observa aquelle homem que está sentado á entrada da casa ali em frente e olha para aqui como se este predio fosse o palacio de Westminster ou de Buckingham.

Carlos Brand olhou para a rua durante alguns segundos e, com effeito, viu um homem sentado no sitio que Raffles lhe indicára.

— Quem te parece que seja?—perguntou Raffles.

Carlos contemplou durante um momento aquelle homem.

— Não posso ver-lhe o rosto, pois tem o chapéu enterrado até ás orelhas—disse elle.—Mas, pelo fato, parece ser um vendedor ambulante italiano, d'esses que percorrem as ruas de Londres.

— Tens razão—retorquiu Raffles—não é nenhum agente de policia, mas vendedor ambulante italiano.

— Do que é que deduzes que tenho razão?—perguntou Carlos.

— E' muito simples. Um fato daquelles não denuncia nenhum agente de policia, pois chamaria demasiado a attenção. Os disfarces, meu amigo, ou devem ser vestidos de modo que não chamem a attenção ou então como o do empregado publico e do militar devem infundir respeito.

— Que interesse póde ter aquelle homem em estar a observar a nossa casa?

— E's um pateta—disse Raffles.—Apesar de todas as minhas precauções, conseguiram aquelles patifes seguir-nos a pista; aquelle homem que está ali, na porta da frente, é tambem com certeza um membro da Mão Negra e apostaria dez libras contra um shilling em como me não engano.

"Todos os italianos que vendem fructa pelas ruas pertencem á Mão Negra. Apesar d'isso, vou pregar uma partida áquelle desavergonhado. Não gosto de ter sentinellas á minha casa.

— Que vaes fazer?

— Lá vamos. Aquella gente deve comprehender que me não mette medo. Qualquer criminoso inglez que morre no patibulo é um cavalheiro comparado com aquelles covardes e traidores. São verdadeiros demonios em fórma humana. Não respeitam idade nem sexo. E agora, Carlos, vaes mostrar que aprendeste alguma coisa comigo, pois vae afastar este homem d'aqui.

— Está bem—respondeu Carlos Brand—dize-me o que devo fazer.

(Conclue no proximo numero)



CASA COLOMBO

SECÇÃO DE SENHORAS



Elegantes serviços
para chá 15\$

FASEMOS FESTONNÉ E
PONTO A JOUR
A PREÇOS
SEM COMPETENCIA

569
Saia de brim branco inglez
guarnecida com ponto à jour,
ultimo modelo 19\$500

Blusa, de nansuck guarneci-
da com ponto a jour e bordada a
mão. 12\$

Meias americanas mercerisa-
das brancas, pretas e marron
par 3\$500

Chapeus, ultimos modelos
para todos os preços.

507
Vestido de brim branco inglez
guarnecido com fes-
tonné 36\$

Meias fio de Escossia
marron. 4\$500
cores 5\$500
pretas. 9\$000

Ultimas criações em sapa-
tos, em couro magis para Senho-
ras 25\$

CASA COLOMBO
AVENIDA E OUVIDOR

GRANADO & C.

CASA FUNDADA EM 1870

Premiados com o Grande Premio e duas Medalhas de Ouro, na Exposição Nacional de 1908

CASA MATRIZ:

14, 16 e 18, Rua 1.ª de Março, 14, 16 e 18

UNICA FILIAL:

Rua Visconde do Rio Branco, 31

LABORATORIO A VAPOR:

Rua do Senado, 48

RIO DE JANEIRO

DROGAS,

productos chimicos e pharmaceuticos, de legitimidade, pezo e medição garantidos,

A PREÇO FIXO.

Vejam os nossos catalogos

SAQUES

Sobre Portugal, Hespanha, Italia, França, Londres, etc.

ZENHA, RAMOS & C.

Rua Primeiro de Março, n. 73

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166 — Rua do Ouvidor — 166

ROCHA POMBO: Dicionario de Synonimos da lingua portugueza, 1 vol. 651 paginas

6\$000

JOÃO DO NORTE: Praias e Varzeas, 1 vol.

2\$900

AFRANIO PEIXOTO: Maria Bonita, romance

3\$000

FABIO LUZ: Elias Barrão, 1 vol. brochado

3\$000

NA VIDA INSTALLE-SE BEM

COMPRE MOVEIS

RED-STAR

Pagamento á vista e em prestações combinadas

R. GONÇALVES DIAS, 71
:: URUGUAYANA, 82 ::

AO MOINHO DE OURO

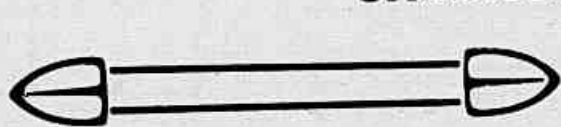
CAFE' SEM EGUAL

«BONBONS» FINOS

2, RUA LUIZ DE CAMÕES, 2

Loterias da Capital Federal — Companhia de Loterias Nacionais do Brasil

SABBADO, 28 DE ABRIL — Às 3 horas da tarde — 3 46 — 17*



25:000\$000



INTEIROS 1\$400 — MEIOS A 700 reis

Agentes Geraes: NAZARETH & C. — Rua do Ouvidor, 94 — Caixa 817 — Teleg. LUSVEL

La coiffure chic par A. DORET

Madame a besoin d'une belle coiffure...

Madame veut-elle être artistiquement coiffée?

A. Doret est le coiffeur de toutes les véritables élégantes, il coiffe chic.

Il sait mettre en relief et faire valoir la beauté, l'expression du visage, sans altérer l'harmonie de la forme.

Creme Auto Massage á la mousse de Rose

5\$000

Lait des Déeses au suc de Rose

5\$000

o emprego desses dois preparados tira rugas, cravos e manchas em 10 dias

Fluide d'or (aloura o cabelo em um mez; unico preparado sem agua oxigenada) vidro

5\$000

Poliongles (lustra as unhas em um minuto)

5\$000

Lotion des Déeses, contra a queda dos cabellos; acaba com a caspa

5\$000

Henné Doret, tinge cabellos em louro, castanho claro, acajou

10\$000

Eau de Cologne Russe

22\$000

Ambrée Doret

12\$000

7\$000

A' VENDA NAS CASAS BAZIN E RAUNIER

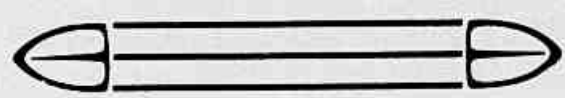
E NA AVENIDA RIO BRANCO, 147



C'est Doret qui me coiffe.

ARISTOLINO

AGRADAVELMENTE PERFUMADO



PODEROSAMENTE ANTISEPTICO

A ESPUMA
DO

**Sabão
Aristolino**

ALE'M DE
PERFUMADA
E' ANTISE-
PTICA E
CURATIVA

Não tome ba-
nho sem o

**Sabão
Aristolino**

Não lave a ca-
beça sem o

**Sabão
Aristolino**

Não lave o ros-
to sem o

**Sabão
Aristolino**



O SABÃO PRE-
FERIDO PELO
SEU PERFUME
SUAVE e PELAS
SUAS EXTRA-
ORDINARIAS
VIRTUDES
CURATIVAS

E' HYGIENICO e

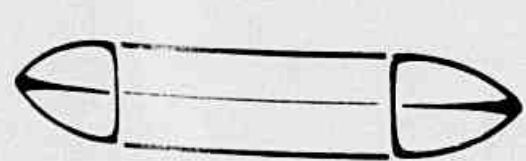
MICROBICIDA

CICATRISANTE
E ANTI-ECZE-
MATOSO

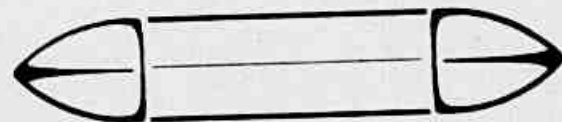
Concorrendo
para cura das

Manchas
Sardas
Espinhas
Rugosidades
Cravos
Vermelhidões
Comedões
Irritações
Frieiras
Feridas
Eczemas
Darthros
Queimaduras
Contusões
Erysipelas

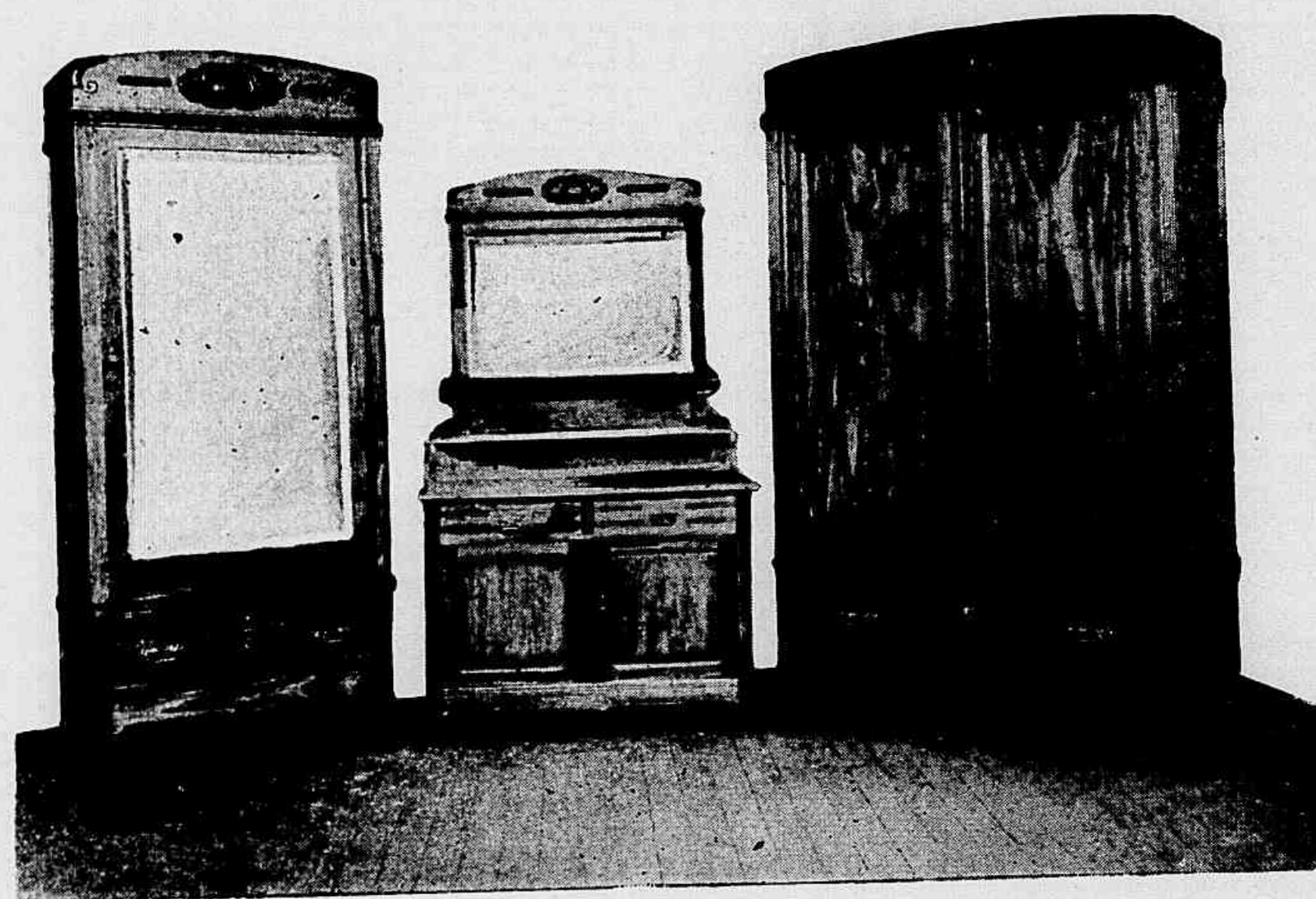
para AMACIAR e
LIMPAR a CUTIS
para a PROPHY-
LAXIA e CURA
DAS DIVERSAS
DOENÇAS DO
COURO CABEL-
LUDO e para o
asseio e boa hy-
giene do corpo.



VIDRO 2\$0000



A' VENDA EM TODA A PARTE



Casa Martins

Rua da Carioca, 67

RIO

Telephone Central 971

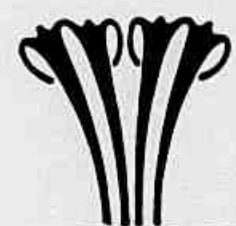
MARTINS & MAIA



DORMITORIO 1 Guarda vestidos 1 Cama 580\$
1 Guarda casacas 2 Mesas de cabeceira
1 Toilette 1 Porta toalhas 7 Peças



SALA DE VISITAS 6 Cadeiras 12 Peças 280\$000
1 Sofá 1 Porta-bibelots
2 Poltronas 2 Columnas

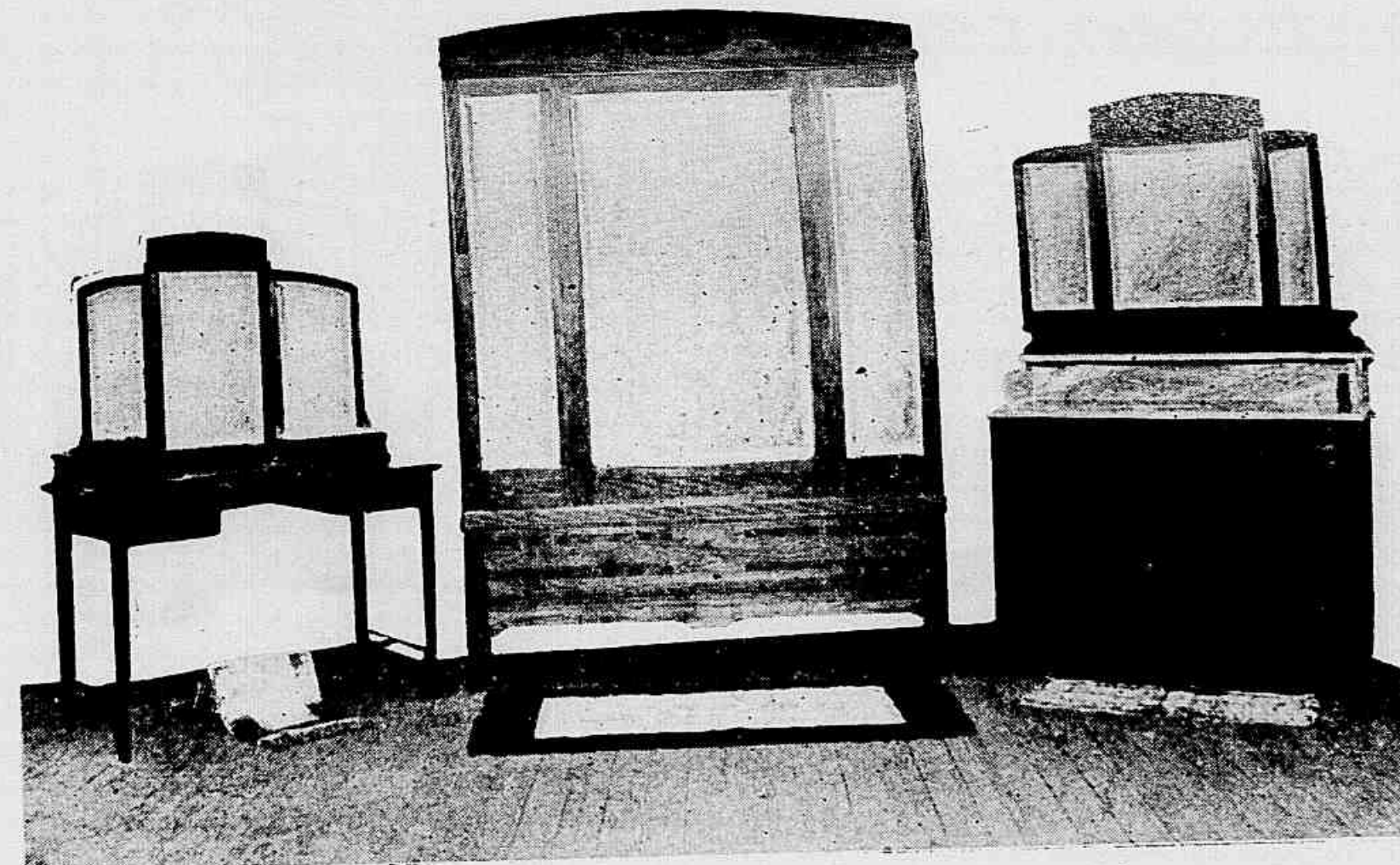
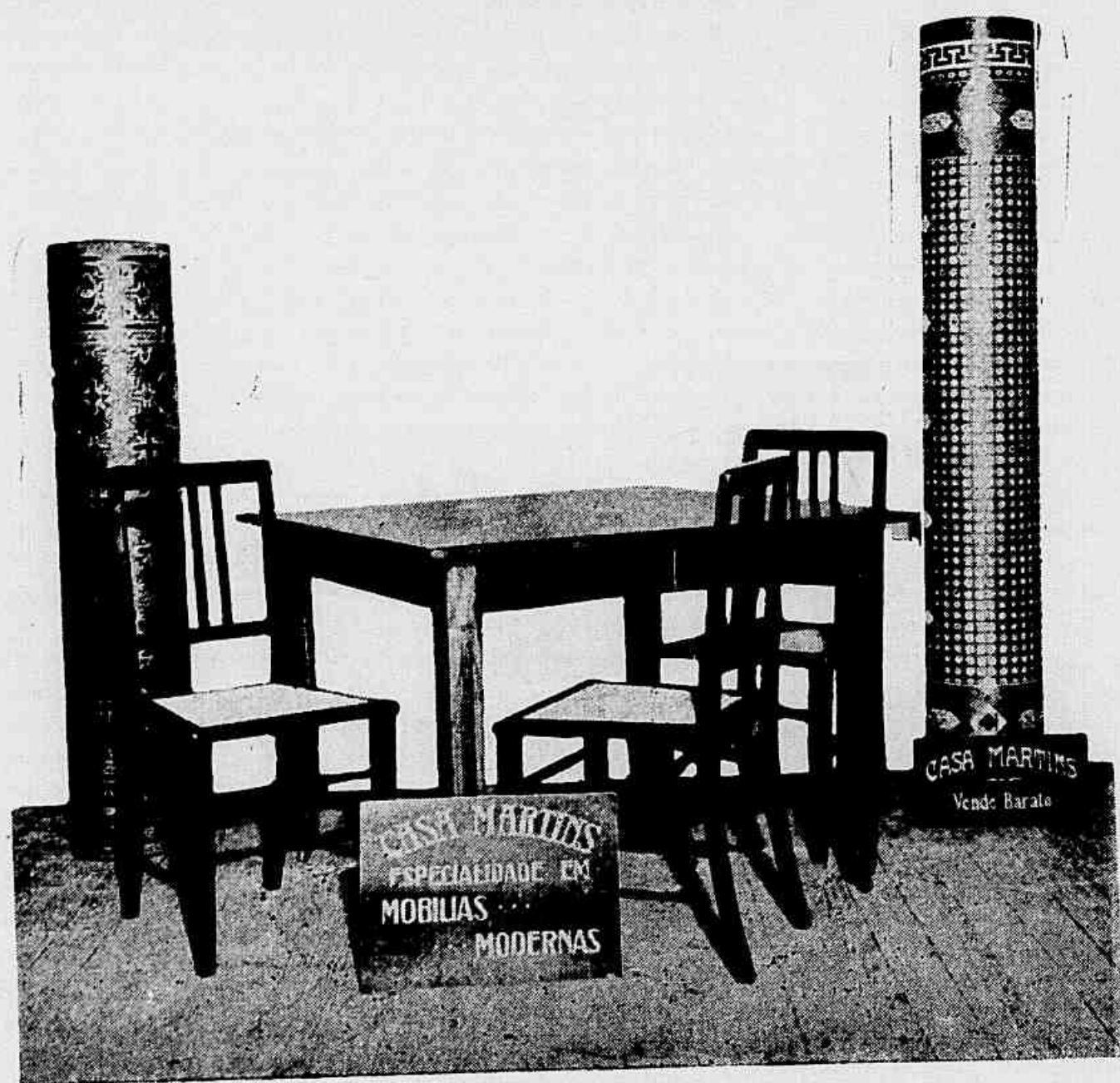
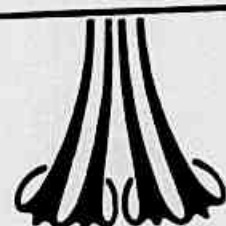


SALA DE JANTAR

- 1 Buffet
- 1 Etagère
- 1 Christaleira
- 1 Meza
- 12 Cadeiras

16 PEÇAS

650\$000



SOLIDO DORMITORIO
Guarda Vestidos 3 espelhos
Toilette

Penteadeiras
Cama
2 Mezas

6 PEÇAS

730\$



Emulsão de Scott

REMEDIO PODEROSO
CONTRA A TISICA E
DOENÇAS DO PEITO

Se lhe dóe o estomago
beba agua morna

CONSELHO DE UM ESPECIALISTA

«Si os dyspepticos e outros que soffram de flatulencia, indigestão, acidez, catarrho gastrico, etc. tomassem apenas uma quarta parte de uma colherinha de magnesia *bisurada* pura em meio copo d'agua morna immediatamente depois da comida, logo perderiam a noção de haverem sido victimas das enfermidades do estomago, e os medicos seriam forçados a procurar doentes em outro terreno». Explicando estas phrases, accrescentou o especialista que a maioria das enfermidades do estomago se deviam á acidez e á fermentação dos alimentos combinadas com a escassa alimentação de sangue ao estomago. A agua quente serve como acelerador do sangue e a magnesia *bisurada* neutraliza o acido e evita a fermentação dos alimentos; consequentemente a combinação das duas é de grande efficacia e preferivel em todos os sentidos ao uzo de digestivos artificiaes, estimulantes e medicamentos. Ao comprar na drogaria ou na pharmacia a magnesia *bisurada*, deve-se verificar que seja acondicionada em frasco azul porque assim se conservará por um espaço de tempo indefinido.

O LOPES

E' quem dá a fortuna mais
rapida nas loterias e offerece
mais vantagens ao publico

MATRIZ

RUA DO OUVIDOR, 151

FILIAES

RUA DA QUITANDA. N. 79

RUA GENERAL CAMARA N. 363

RUA 1' DE MARÇO N. 53

LARGO DO ESTACIO DE SA', N. 89

NOS ESTADOS

S. PAULO

E. DO RIO - CAMPOS

RUA 13 DE MAIO, 51

PETROPOLIS

AVENIDA 15 DE NOVEMBRO, 848



A maior e mais completa fabrica de
calçado da America do Sul

☐ ☐ ☐ **CALÇADO COOK** ☐ ☐ ☐

Endereço telegraphico BORDALLO

Caixa postal 1132 - Telep. 1577 C.

BORDALLO & C.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Rua José Mauricio, 55 a 61

Antiga do Nuncio

HOMŒOPATHICOS VIDENTES

A todos que soffrem de qualquer molestia, esta sociedade beneficente fornece, *gratuitamente*, diagnosticos de molestia. Só mandar o nome, idade, residencia e profissão. Caixa postal n. 1.027 — Rio de Janeiro. Sello para a resposta.

PREFERIR O

AO 1^o BARATEIRO

E' TER CERTEZA DE POSSUIR UMA CONFECÇÃO
ELEGANTE POR UM PREÇO RELATIVAMENTE BARATO



Visite a secção de
vestidos no 1.º andar e
V. Ex. se convencerá
da modicidade dos
nossos preços.

Vestido de voile dois tons,
golla de mol-mol Rs. 75\$000

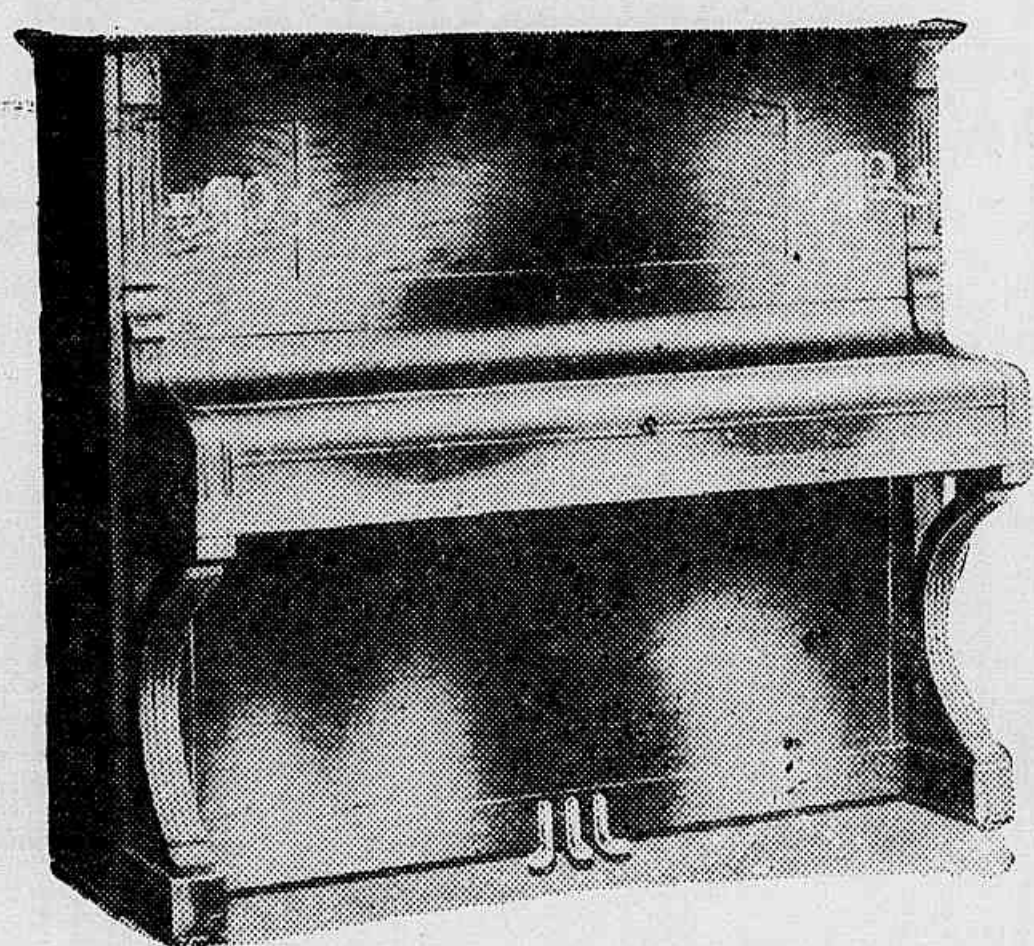
AVEDIDA RIO BRANCO, 100

Casa Filial: **AU PETIT MARCHÉ**

OUVIDOR, 86

O PIANO
HENSEL

Modelo 48



E' um piano de assombrosa duração, de linda apparencia e de esplendidas vozes. Construido por

Hardman, Peck & C.

eximios fabricantes que fizeram do Hardman o Piano official da Opera Metropolitana de Nova York, a mais importante organização musical do mundo.

O "HENSEL" é um dos muitos instrumentos que Hardman, Peck & C. fabricam para a America do Sul e paizes tropicaes.

HARDMAN, PECK & C.

Fundada em 1842

433, FIFTH AVENUE—NOVA YORK
U. S. A.

O **HENSEL** SE ENCONTRA A' VENDA NAS
PRINCIPAES CASAS DE PIANOS DO BRAZIL

*Para encommendas ou informações dirigir-se
ao unico representante*

ADOLPHO APFELBERGER

Rua S. PEDRO, 28

Rio de Janeiro

No. 34

**Nem se cai o Cabello,
nem ficará uma só
partícula de Caspa**

Cuide do seu cabelo! Duplique
sua beleza em poucos minutos

Um vidro de "Danderine" põe o
cabello denso, lustroso,
undoso, embellecido

Aos dez minutos de se ter applicado «Danderine», não achará V. Sa. uma só partícula de caspa, nem que o seu cabelo cai, nem sentirá comichão no craneo, mas bem ao contrario alegrar-se-ha de ver que ás poucas semanas de usal-o, lhe põe o cabelo fino, denso, suave, e lhe faz cabelo novo por todo o craneo.

«Danderine é para o cabelo o que a chuva e o sol são para as plantas. Vae direito para as raizes, fortalecendo-as e dando-lhes vigor. As suas propriedades estimulantes e vivificantes fazem com que o cabelo cresça comprido, firme e vistoso.

Um pouco de Danderine» duplicará immediatamente a beleza do cabelo, ainda que estiver deslustrado, descorado, fragil ou aspero; sómenta humedeça um panno em «Danderine» e passe-o cuidadosamente pelo cabelo, tomando um pequeno feixe de cada vez. O effeito é assombroso; o cabelo se tornará sedoso, undoso e espesso, com um lustre incomparavel e aquella suavidade e exuberancia que são o encanto duma cabelleira esplendida.

Compre um vidro de «Danderine» em qualquer pharmacia ou loja e demonstre com factos que tem um cabelo tão formoso e suave como qualquer outra, com a differença de que até agora tinha-o abandonado e deteriorado por falta de tratamento. Eis tudo. V. Sa. possuirá uma cabelleira bonita e frondosa com só provar um pouco de «Danderine».

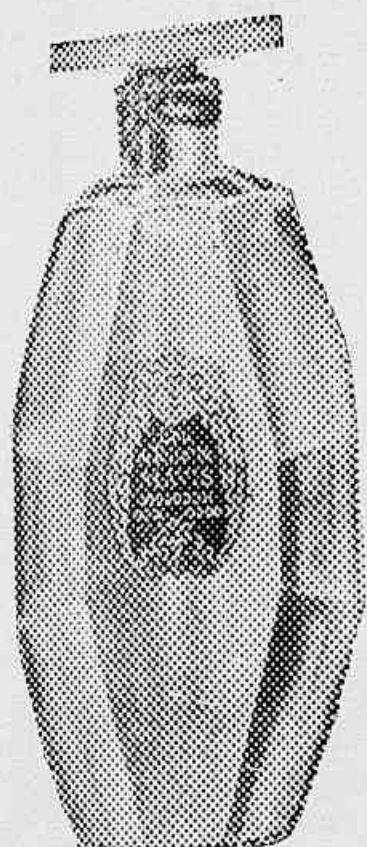
PERFUMARIAS

ARLY VIVAUDOU

PARIS
PARIS

FABRICAS

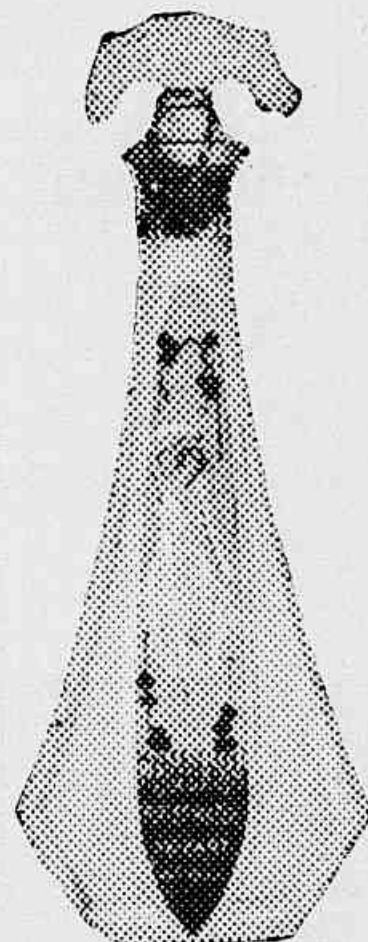
LA GARENNE-COLOMBES FRANÇA
NEW-YORK ESTADOS-UNIDOS



MAVIS



LA BOHEME



MOZART

PERFUMES PRINCIPAES

La Boheme, Linda Mia ARLY
Lilas, Rose, Violet, Jasmin ARLY
Lady Mary, Mavis VIVAUDOU

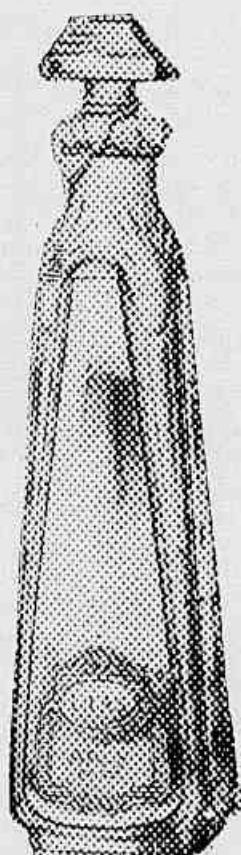
A' VENDA NAS SEGUINTES CASAS:

CASA BAZIN — CASA CIRIO — PARC ROYAL
— CASA INGLEZA — GARRAFA GRANDE.

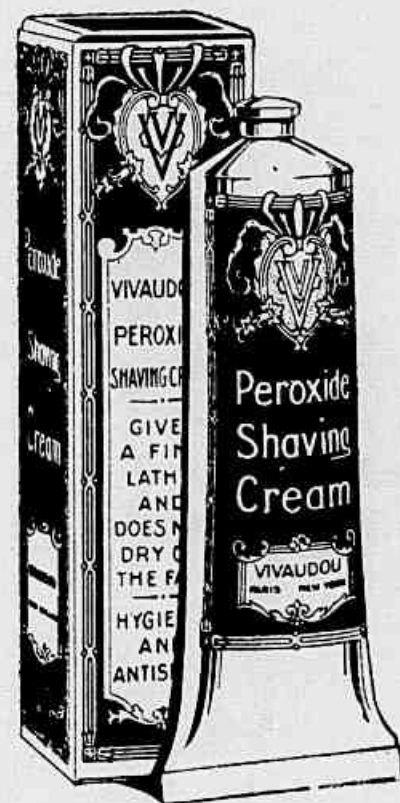
S. PAULO

MELLO, FILHO & SOBRINHO
MAISON BERTHOLET

E NAS PRINCIPAES CASAS DE PERFUMARIAS



LILAS-ARLY



SHAVING CREAM



LADY MARY



MAVIS



MAVIS



DENTIFRICE



CERATE VIVAUDOU

IMPORTANTE

Por todo o tempo que dure a guerra Européa, as officinas principaes foram trasladadas de Paris para New-York

PARA ENCOMMENDAS OU INFORMAÇÕES

DIRIGIR-SE AO UNICO REPRESENTANTE PARA A AMERICA DO SUL

ADOLPHO APFELBERGER

RUA S. PEDRO, 28 — Rio de Janeiro

A Saude da Mulher

Cura incommodos de senhoras



O Snr. Lino Rodrigues, sua esposa, curada com "A Saude da Mulher", e seu filho

Snrs. Daudt & Oliveira.

Tem esta por fim levar ao conhecimento de Vs. Ss. um importante caso de cura alcançado com seu preparado A SAUDE DA MULHER. Minha senhora (Maria Nogueira Rodrigues) soffria ha muito tempo de incommodos proprios de seu sexo e, após varios tratamentos inefficazes, tomou o seu magnifico remedio A SAUDE DA MULHER ficando completamente boa.

Podem Vs. Ss. dar a esta o fim que lhes parecer mais vantajoso, bem como ao retrato de minha senhora o qual tenho o prazer de offerecer-lhes como prova de gratidão.

Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1916. — *Lino Rodrigues* (firma reconhecida).

DAUDT & OLIVEIRA

SUCCESSORES DE
DAUDT & LAGUNILLA

REVISTA DA SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911
PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Anno XVIII — N.º 11 — Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1917

Endereço Telegraphico: **REVISTA** — Telephone: 3.660, Norte
Redacção e Administração

PRAÇA GONÇALVES DIAS, 12 — Rio de Janeiro

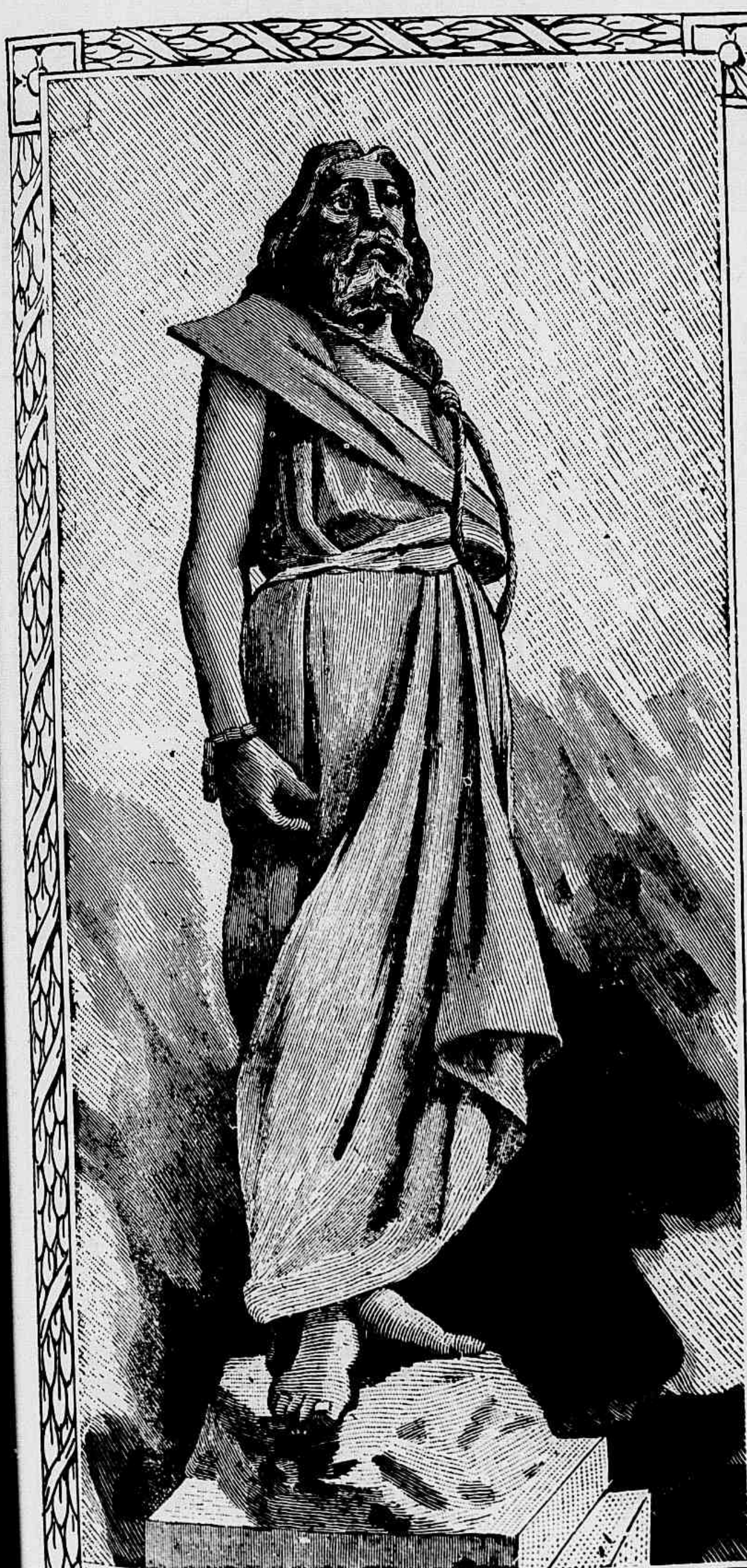
Director — **C. MALHEIRO DIAS**

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

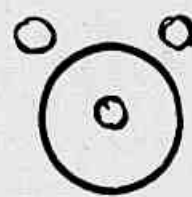
Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 20\$000—Estrangeiro : 50 francos

Avulso Capital 400 réis — Estados 500 réis

Correspondencia dirigida a **ARTHUR BRANDÃO**, Director-Gerente



TIRADENTES



*Para o teu nobre vulto consagrar
E do teu sacrificio a enormidade
Certo não ha de o verso meu bastar
A ti que gozas da immortalidade.*

*Patriota --- ebrio da luz da liberdade,
Sonhador --- com visões no extranho olhar,
Tu suppuzeste que á posteridade
Podias livre o teu Brazil deixar.*

*Ceifou-te o sonho a mais traiçoeira intriga,
E, ao morrer, tu deixaste a patria amada
Presa da mesma escravidão antiga !*

*Foi-te o sonho o martyrio da existencia;
Mas só tu --- alma heroica, alma abnegada!--
Achando a Morte, achaste a Independencia !*

PANTAGRUEL.

Noticias e Commentarios

À hospitalidade e o patriotismo * * *

O Brazil, com justa razão, sempre foi tido como uma terra hospitaleira, e a imprensa toda tem procurado incutir no espirito do publico o dever que nós temos de manter uma certa linha, compativel com o conceito que de nós fazem e com o grão de civilisação a que effectivamente chegámos.

E' natural que, hoje em dia, não morramos de sympathia pela Allemanha, cujas normas condemnaveis de guerra permittiram que fosse insultado o nosso pavilhão.

As nossas relações com o imperio germanico estão rotas. No emtanto, em sã consciencia, não podemos attribuir os desmandos da politica do Kaiser aos subditos allemães que se acham no Brazil, a ponto de queermos que estes espiem os crimes daquelle.

Nós, que somos um povo hospitaleiro, devemos pautar a nossa attitudo pela mais absoluta ponderação.

Não queremos, é bem de supôr, que, dentro da nossa casa, os allemães nos insultem e provoquem, e o povo soffra todas as affrontas pelo simples facto de gozar dos fóros de hospitaleiro e bom. D'ahi, todavia, a concordamos com os excessos, a distancia se nos afigura infinita.

Devemos repellir todas as affrontas, porque assim o exigem o nosso brio de homens e o nosso sagrado patriotismo de brasileiros; mas a nossa attitudo deve ser tão sómente a reacção do nosso pundonor e nunca uma aggressão extemporanea e condemnavel, que irá desacreditando a nossa apreçada hospitalidade.

E' logico que os actos irreflectidos de meia duzia não tornam responsavel todo o povo; mas nem por isso deixaremos de aconselhar a acção calma, reflectida, ponderada, que a nossa hospitalidade impõe.

O Dr. Antonio de Souza de Macedo e a «Arte de Furtar» * * * *

O Dr. Solidonio Leite, cuja dedicação pelos autores classicos é de todos conhecida, acaba de editar em elegante «plaquette», de 35 paginas um erudito estudo sobre o Dr. Antonio de Macedo, um dos escriptores portuguezes de maior nomeada, no seculo XVII.

Em sua curiosa monographia pretende o Dr. Solidonio Leite demons-

trar, comparando trechos esparsos do grande estylista, ser o Dr. Antonio de Macedo o verdadeiro autor do famoso livro «A Arte de Furtar», publicado com o nome do padre Antonio Vieira e attribuido a muitos vultos de destaque nas letras portuguezas.

Revelando tambem, de par com o prosador escoreito, o poeta elegante que era Macedo, o eminente amigo dos classicos transcreve algumas estrophes do poema Ulyssipo, entre as



Dr. Solidonio Leite

quaes esta que para delicia dos leitores aqui deixamos.

Na rosa meio aberta e que inda em parte
O botão verde esconde, amor ensina
(Se advertis bem) que a timida donzella
Quando se mostra menos é mais bella.

Agradecendo a remessa do exemplar que nos enviou, folgamos em registrar nestes dias de tão rude utilitarismo o nobre e alevantado afan do operoso classicista, procurando libertar do injustificavel olvido aquelle que segundo Herculano foi um dos maiores ornamentos do seculo XVII e um dos mais ferteis genios que Portugal produziu como poeta, moralista, jurisconsulto e diplomata.

À morte de Zamenhoff * * * *

Em Varsovia, aos cincoenta e oito annos de idade, morreu, no começo desta semana, o Doutor Luiz Lazaro Zamenhoff.

A cidade de Bielostock, no governo de Grodno, teve a gloria de ser o seu berço.

O nome do grande philologo russo correu o mundo inteiro, como o de um sabio e de um trabalhador.

O doutor Zamenhoff teve, na sua patria, entre russos e polacos, allemães e israelitas, entre povos que falavam diversas linguas, a visão do tormento das creaturas que erguiam a Torre de Babel, e entendeu buscar, com o auxilio dos seus conhecimentos e da sua tenacidade, uma lingua que pudesse, pela simplicidade, tornar-se a lingua universal.

Não se dirá que o conseguiu, mas não se poderá negar que o Esperanto vae ganhando adeptos no mundo inteiro.

Zamenhoff creou o Esperanto, aos poucos, com tenacidade e methodo, servindo-se de palavras de todas as linguas.

Mais feliz do que Schleyer, que em 1879 inventou o volapuk, Zamenhoff ponde ao menos sentir que o seu esforço fôra comprehendido por milhares de creaturas que aprenderam o Esperanto, e morreu com a certeza de ficar lembrado no mundo inteiro, pela lingua que creou.

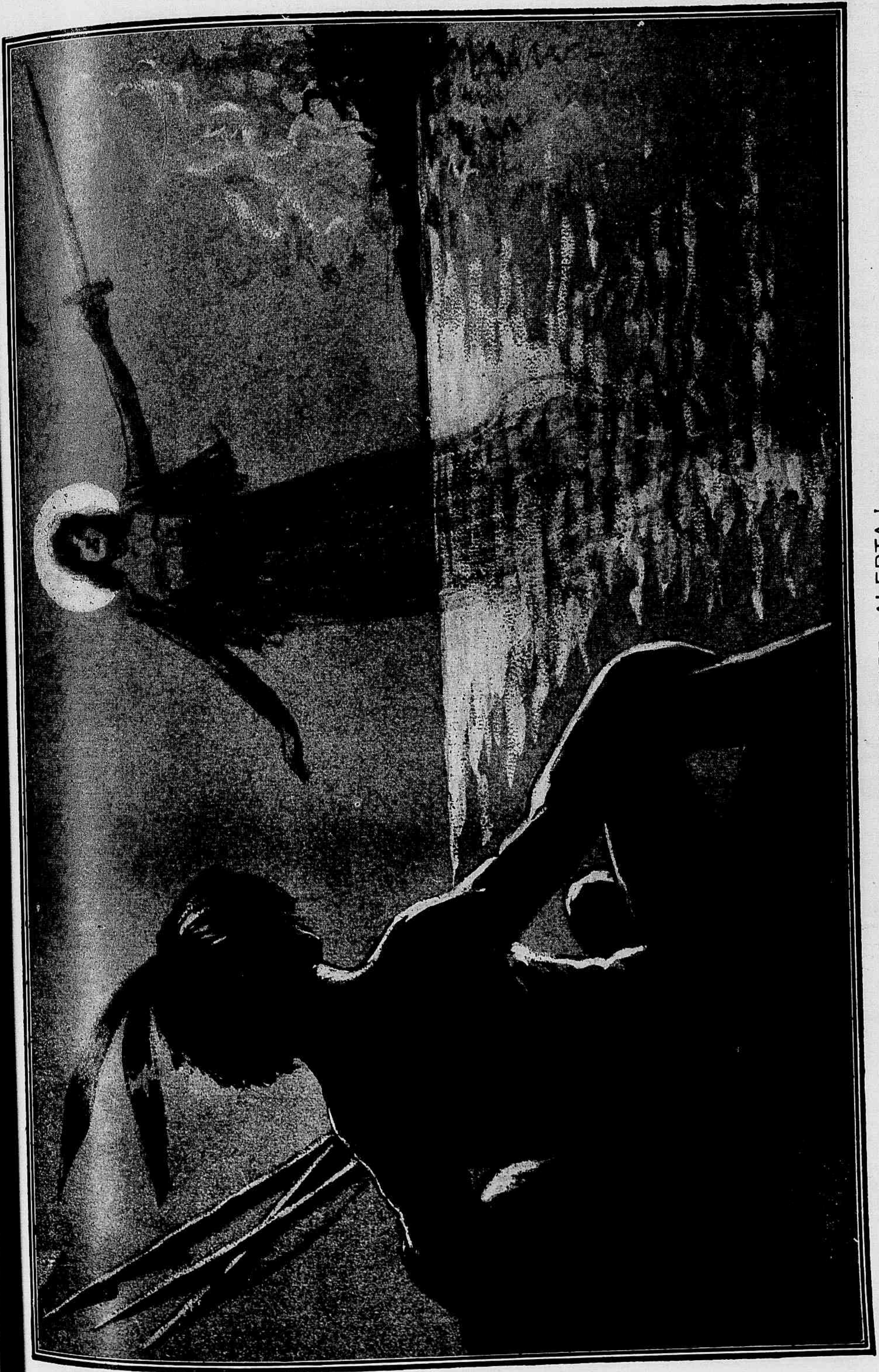
No Brasil a sua morte foi bastante sentida, existindo até uma sociedade cujo fim era o estudo e propaganda do Esperanto.

Notas de Arte * * * *

Temos noticia de que nos primeiros dias de Maio proximo o conhecido artista F. P. Colom, cujo grande exito quando apresentou suas obras no Salão de 1916 ainda perdura em nossa memoria, vae celebrar uma importante Exposição de Aquarellas no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, composta de 114 Obras de Arte.

Ha grande expectação entre os amateurs que anciosos esperam a Exposição Colom.

Mais adiante daremos a data exacta da inauguração d'esta interessante Exposição.



A VOZ; DA LIBERDADE: ALERTA !

A B



Sal-
tando
da elegante
limousine á
porta de Carlos,
Nelly mergulhou
na escuridão da
noite os grandes olhos
perscrutadores, da cõr
do céu.

Era a primeira infidelidade.
Ao largo, errando nas tre-
vas, passavam os automo-
veis ligeiros. A imaginação de Nelly bor-
dava sob o céu deserto de estrelas a phan-
tasia toda que a torturava.

O marido, o austero senhor de Gautier,
poderia ter todos os requisitos que fazem a
felicidade de uma mulher. Não tinha, po-
rém, o necessario para fazel-a feliz. Não
lhe occorria qual pudesse ser essa feição
que faltava ao marido; sabia apenas que
aquella constituição solida de atleta,
aquelles cabellos de ouro, aquella alma
material e fria, não se compadeciam com
a poetica essencia do seu temperamento.
Começou a aborrecel-o e a crear no silen-
cio do lar o sonho que a libertaria, a re-
dempção daquelle captiveiro a que se de-
votava com todo o orgulho de mulher
honesta.

Com um largo gesto de decisão, Nelly
subiu as escadas do hotel e bateu nos
aposentos de Carlos.

Nas delicadas feições do mancebo, que
lhe abriu a porta, estampou-se a mais com-
pleta surpresa e elle, titubeando, procu-
rando o que dizer, murmurou a custo:

— A senhora, aqui?

— Deixe-me entrar. Não sei o que é...
Perdõe-me a leviandade... Não me veja
com olhos máos... Só sei que suffoco, que
preciso desabafar, falar, contar o que sin-
to... Sou uma infeliz!

— Mas, balbuciou Carlos, eu não com-
preendo...

— Ah! não comprehende! Os homens
nunca comprehendem a mulher! Se o se-
nhor soubesse em que estado está a alma
de uma mulher que vem, como eu venho,

tripudiando sobre a
bôa-fé de um marido,
calcando todos os pre-
conceitos, para junto
da creatura que ama!

— A senhora leva-
me de surpresa em
surpresa...

— Ah! Carlos! Diga-me
que me comprehende, diga-
me que entende o meu sa-
crificio, o sacrificio supremo
do meu amor proprio, o sa-
crificio de vir aqui, á sua casa,
nessa afflicção, nesse desespero,
nessa loucura que me arrasta!

— Perdão! Mas eu, minha se-
nhora, não me sinto, absoluta-
mente, o causador da sua magua...

— E', é, e é! Não posso vê-lo!

Quando o senhor nos procura,
quando, por largas horas, se entretém
com meu marido, curvado sobre o ta-
boleiro de xadrez, deixando que eu sinta
perfeitamente bem que não é o meu
ideal o homem com quem casei; por
que é que tem neste olhar, que me fita
agora com tanto pasmo, essa chamma
que me abraza toda?

— Nelly, eu sou amigo de seu marido.
A senhora bem vê que deve estar gra-
cejando, não é?

— Não! não! respondeu Nelly. E' por-
que o senhor, Carlos, ainda não sentiu o
quanto lhe quero! Avalie a força que me
obriga a dizer-lhe o que lhe digo e faça
uma idéa da tempestade que se desenca-
deia no meu intimo!

Calaram-se. Carlos, com os olhos fitos
no tapete que representava a escalada de
Romeu ás janellas de Julieta, por entre as
sombas do jardim de Capuleto, estava
confuso. Ella, transbordante de affecto,
mas constrangida, revirava nas mãos o
custoso regalo.

A pendula, que descansava sobre um
aparador de marmore, marcava oito
horas.

Carlos comprehendeu que devia despe-
dir aquella mulher, a mulher de seu ami-
go, aquella creatura que o perturbava e
que estava ali, diante d'elle, falando-lhe
com o coração nas mãos, suggerindo num
momentaneo desequilibrio a troca da vida
de agonia que julgava ter no lar pela
vida de gloria que augurava ter junto
delle.

E como um homem que se sente de im-
proviso, pela primeira vez, numa situação
penosa, procurou dizer o que sentia, a
custo, com uma lamentavel difficuldade,
que seria ridicula numa declaração de
amor, mas que encerrava um mundo de
dignidade na repulsa que representava.

— Nelly, a senhora sabe que eu sou um
homem de bem... Sou amigo do senhor de
Gautier... Não devo, portanto, alimentar
o capricho que a senhora acarinha...

Nelly ouvia-o, commovida, humilhada,
em silencio, como o criminoso cuja cons-
ciencia desperta e que recebe a condem-
nação em que não póde descobrir in-
justiça.

Carlos continuou:

— A senhora deve perdoar-me. Mas eu
lhe supplico que esqueça essa phantasia.
Volte para a sua casa, para junto de seu
marido, que lhe é tão dedicado.

A humilhação de Nelly era profunda.
Desabava-lhe sobre a cabeça o peso dos
castellos todos que erguera.

— Tem razão, Carlos. Eu me retiro. Só
lhe peço que respeite a minha vergonha.
E' excusado pedir-lhe que occulte a mi-
nha vinda á sua casa. Sei que é um cava-
lheiro...

— Dou-lhe a minha palavra de honra...

Despedindo-se friamente, Nelly encami-
nhou-se para a porta. Antes de transpô-la,
todavia, voltou-se e contemplou ainda uma
vez o mancebo que, de costas para ella,
continuava, obstinadamente, a fitar o tape-
te que evocava a romantica paixão de
Romeu e Julieta.

Nelly, a mulher humilhada, consideran-
do a figura nobre de Carlos, teve uma
idéa diabolica, para vingar-se do homem
que resistira aos seus encantos. Arran-
cando da graciosa curva do pescoço o lin-
do collar de perolas que levava, deixou-o
cahir dentro de um custoso vaso de Sèvres,
e sahio impassivel, como se, após haver
faltado aos seus deveres, cumprisse o seu
dever.

* *

Na manhã seguinte, Nelly abalou a casa
toda. Perdera o collar de perolas!

Revistaram todo predio, peça por peça,
todos os creados, um a um, e convenceram
se de que o collar havia sido roubado.

O senhor de Gautier pediu o auxilio da
policia e iniciaram-se as pesquisas.

Nelly contava que sahira na vespera
com o collar e declarava, com a maior
naturalidade, que não podia garantir se
voltara á casa com elle. Na precipitação
do momento, o senhor de Gautier não
analysava o absurdo da allegação.

— Na rua, disse Nelly, não parei para
falar com pessoa alguma... Minto! En-
contrei-me com Carlos... Quem sabe se
não foi o Carlos?

— Ora! Isto é impossivel! O Carlos é
meu amigo e, além do mais, não preci-
sando roubar um collar de perolas, gosa
da minha inteira confiança...

— Não nos devemos fiar nisso. O collar
é rico e Carlos tem tido algumas difficul-
dades nestes ultimos tempos. Quem sabe
lá se foi elle ou não?

— Qual, Nelly! E' um absurdo!

— E se tu fosses á sua casa? Vae!
Pódes simular qualquer cousa e dar uma
busca nos seus aposentos... Vae! Eu te
peço! Eu quero o meu collar! Ha uma
qualquer cousa que me diz que foi o
Carlos...

O senhor de Gautier, após muita re-
luctancia, resolveu satisfazer aos capri-
chos da mulher.

Era um homem fraco, a despeito da
mulher entendl-o como causador da infe-
licidade dos seus dias: e, portanto, mes-
mo sem admittir a culpabilidade de Car-
los, prestou-se a ir á casa do amigo
fazer a diligencia que deveria caber á
policia.

E' que Nelly não quiz pedir ao marido
que sujeitasse o amigo a esse vexame, por
saber que a sua fraqueza, que era enor-
me, não era infinita.

O senhor de Gautier sahio,
Ficando só, Nelly sorriu e, atirando-se
sobre um canapé á Recamier, que fazia
o encanto do seu *boudoir*, exclamou:

— Hei de humilha-l-o tambem!

humilhação

Quinze minutos após, havendo reflectido sobre toda a intriga que urdira, ergueu-se de um salto, gritou pela criada, ataviou-se num desespero febril e sahiu. Queria assistir á humilhação...

Quando o senhor de Gautier chegou á casa de Carlos — um lindo *appartement* de hotel elegante — foi recebido affavelmente pelo amigo.

A visita que fazia tinha um cunho especial; portanto, era justo que o senhor de Gautier se sentisse contrafeito em presença do amigo sobre cuja honestidade Nelly atirara a perfidia de uma suspeita.

Carlos, extranhando a attitude do visitante, não podia, todavia, interpretal-a verdadeiramente. Fazia conjecturas sobre luctas intimas no lar e cria que aquelle marido estivesse na sua presença, como na vespresa estivera a mulher, para dizer-lhe que a vida conjugal não lhe parecia a estrada de rosas com que sonhara.

O senhor de Gautier abordou assumptos de arte, tecendo elogios calorosos ás preciosidade que Carlos possuia. Dir-se-ia que todos aquelles objectos que tinha em torno, e que tanta vez vira, appareciam pela primeira vez diante do seu olhar maravilhado.

— Tens em casa um verdadeiro museu em miniatura!

Procurou tornar menos insupportavel a solidão a que me vejo condemnado, respondeu Carlos.

— Quadros, bronzes, tapeçarias... Como é linda esta estatua que aqui tens!

— E' a "Humilhação". Um artista francez, cujo nome nunca soube e que, por modestia, deixou de graval-o nesta obra prima, reproduziu, ao que dizem, a dôr de uma mulher que repudiara. E tu sabes que, para a mulher, não ha maior humilhação...

— Esta amphora egypcia, continuou o senhor de Gautier, soberba!

— Comprei-a no Cairo. E' linda, concordo!

E dizendo isto, Carlos fez soar a campainha e pediu ao creado que appareceu, uma bebida qualquer.

O senhor de Gautier continuava examinando tudo. O seu olhar parecia guiado pela vontade da mulher, e passeava inquieto, perscrutador, examinando tudo, pelos objectos de arte, pelos moveis, pelas paredes.

De repente, cahi sobre um vaso de Sèvres que havia á entrada da sala.

— Olha, Carlos! Que mimo é este vaso!

— Não me fales neste vaso! E' a cousa mais insignificante que possuo...

O senhor de Gautier tomou nas mãos o objecto que tanto apreciara. Mas, findo-lhe o olhar inquisidor, scintillava, quieto, pousado ao fundo, o soberbo collar de perolas de Nelly. Gautier com a mão febril arrancou a joia ao carcere que guardava.

— E este collar? perguntou com a voz estrangulada.

— Este collar?... balbuciou Carlos confuso.

— Sim, miseravel! De quem é este collar? Ladrão! gritou o senhor de Gautier.

Tu és um ladrão vulgar, despresivel, vil.

Carlos estava attonito. A surpresa de ter diante dos olhos, exhibido pelas mãos crispadas do amigo, aquelle collar que nunca suppozera guardar em sua casa, embargava-lhe a voz, deixando-o ouvir, perturbado pelo imprevisito, os insultos que lhe atirava o senhor de Gautier.

— E eras meu amigo, miseravel! Deveria entregar-te á policia, mas prefiro dar-te a lição pelas minhas mãos.

E avançando furioso para Carlos, agarrou-o pelo pescoço com as mãos possantes, derrubando-o sobre a meza.

Ao aperto herculeo, Carlos desfallecia.

O creado do hotel entrou, levando uma bandeja com copos e bebidas. Surpreso com o que via, estacou, indeciso, sem saber que alvitre tomar. E Carlos teria perecido ás mãos do amigo, se não fosse a subita appareção de um outro hospede do hotel, que occupava aposentos visinhos e que fôra attrahido pelos gritos exasperados do snr. de Gautier.

O homem que entrou era um typo calvo, forte, vestido na matinal commodidade de uma *robe-de-chambre* escura. Apontando para o senhor de Gautier uma pistola, o desconhecido ordenou:

— Solte este homem!

Gautier, afrouxando as tenazes que comprimiam o pescoço de Carlos, deixou-o, e este cahi sobre o tapete que evocava o idyllio de Romeu e Julieta.

— Quem é o senhor? interpellou o senhor de Gautier. Este homem é um ladrão! Roubou um collar de perolas!

— Mente!

— Como? Quer negar?...

— Eu vi tudo, e tudo é obra de uma mulher. Pela bandeira daquella porta — e o desconhecido indicou o ponto — tive a feliz levandade de observar o que aqui se passou entre Carlos e uma mulher que aqui vi entrar e que me despertou a curiosidade... Foi uma franqueza abençoada...

Houve uma scena difficil entre os dous; e, á sahida, a mulher, aproveitando-se da distracção de sua victima, introduziu esse collar de perolas no vaso que aqui está...

— E quem era essa mulher? perguntou o senhor de Gautier.

— Essa mulher? Eil-a!

— Minha mulher! suspirou o senhor de Gautier.

Nelly entrou triumphante, para assistir á humilhação de Carlos. Diante do que via, parou, contrafeita.

O desconhecido comprehendendo ser delicado retirar-se.

O senhor de Gautier, arrastando a mulher pelo braço, gritou-lhe aos ouvidos:

— Então, a senhora frequentava a casa deste homem?

— Não! não! balbuciou Nelly. Nunca aqui vim!

A negativa synthetisava toda a certeza que Nelly tinha do sacrificio de Carlos, mostrava a confiança sem par que essa mulher impiedosa e altiva tinha na palavra da sua victima. Ella dissera: "E' excusado pedir-lhe que occulte a minha vida á sua casa. Sei que é um cavalheiro..." E elle apenas respondeu: "Dou-lhe a minha palavra de honra..."

Era o quanto bastava!

Não sabia que aquelle homem, que vestia uma *robe-de-chambre* escura, e que sahira daquella sala momentos antes, a havia visto. Portanto, continuou impassivel, com toda a presença de espirito, a tecer a enredada trama que concebera, certa de que ninguem diria jamais que ali estivera na vespresa.

O senhor de Gautier, entre a affirmativa do desconhecido e a negativa de Nelly, teve vacillações no espirito. Elle, que era um homem que estava agindo completamente divorciado da amizade que nutria por Carlos, sentiu que no seu intimo despertava a generosidade do perdão para aquelle que julgava culpado.

Arrependendo-se da sua violencia, da sua colera infinita, do seu arremesso brutal que o fizera derrubar com estrondo as estatuetas e moveis de arte que encontrara no caminho, quedou pensativo, considerando que por um collar de perolas quasi matara o amigo.

O senhor de Gautier, amparando Carlos que se erguia, perguntou-lhe, afflicto:

— Minha mulher veio alguma vez á sua casa?

— Nunca! respondeu Carlos, a custo.

No dia seguinte, Carlos partiu de Paris. E Nelly, languidamente recostada no seu canapé á Recamier, recebeu uma carta do mancebo que dizia:

"Espero que a senhora guarde a vergonha da minha humilhação, como eu soube guardar a da sua."

HENRI BAZIN



Livros da história

Napoleão e o prefeito *

Napoleão I empenhou-se um dia em querer atrapalhar e confundir o prefeito de uma pequena communa, que passava por ser homem desembaraçado, tendo sempre resposta prompta para tudo.

— Quantos moradores ha na cidade? perguntou-lhe.

— Tantos, Senhor.

— Quanto paga a cidade de contribuição?

— Tanto, Senhor.

— Quantos recrutas dá annualmente para o exercito?

— Tantos, Senhor.

— A quanto ascende por anno a colheita do trigo?

— A tanto, Senhor.

— E a do vinho?

— A tanto, Senhor.

Vendo o imperador que não conseguia obter d'elle um *não sei*, Senhor, perguntou-lhe:

— Quantas aves passaram hoje por aqui?

— Apenas uma, Senhor; e foi uma aguia!

Ao pé da letra *

Um rei de França, vendo um dia na sua côrte um personagem que se parecia extraordinariamente com elle, fez essa observação em voz alta, e disse, de modo bastante irreflectido e estouvado:

— Tens inteiramente o nosso typo de familia... Tua mãe viveu algum tempo na côrte?

— Não, meu senhor, respondeu o sosia do monarcha; meu pae é que viveu muito tempo nella.

O Tenente Sergueieff *

Ao celebre general russo Ignatieff, que deixou altissima reputação militar e que foi embaixador da Russia em Constantinopla, haverá pouco mais de trinta annos, aconteceu o seguinte, que elle proprio contou nas suas *Memorias*:

Era durante uma expedição contra as tribus revoltosas do Caucaso.

Uma columna inimiga ameaçava tornear o contingente russo; tornava-se preciso destrui-la.

Essa missão foi confiada a um moço tenente de artilharia, chamado Sergueieff.

Em alguns minutos uma bateria de obuzes, collocada numa eminencia, vomitou uma torrente de fogo sobre a columna.

Mas em breve se percebeu que as bombas não rebentavam e produziam simplesmente effeito de balas masças.

O general Ignatieff correu a toda a brida para a bateria e dirigiu ao tenente algumas expressões violentas.

Este renunciou a querer provar verbalmente ao seu chefe que os estopins

ou a polvora das bombas estavam molhados ou avariados.

O general ordenou que se atirassem mais alguns projecteis, e um destes, por acaso, rebentou.

— Mas os outros, meu general, disse então o official...

E, dizendo isto, pegou com a mão esquerda numa bomba, com a direita no morrão acceso e approximando-o do estopim do projectil, este crepitou.

—....Os outros, meu general, continuou o tenente, não rebentam, como vê!

O general, impressionado com este acto de bravura, descobriu-se e esperou impassivel o desfecho da experiencia.

— Bravo! disse elle por fim, bravo, meu rapaz. E' mais valente do que eu!

Independencia dos Estados-Unidos *



JORGE WASHINGTON

O 1.º Presidente dos Estados Unidos

Até 1776, os Estados-Unidos eram uma simples reunião de 13 colonias, sujeitas á Inglaterra.

Em consequencia á guerra dos Sete Annos, as colonias insurgiram-se e, apoiadas pela França, tornaram-se independentes.

Affirma-se que a independencia foi consequencia da guerra dos Sete Annos, porque, então, a Inglaterra despendera sommas fabulosas e, por isso, o rei Jorge III entendera dever submeter as colonias aos mais duros sacrificios. E foram decididos certos impostos, como o determinado *imposto do sello*, que deu causa, em 1765, a um longo conflicto que, ao cabo de oito annos, acarretou o sublevamento das colonias.

O imposto do sello, as restricções de ordem commercial e administrativa que a *Nova Inglaterra* soffria, fizeram com que, no dia 4 de Julho de 1776, em Philadelphia, o Congresso lançasse a *Declaração de Independencia*, redigida por Jefferson.

A guerra decorrente desse acto foi longa e difficil. Mas os americanos

encontraram em Georges Washington, um rico agricultor da Virginia, o commandante dos exercitos, o verdadeiro salvador da patria.

Depois das mais sérias difficuldades, o exercito americano fez capitular em Saratoga, em 17 de Outubro de 1777, um exercito inglez, e, com o auxilio da França, fez capitular a praça de Yorktown, na Virginia, em 19 de Outubro de 1781, facto esse que decidiu da independencia.

Luiz XIV e Brûlart *

Luiz XIV queria fazer approvar pelo parlamento de Borgonha um edito, ao qual o primeiro presidente Brûlart se oppoz vivamente, porque o considerava prejudicial aos interesses particulares da provincia. O rei, irritado com a resistencia, mandou prendel-o na torre de Perpignan.

Passado tempo, Luiz XIV mandou chamal-o, contando que elle se submeteria ás suas ordens; mas o intrepido magistrado limitou-se a dizer-lhe estas palavras:

— Senhor, estou vendo ainda daqui a torre de Perpignan.

Os pré-gadores e Luiz XIV *

Sendo Fénelon pré-gador da côrte, aconteceu um dia estar á capella real deserta, á hora do officio.

Quando Luiz XIV entrou, mostrou-se surprezo, e perguntou qual o motivo.

— A culpa é minha, respondeu o prelado; porque fiz acreditar que Vossa Magestade não viria hoje á Capella, afim de Vossa Magestade conhecer quaes são, entre os cortezaos, aquelles que veem á egreja para adorar Deus e os que só veem para adular o rei.

Quando o grande pré-gador Massillon pré-gou pela vez primeira em Versailles, o Advento, ao ir, no fim do sermão, cumprimentar Luiz XIV, que o ouvira da tribuna real, este disse-lhe familiarmente:

— Abbade, tenho ouvido outros pré-gadores e, depois de os ouvir, tenho ficado contente com elles. Hoje, porém, depois de o ter ouvido, fiquei descontente commigo. E' o mais que lhe posso dizer.

Mortos e feridos *

Passando em frente dos granadeiros da guarda, disse Luiz XV ao embaixador da Inglaterra, que o acompanhava:

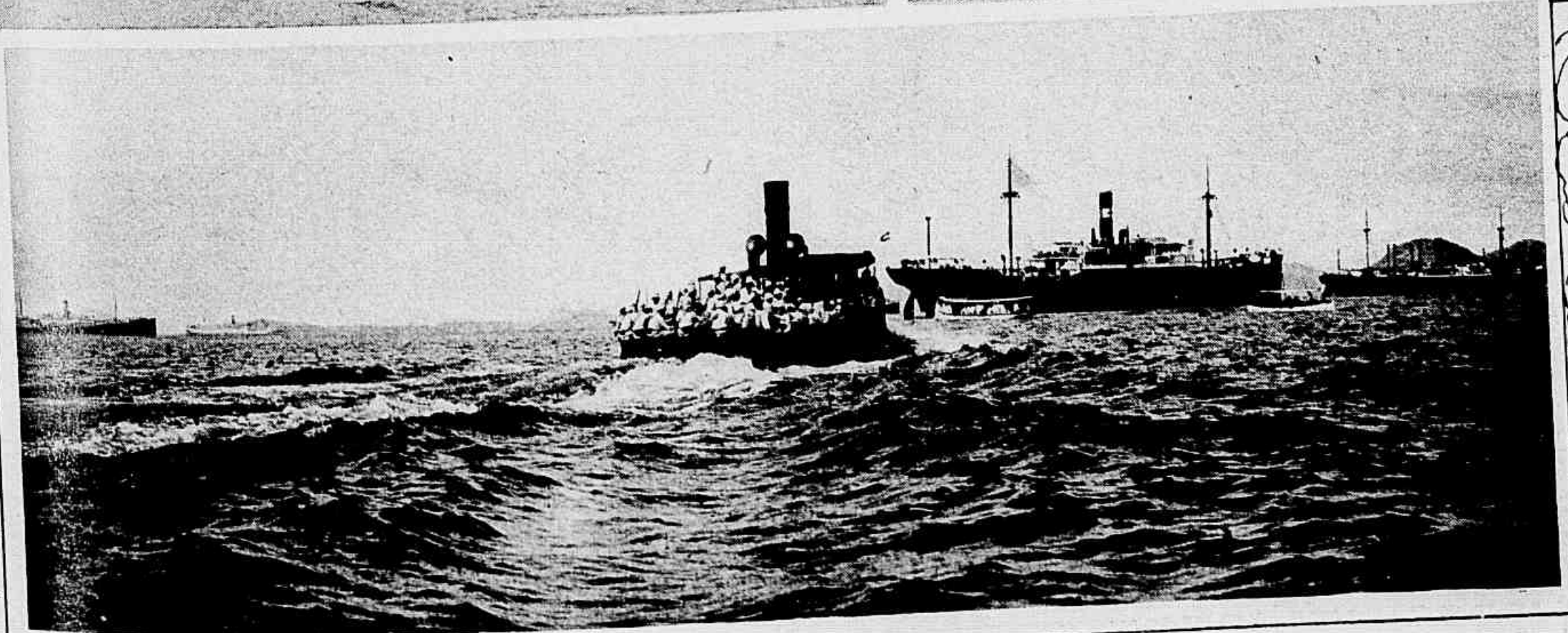
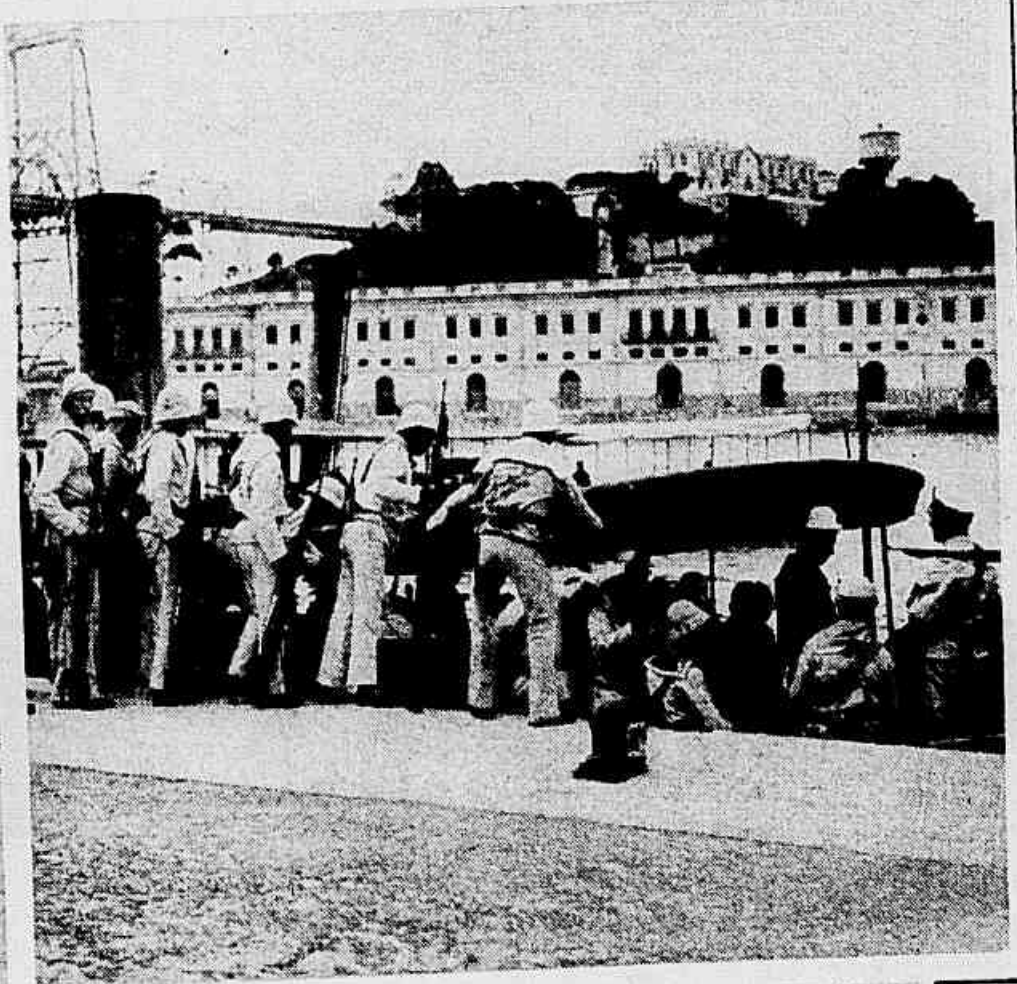
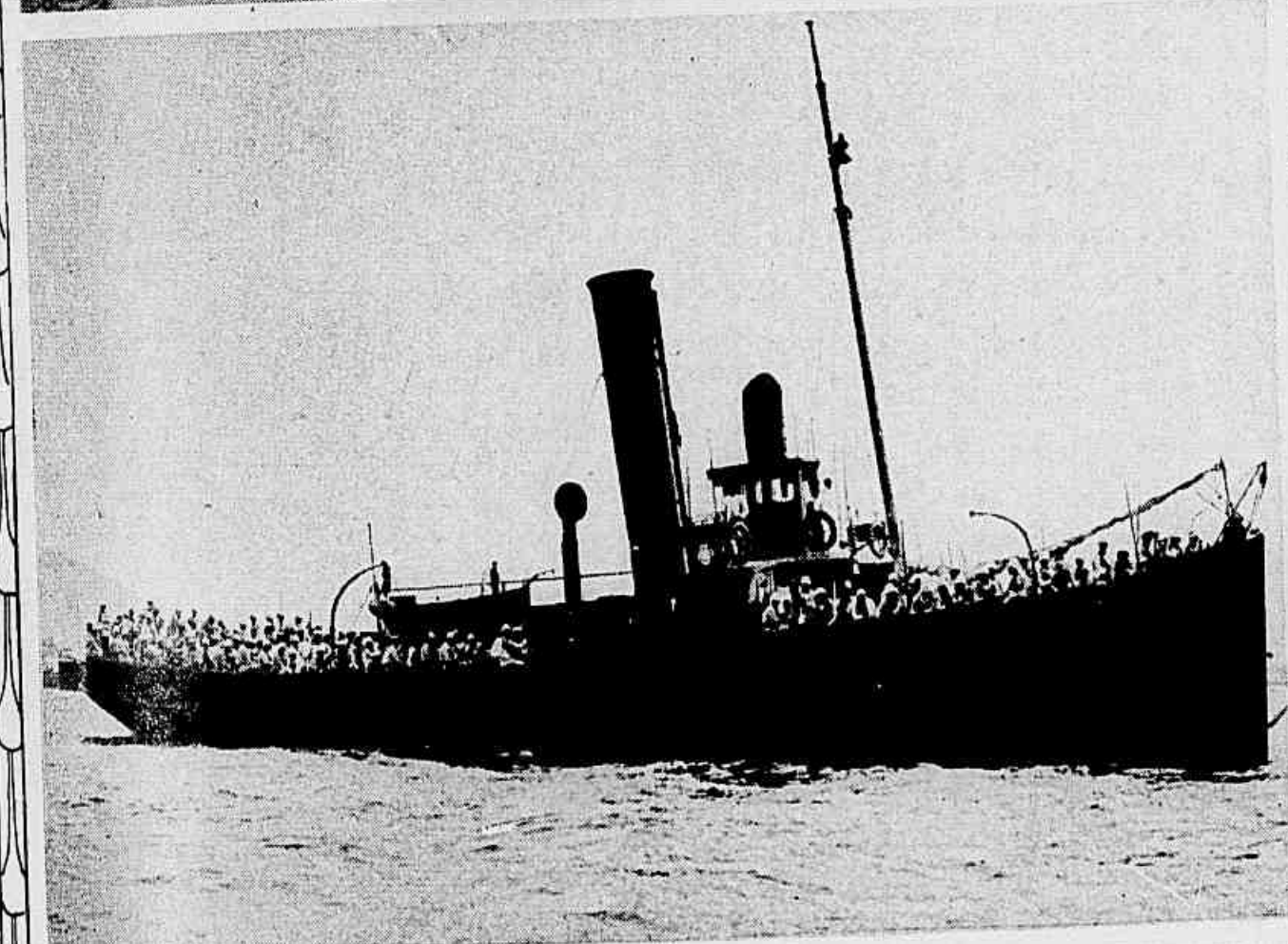
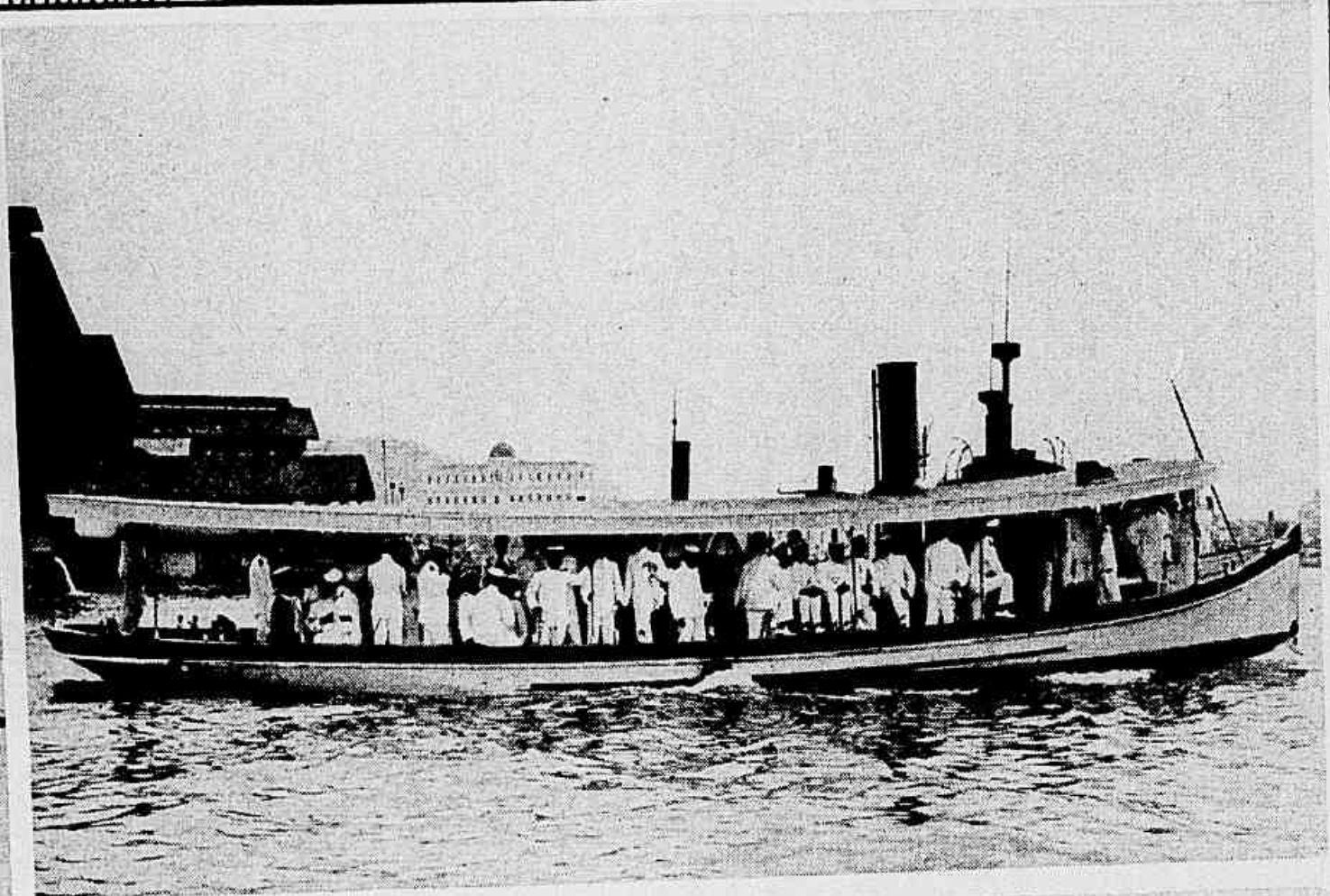
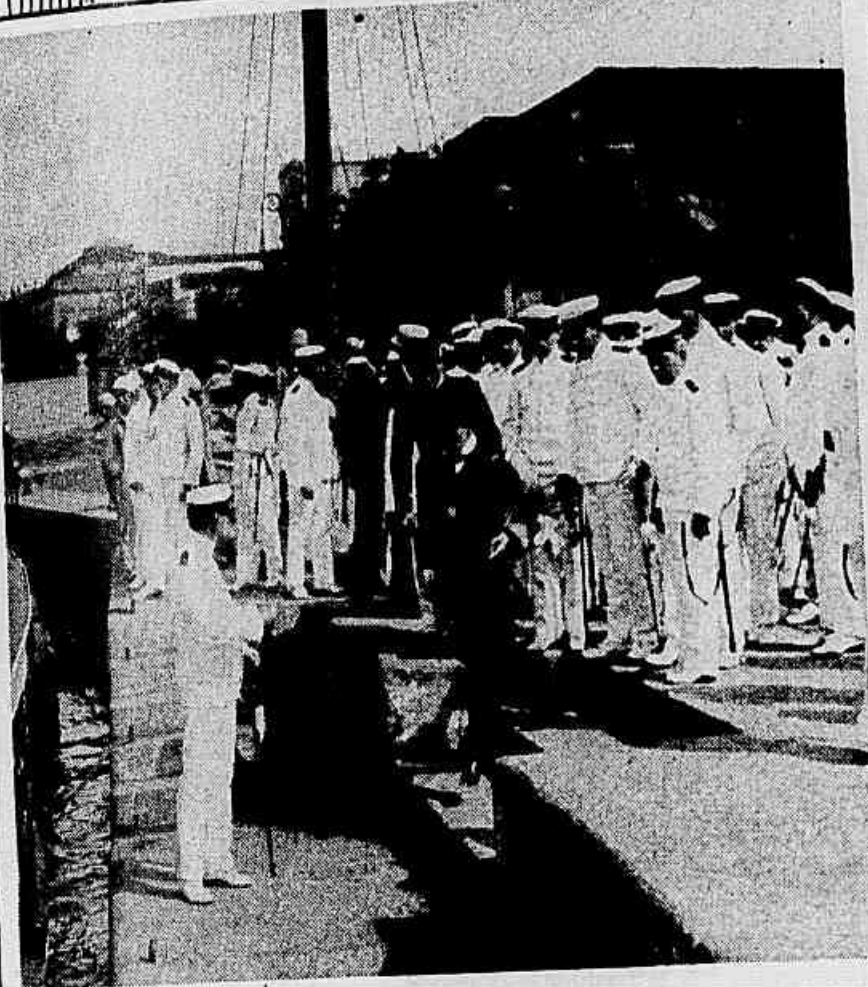
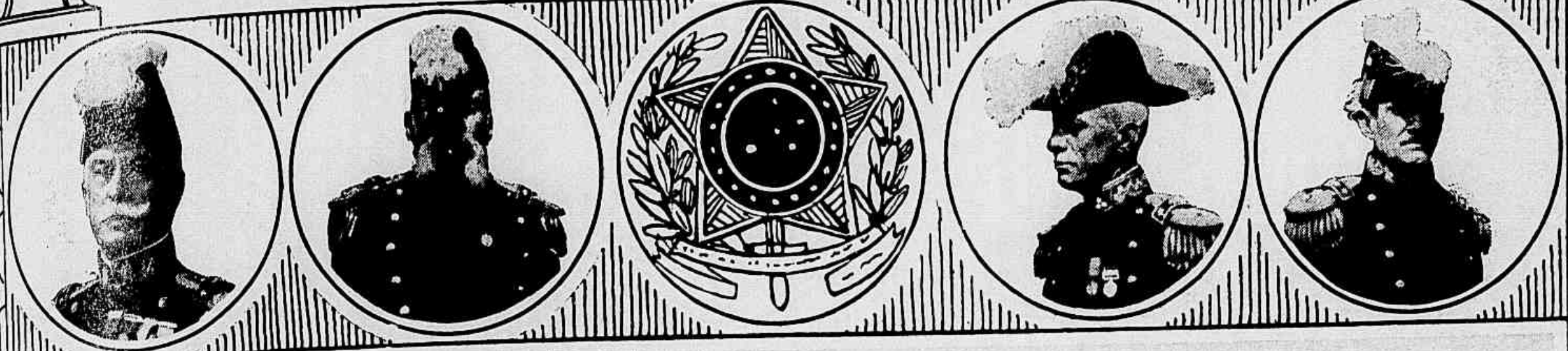
— Repare, sr. embaixador, nestes valerosos soldados... Não ha nenhum delles que não esteja coberto de ferimentos.

— Que pensar, então, daquelles que os feriram? — retorquiu o embaixador.

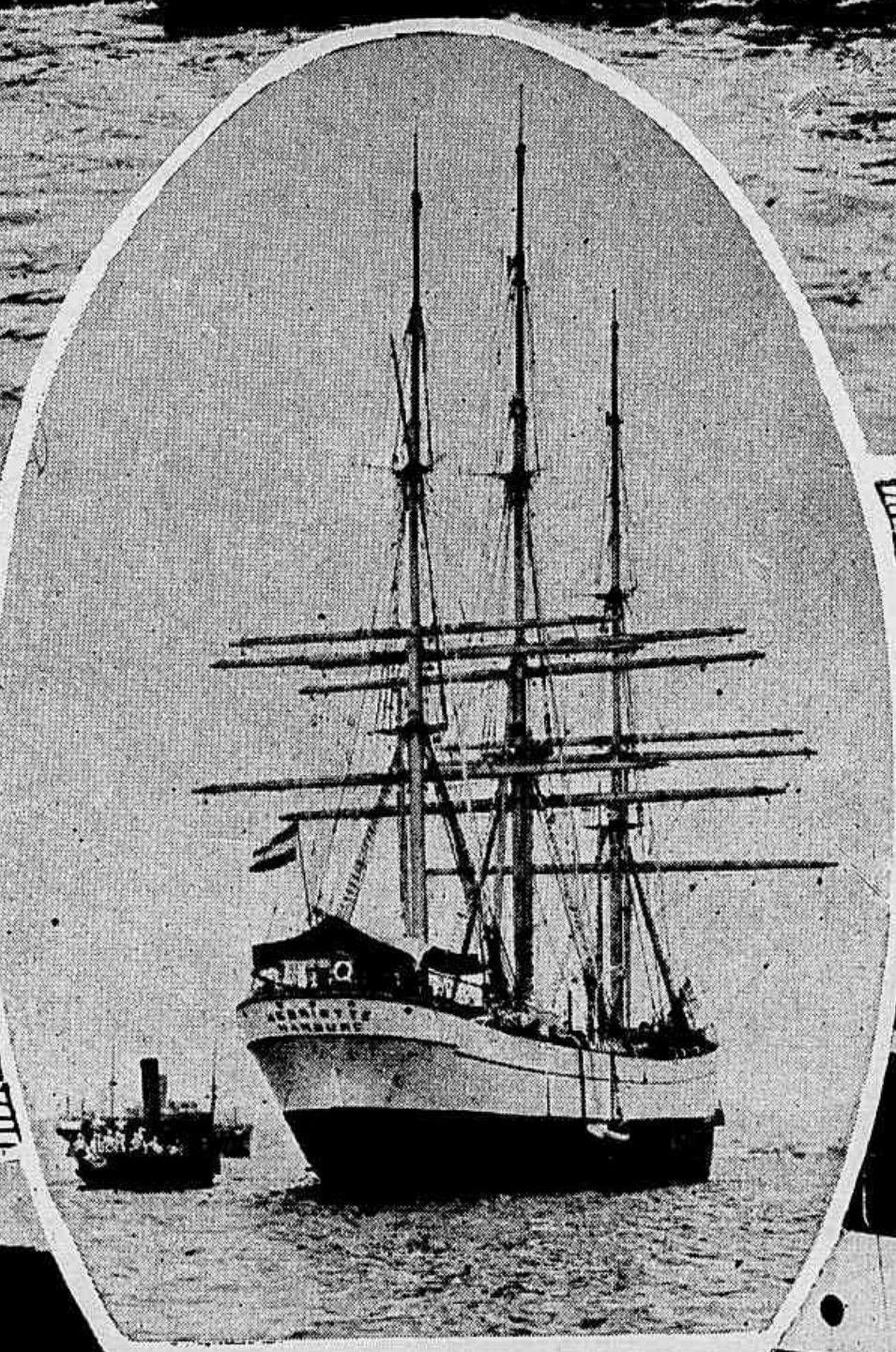
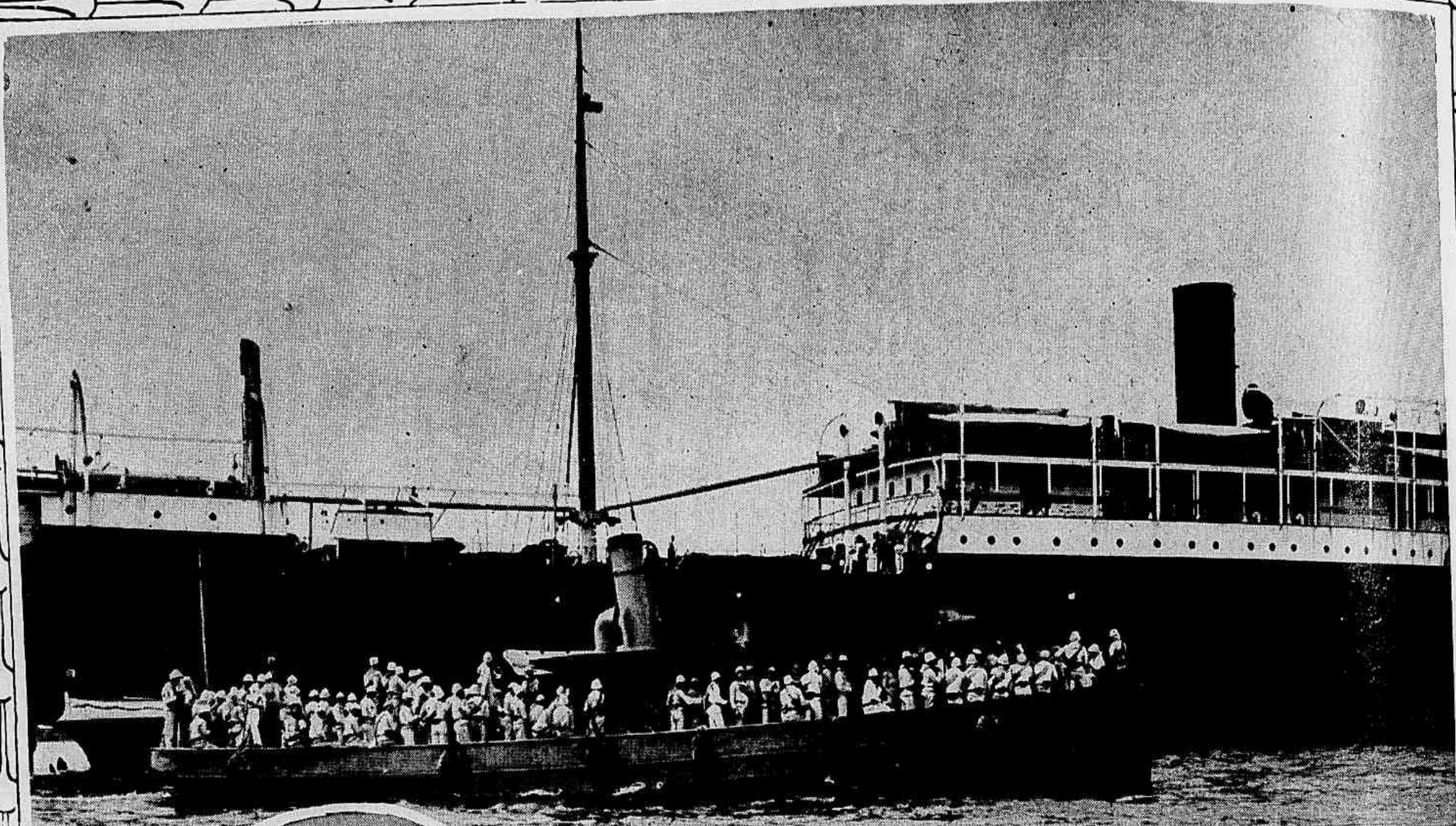
— Esses, morreram todos! — gritou um granadeiro...

A OCCUPAÇÃO DOS NAVIOS ALLEMÃES.

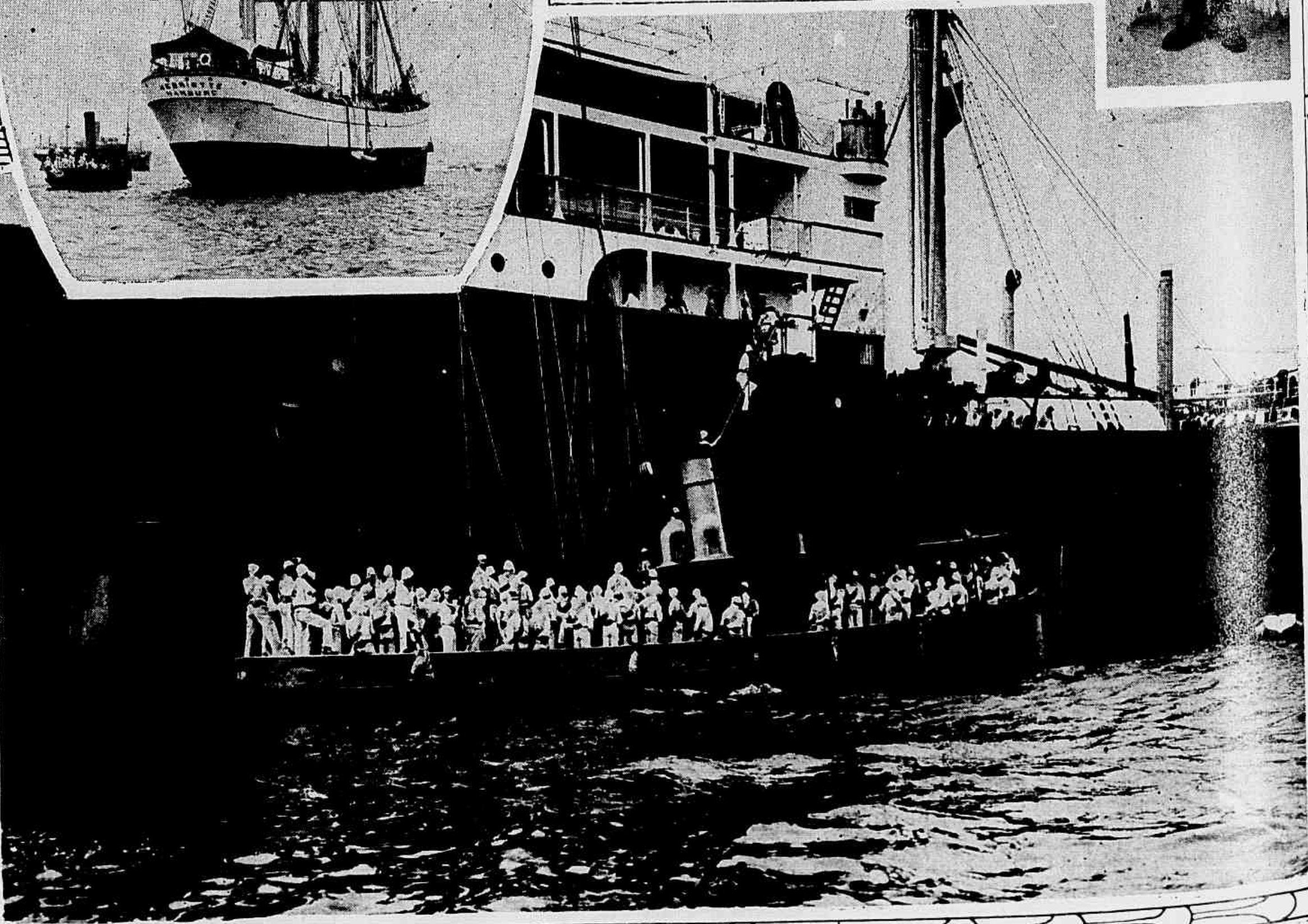
Surtos na Guanabara.



1, 2, 3 e 4 respectivamente Almirantes Alexandrino de Alencar, Garnier, Gomes Pereira e Adelino Martins. 5—No Arsenal de Marinha—Embarque dos officiaes da nossa armada que foram commandar as guarnições que occuparam os navios allemães. 6—A lancha "4," do Ministerio da Marinha conduzindo officiaes. 7—O rebocador "Audaz" a caminho do ancoradouro dos navios allemães. 8—Os marinheiros nacionaes que foram guarnecer os navios allemães. 9—Aspecto geral.



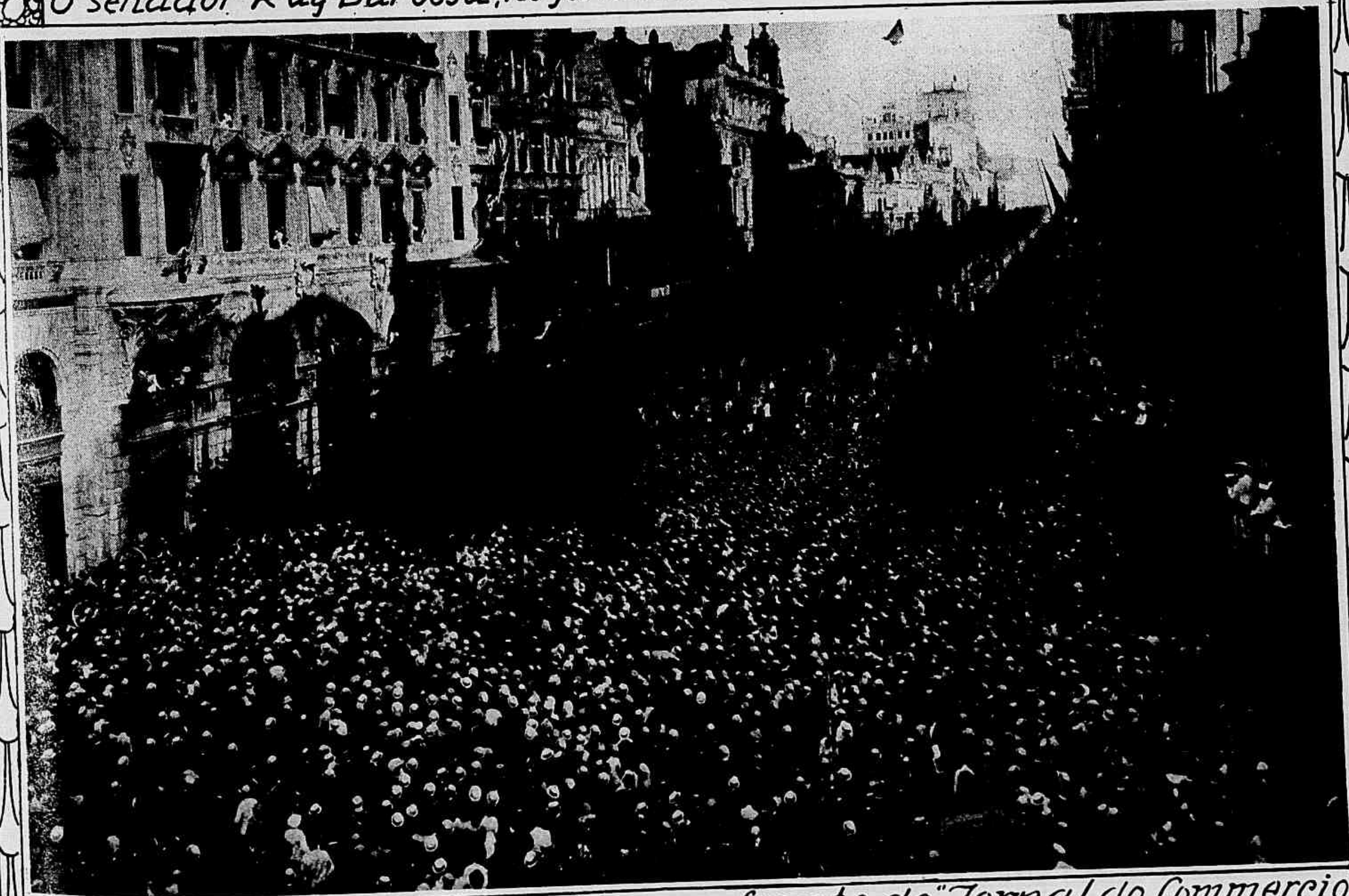
Alguns dos navios allemães que se encontram fundeados na bahia do Rio de Janeiro. Vêem-se as lanchas da marinha de guerra brasileira aproximando-se para tornar effectiva a occupação fiscal decretada pelo governo.



A Grandiosa Manifestação a Ruy Barbosa



O senador Ruy Barbosa, no "Jornal do Commercio", antes de proferir o seu discurso

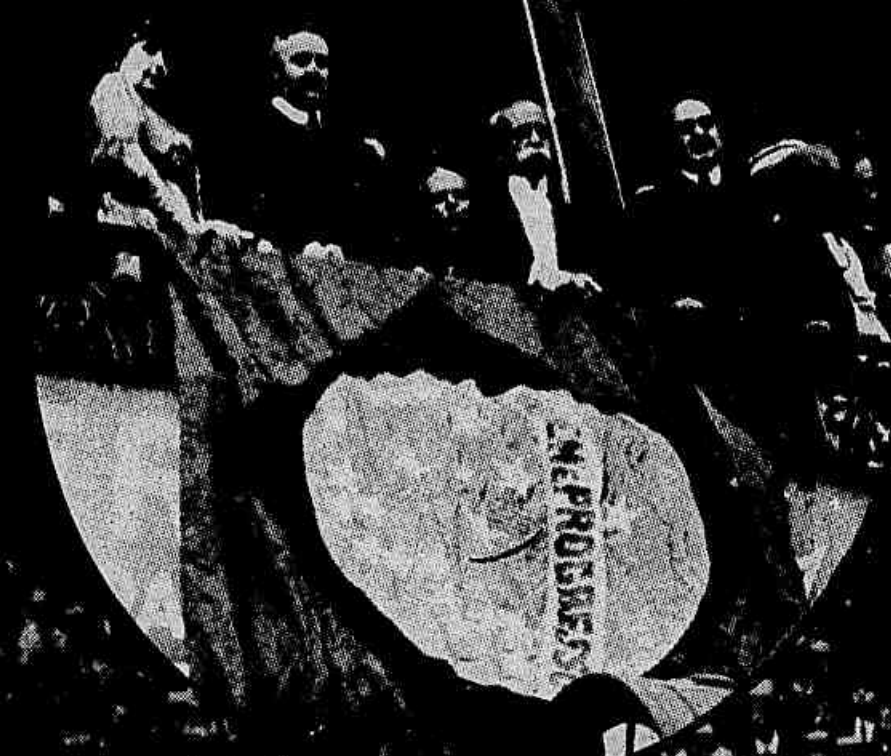


Um aspecto da multidão em frente do "Jornal do Commercio"

Principal Specto

da manifestação, vendo-se de um lado na
Barbosa ao lado do sr. ministro da Belgica e
oficial da Lin

"Jornal do Commercio" o sr. Ruy
val o sr. Raphael Pinheiro, orador
dos.





Pelo Mundo Fora

O rompimento da Bolívia * *

O sr. Ismael Montes, presidente da Bolívia, mandou entregar ao ministro da Alemanha e em

La Paz os passaportes.

A nota da república boliviana, dando as razões da ruptura de relações com o Imperio germanico, trouxe



Sr. Ismael Montes

num largo exordio a serie de antecedentes que determinaram o acto do governo. Em seguida, rememorou o afundamento do "Tubantia" que, navegando em aguas neutras e levando a bordo o ministro boliviano acreditado junto ao kaiser, não poudesquivar-se á aggressão dos submarinos, para chegar á conclusão de serem insustentáveis as relações diplomaticas entre a Bolívia e a Alemanha.

Da ruptura de relações á guerra ha um passo apenas.

E' este o segundo rompimento verificado na America do Sul, existindo outros em perspectiva. Assim, vae a guerra alastrando-se cada vez mais, attrahindo nações e mais nações para essa carnificina phantastica que, anda perto de tres annos, convulsiona o mundo.

A escada mais alta do mundo * *

Entre a fronteira occidental da China e a oriental do Tibet, ha uma escada de uma altura enorme.

No alto do monte Omi, situado n'aquella região, existe um templo budhista, rodeado de tão piedosas tradições que realmente póde chamar-se-lhe a Meca do budhismo.

Para chegar ao alto d'esse monte, sobe-se uma escada que tem vinte mil degraus formando um só lanço.

Os poucos europeus que se aventuraram a subil-a dizem que é certo

existir o templo e confirmam a veracidade do numero de degraus.

Segundo a lenda, nos tempos primitivos os peregrinos não podiam subir ao alto do monte senão por meio de cordas.

Por esta difficuldade, os monges offereceram certos beneficios espirituales a todo aquelle que abrisse um degrau no rochedo.

D'este modo, conseguiram que, passados muitos annos, ficasse construida a escada de vinte mil degraus.

O ascensor mais alto do mundo * *

Em uma das estações, de 800 metros de altura, que mais encantos offerecem ao *touriste*, em Burgenstock (Suiça), foi inaugurado ha tempos o ascensor mais alto do mundo.

N'aquelle ponto, muito frequentado e que está em frente de Lucerna, estabeleceu-se um elevador electrico que pode transportar seis pessoas em menos de tres minutos ao cimo do Hammetchwand (1.140 metros de altura) d'onde se desfruta a incomparavel vista do lago dos Quatro Cantões e dos Alpes de Uri e de Unterwalden.

Pela linha funicular de Kehrsiten, chega-se aos hoteis do Burgenstock, d'onde parte uma estrada lindissima, torneando a montanha, que conduz, em trinta minutos, o *touriste* até ao ascensor que se occulta em uma gruta rochosa.

A *cabine* mede 4 metros quadrados e sobe por um poço de 64 metros de profundidade, aberto no rochedo.

Na embocadura d'esse poço levanta-se uma torre aerea de 116 metros de alto.

A mão de obra feminina na Alemanha

Não se possuem estatisticas exactas quanto ao numero das mulheres empregadas nos estabelecimentos de guerra allemães. As autoridades cuidadosamente o occultam. Póde-se, porém, conceber uma idéa mais ou menos approximativa, baseando-se nos algarismos publicados pelas "Caixas de molestia", nas quaes se inscrevem 70%, mais ou menos, das pessoas empregadas nas varias officinas. Esse calculo acaba de ser feito pelo *Journal* de Paris, o qual chegou aos seguintes algarismos:

A 1º. de julho de 1916, o numero de mulheres empregadas subia a cerca de 4.200.000, das quaes 114.000 trabalhavam na metallurgia. Em Berlim e nos seus suburbios, as mulheres que trabalhavam eram em numero de 658.092, o que traduz um accrescimento de 20% com relação a 1914.

Em certos estabelecimentos, o augmento é consideravel. A "Caixa de molestia" dos estabelecimentos Krupp, por exemplo, accusa 13.023 mulheres inscriptas a 1º. de abril de 1916 contra 1.166 a 31 de dezembro de 1914.

Segundo um inquerito syndical, 1579 officinas das provincias rhenanas e da Westphalia occupavam, em agosto de 1915, 42.270 operarias, em vez de 10.000 antes da guerra.

Segundo o syndicato dos operarios do transporte, 70 empresas de tramways occupam 14.000 mulheres. As minas de ferro da Ruhr, que nunca tinha occupado mulheres, contam hoje, no seu pessoal, 20% de representantes do sexo feminino.

Balfour e Viviani * * * * *

Os ministros das Relações Exteriores da Inglaterra e da Justiça da França, os senhores Balfour e Viviani, vão conferenciar com o presidente Wilson.

O mundo, necessariamente, espera ansioso o resultado do encontro de idéas da Inglaterra, da França e dos Estados-Unidos.

New-York, telegraphicamente, avisa-nos, com antecedencia, de que não sahirá da reunião a interferencia americana na politica europeia, limitando-se os Estados-Unidos, apenas, ao extermínio do prussianismo implantado por Guilherme II e ao restabelecimento da paz.

No emtanto, os senhores Balfour e Viviani hão de saber que o senhor Wilson tem estudado os meios possiveis de auxiliar a Russia, de prestigiar a revolução russa, de sustentar a politica russa do victorioso principe Lwoff. Gra, não se póde fugir á verdade da intervenção de Tio Sam na politica europeia.

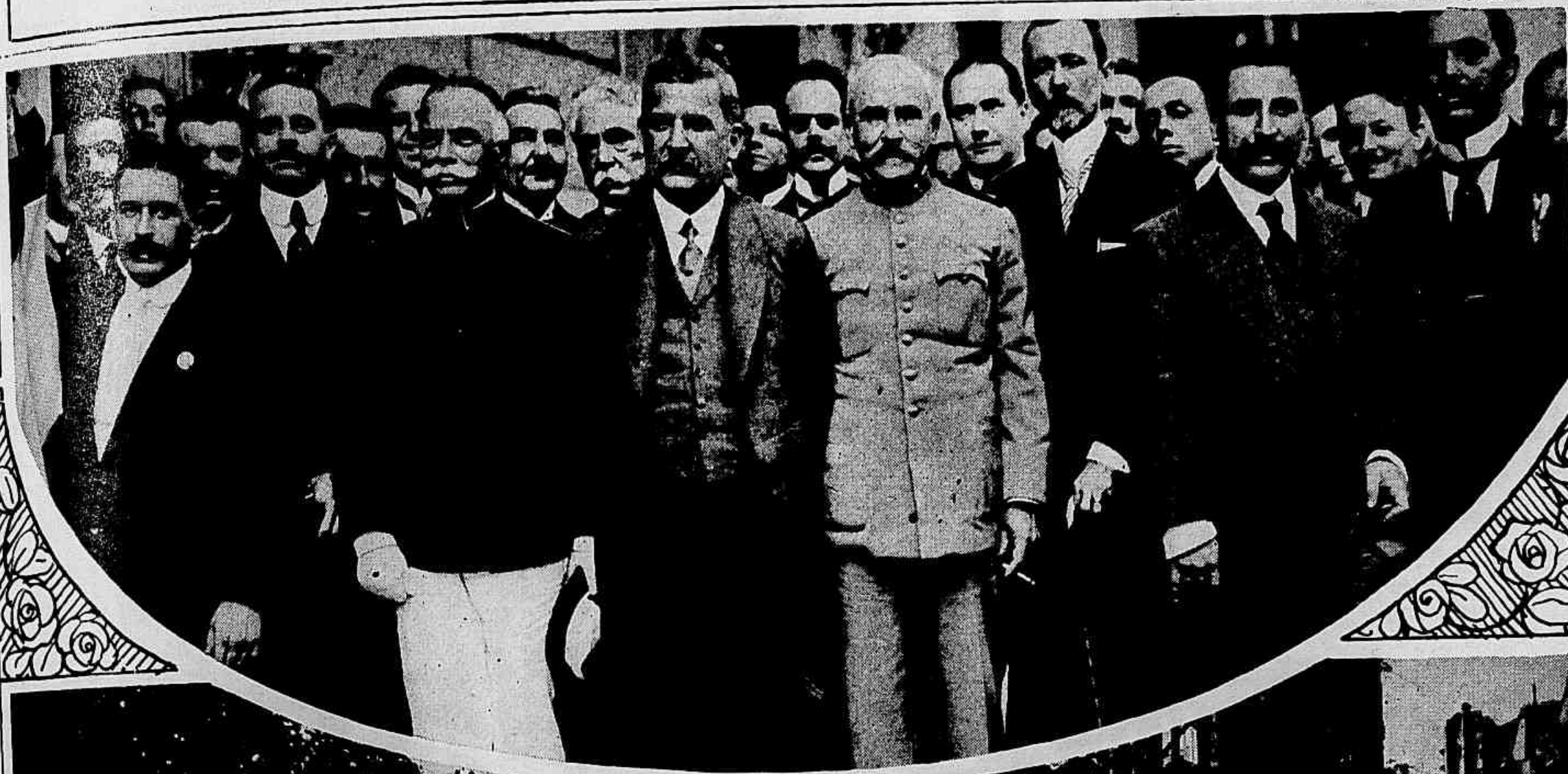
E' certo que os Estados-Unidos, que se sentiram attrahidos para a guerra pelo desejo da paz, nada pretendem, materialmente, do Velho Continente. O desinteresse da grande república de Washington, Jefferson, Franklin e Madison é digno; mas o seu valor moral é bem grande para que queiramos attribuir-lhe na balança europeia o nullo valor que o telegramma de New-York lhe empresta anticipadamente.



Lord Balfour

Os senhores Balfour e Viviani tratarão da cooperação dos Estados-Unidos, falarão de bases de operações, conversarão sobre dollars ás centenas de biliões, sobre exercitos e esquadras, mas sahirão da "Casa Branca" certos de que Tio Sam ha de ter voz activa no futuro europeu, como está tendo no presente...

*A imponente manifestação promovida pela
Federação Marítima Brasileira em honra ao
Sr. Presidente da Republica.*



1—Grupo tirado no
Palacio do Cattete, lo-
go após a chegada de
Sua Excia.

2—Um aspecto da
Avenida, na segunda-
feira, por ocasião da
passagem dos manifes-
tantes. 3—O grande
cortejo chegando ao Pa-
lacio presidencial.



"TIJUCA LAW-TENNIS-CLUB" - TORNEIO FEMINA..



(1) Grupo de socios e convidados. — Grupo tirado antes de começar o torneio. (2) Uma "rebatida". (3) Chá oferecido pelo Club aos seus convidados e socios logo após a terminação do jogo.

De bom humor...

Não ha um dia só em que os jornaes não descrevam, com as côres de um romance, um *conto do vigario*. Isto quer dizer que é, tambem, uma verdade aquella maxima que diz que os tolos eram trinta e morreram trinta e um...

Ha, no emtanto, um reparo a fazer: no *conto do vigario*, em rigor, tanto o que impinge a historia como o que a escuta são dois espertalhões.

Mas, pergunta-se, por que razão se dá a essa engenhosa ladroeira o nome de conto do vigario?

Não sei. Todavia, para que se não acredite que eu sou mais ignorante ainda do que reconheço ser, vou explicar a origem do conto *no* vigario.

Foi em Minas, a Minas das alterosas.

E lá, numa quitanda modesta, dessas que vendem, por atacado e a varejo, feijão e hortaliças, peças de fazenda e queijos, livros e sapatos, appareceu o creador do conto *no* vigario.

O quitandeiro — o precursor — era um typo modesto, incapaz de enganar fosse quem fosse. E isso era verdade porque, como foi uma vez testemunhado, o honesto quitandeiro teve a hombridade necessaria para dizer a um freguez, que procurava um par de sapatos numero quarenta e tres, que não

tinha desse numero. Ora, isto é uma prova de honestidade, porquanto um outro quitandeiro, que tambem não tinha o tal quarenta e tres de bico largo, queria á viva força que o mesmo freguez mettesse nos pés uma delicada chanca numero quarenta, só para fazer negocio...

A fama do nosso quitandeiro era portanto a melhor; e ficou optima depois que, por aquellas alturas, appareceu um vendedor de bilhetes de loteria que lhe deu uma sorte de dez contos de réis.

O quitandeiro, que nunca tivera tanto dinheiro, ficou radiante e creou importancia, passando a accumular as funções de agiota e emprestando, a juros, dinheiro ao pessoal mais importante e menos importante, isto é a todos da localidade.

O vigario, que era um homem de bom coração, começou a apiedar-se do quitandeiro, por adivinhar que, em breve, dos dez contos só restaria a lembrança, e resolveu ir em soccorro do novel agiota.

— Olha, Serapião, você acaba sem vintem, emprestando o seu dinheiro a todo o mundo.

— Que é que eu hei de fazer *seu* vigario? Elles sabem que eu tenho, e vêm pedir...

— Quanto é que você tem, ainda?

— Uns dous contos só, *seu* vigario.

— Então, para você não perder todo o seu dinheiro, vamos fazer uma cousa: você dirá a todos que pedirem que só

tinha dous contos e que m'os emprestou.

— Está feito, *seu* vigario!

E d'ahi por diante, o Serapião não emprestou mais, dizendo a todos que dera o resto do dinheiro ao vigario. Todos, é claro, iam certificar-se, e o vigario respondia que sim, que tomara ao Serapião dous contos emprestados.

Ao cabo de alguns mezes, o Serapião accionou o vigario: queria receber os dous contos que lhe emprestara. O vigario protestou que nada recebera por emprestimo. O Serapião citou dezenas de testemunhas e todas affirmaram que o vigario lhes confessara ter contrahido o emprestimo. E a cousa foi aos tribunaes.

O vigario via-se perdido e um amigo fazendeiro que tinha disse-lhe que o salvaria, desmanchando a mentira do Serapião.

Esse fazendeiro, fingindo-se devedor, com o mais louvavel dos intuitos, bradou, alto e bom som, em juizo:

— Não foi o vigario quem pediu os dous contos emprestados... Fui eu...

O Serapião, que estava presente, aproveitou-se da confissão que o fazendeiro fazia e, com a fibra de agiota que tinha, anteviu um lucro de cento por cento. E, com o maior sangue frio declarou:

— Não se incommode. Por enquanto, eu quero os dous contos do vigario. Os outros dous que emprestei ao senhor, eu irei buscar depois...

O fazendeiro teve uma syncope, e o vigario duas...

RIGADIN.

A CARICATURA AO SERVIÇO DA GUERRA



A Decomposição final

(Da Life)

CARTAS DE MULHER

MALDADE FEMININA

Achava-me em Paris quando se apresentou a peça, de Bernstein, *Le Secret*. Nos intervallos, os espectadores discutiam a verosimilhança do caracter de mulher que o grande dramaturgo analysava e expunha no decorrer da peça. Havia muitos homens que se mostravam surprehendidos e incredulos, não accetando como veridica aquella monstruosa viciada da maldade, que sob uma apparencia de meiguice, com todas as apparencias externas da generosidade e da grandeza de alma, simulando possuir uma alma recta, inaccessible ao rancôr e á inveja, e uma consciencia leal, incapaz de perfidia e de traição, não era mais do que uma intrigante, laboriosa como as aranhas, e uma calumniadora diligente, que tecia as suas teias perfidas em redor das creaturas que mais fingia amar.

Os homens protestavam. Era uma invenção diabolica de Bernstein. Mas as mulheres calavam-se e abaixavam a cabeça. Bernstein não inventara. Observara. Aquella mulher-vibora existia. Aquella terna, esperituosa, elegante calumniadora não era uma irreallidade. Aquella mulher sorridente e intrigante, affavel e ciumenta, cariciosa e maldizente, existia.

Como as outras espectadoras, eu calava-me tambem. No palco invisivel da minha memoria perpassavam as sombras de figuras conhecidas, de mulheres em quem eu tinha entrevisto almas crueis, genios de intriga, vocações originaes para a maldade: terriveis gatas de mãos de velludo occultando unhas afiadas; mulheres de apparencia angelica e que seriam capazes de assistir, sorrindo, ao martyrio e á agonia de uma rival; mulheres que atravessavam a vida deixando um rastro de perfume e um sulco de lagrimas.

Sim; infelizmente, essa mulher que acaricia e morde, que lisongeia e calumnia, que affaga e destróe, essa mulher que tudo sacrifica á sua vaidade e cujo ciume é tão implacavel como a ambição dos despotas—essa mulher existe em quantidades atemorizadoras. A heroína da peça de Bernstein é profundamente humana. Não ha mulher que não conheça aquella mulher.

Privada da coragem e da força com que o homem ataca e vence os seus adversarios, a mulher sentiu-se na necessidade de recorrer a outras armas nas luctas que tem de travar pelo seu interesse, pelo seu orgulho, pelo seu amor ou pelo seu odio.

Quando odeia, a mulher não perdôa. E' inflexivel. Ha uma cousa muito peor do que um homem cruel. E' uma mulher vingativa. Tendo a mulher sido creada physiologicamente e educada

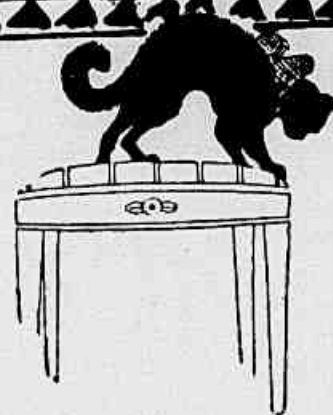
infundado, e toda a sua malevolencia desperta, irrita-se, enfurece-se, e logo ella obedece ás suas tendencias diabolicas e envereda pelo caminho tortuoso da intriga e da calumnia, sem deixar de sorrir, sem deixar de fixar nas suas victimas o mesmo olhar de falsa ternura. Porque essa especie de mulheres são quasi sempre extraordinarias comediantes. Têm o instincto da dissimulação. A maldade feminina é essencialmente hypocrita. Nada disto constitue novidade para as mulheres. Só os homens podiam mostrar-se desconfiados e incredulos vendo desenrolar-se as scenas que compõem a peça do dramaturgo francez, que é a analyse de um caracter de mulher má. No *Secret*, o dramaturgo da *Rafale* mostra-nos uma mulher bella, feliz e de uma apparencia carinhosa obstinando-se, por uma especie de ciume doentio, a despedaçar a felicidade amorosa de um casal que ella propria ajudou a unir. A maldade fazia parte da sua natureza. Era má pela mesma razão involuntaria por que se é loura ou morena. E então era preciso que essa maldade se exercesse, se empregasse, se não estiolasse... Esse é o drama: drama tão vulgar na vida, pois que essas infelizes mulheres más existem em toda a parte onde ha mulheres boas, como as aranhas que vivem onde ha pequenos e innocentes insectos.

IRACEMA



moralmente para a ternura, a sua maldade é sempre pathologica. Pode haver um homem normal máo. A mulher má é sempre uma desequilibrada, é sempre uma degenerada, e ninguém sabe até que extremos de perversidade pode ir a mulher malevola. O ciume e a inveja desvairam-na.

Quantos lares felizes não foram destruidos pela inveja de uma dessas mulheres? A mulher má é a grande e temerosa desinquietadora, a grande semeadora da discordia, a grande instigadora da crueldade. Acautelemo-nos dessa mulher! Ella vem para nós sorridente e fascinadora, com palavras de doçura, e muitas vezes resolvida a ser boa, a ser leal, a ser constante e a ser amiga. Mas basta uma suspeita subtil, uma tenue desconfiança, um despeito



A Revista no Paraná.

(1) Interessantes filhinhos do dr. Caetano Munhós da Rocha, Secretario da Fazenda do Estado.

(2) Os filhos do dr. José Loyola, de Curityba.

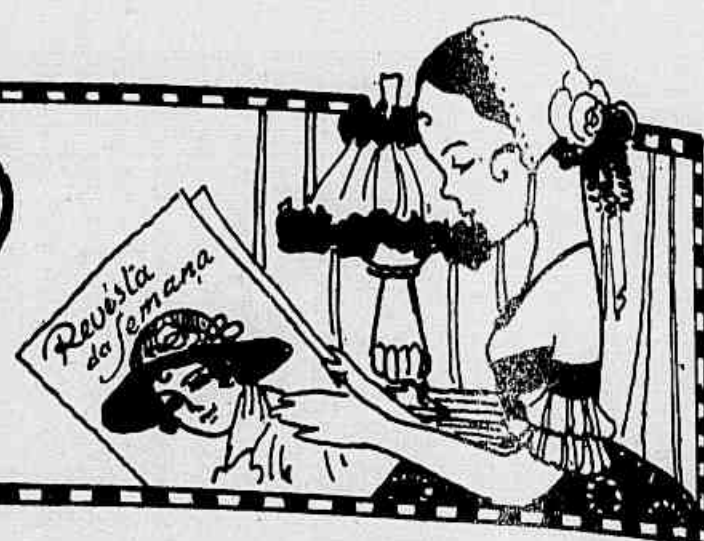
(3) *Pic-nic* no Parque "Graciosa", do "Gremio das Violetas".

(4) Academicos de Direito da Universidade do Estado.

(5) Os herdeiros presumptivos do sr. Eugelke, de Curityba.



Passatempo



ESPIRITO E SAL

— Eu disse-lhe que desse um passeio de uma hora, e você andou por fóra quatro horas!

— Ah! minha senhora; é que eu ando muito devagar!

O professor:

— O menino sabe o que é um reptil? E, diante do silencio do alumno, continuou:

— Não sabe? Então, eu lhe digo: E' um animal que anda de rastos pelo chão. Veja se se lembra de algum.

— Lembro-me, sim, senhor. O meu mano pequenino!

N'uma hospedaria da roça:

— Não te esqueças de me chamar de madrugada, porque não quero perder o comboio.

— Não ha duvida, patrão. Eu tenho o somno muito leve. Basta vosmecê tocar a campainha uma vez.

Um sujeito, pedindo desculpa a uma senhora, dumas inconveniencias que dissera, explica:

— V. Ex. bem vê que, tendo eu perdido os dentes da frente, as palavras sahem sem que eu dê por isso.

❖

Casadinha de tres dias
Não se cança de chorar,
Pela vida de solteira
Que não pode recobrar.

COPLAS POPULARES

A Deus peço paciencia
Com esta minha mulher:
Nem ella faz o que eu digo,
Nem eu faço o que ella quer.

*

Tenho juramento feito
E sei que o hei de cumprir:
No dia do meu enterro,
Não hei de cantar nem rir.

❖

O — AMOR — NOS ALLIADOS

A franceza tem o amor irresistivel, seductor e inconstante.

— O inglez tem o amor frio, methodico, preciso. A ingleza tem o amor romanesco, voluvel, ethereo.

— O italiano tem o amor apaixonado, desconfiado, rancoroso. A italiana tem o amor ardente, devoto e prompto a romper.

— O portuguez tem o amor concentrado, confiante e duradouro. A portugueza tem o amor exaltado, constante, generoso.

— O francez tem o amor alegre, espirituoso e communicativo.

— O americano tem o amor calculista, atrevido e apressado. A americana tem o amor activo, tyrannico e caprichoso.

— O russo tem o amor mysterioso, incomprehensivel, auctoritario. A russa tem o amor todo fogo! todo chammas! todo cinzas!

— O belga tem o amor honesto, leal e profundo. A belga tem o amor serio, natural e simples de coração.

— O brasileiro...

Cala-te, bocca!...

❖

BISBILHOTICES

Na Russia, os lobos devoram annualmente mais de duzentas pessoas.

*

Nenhum sêr humano pode respirar a mais de nove kilometros acima do nivel do mar.

*

Os globos de côr, ou com liquidos córados, que se usam nos mostradores ou sobre os balcões de pharmacias, em quasi todo o mundo, foram primitivamente usados pelos mouros, nas lojas onde vendiam drogas medicinaes.

*

No isthmo de Tehuantepec descobriu-se uma flôr lindissima, a qual é ao mesmo tempo um relógio botânico. Pela manhã é branca, ao meio dia é encarnada e pela noite torna-se azul.

As mudanças de côr verificam-se com perfeita regularidade.

❖

Alguns trechos interessantes de romances:

— Tenho aqui no processo uma certidão, que mostra a idade que o réo tinha quando nasceu.

— Os cabellos castanhos, os olhos da mesma côr, *um pouco crespos*...

Aquelle *ponto negro obscureceu-se* cada vez mais...

— Elle viu sobre a cadeira um lençinho bordado, um lençinho de mulher, torcido, *enxuto* pelas lagrimas...

❖

QUEBRA-CABEÇAS

Sou de figura exquisito,
Em pé só não me sustenho;

Quando molestia não tenho,
Sempre o que engulo vomito,
Comi, andei infinito
No tempo em que era mais moço;
Porém, maior e mais grosso,
Hoje nem como, nem ando,
E até me não queixo quando
Me enforcam pelo pescoço.

Ahi está, sem tirar nem botar, a figura inconfundivel do *odre*.

Occorre que quando a machina de voar, isto é o aeroplano, fôr um instrumento perfeito, nós poderemos com elle ir visitar... os nossos castellos no ar.

❖

E' cousa curiosa! O homem que, sobre um facto qualquer, sabe tudo usualmente está em desaccordo com aquelle que, sobre o mesmo facto, tambem sabe tudo.

❖

Dizei a uma moça, que é bonita: tereis a sua approvação; dizei-lhe que a sua rival é feia: tereis a sua gratidão eterna.

❖

EPIGRAMMAS

Ouvindo falar do antigo
Cabo da Boa Esperança,

A velha Dona Constança:
Isto disse a um seu amigo:
"Inda está no regimento
Esse infeliz?... Muito o gabo
Mas que fez o pobre cabo
Que nunca chega a sargento?..."

Mostrae-me mulher formosa,
Que tenha graça e talento,
Rica, honesta, virtuosa,
Saudavel, boa... um portento!
Que em tudo me satisfaça,
Que em tudo saiba agradar-me;
E, então, pôde ser que eu faça
A loucura de casar-me...

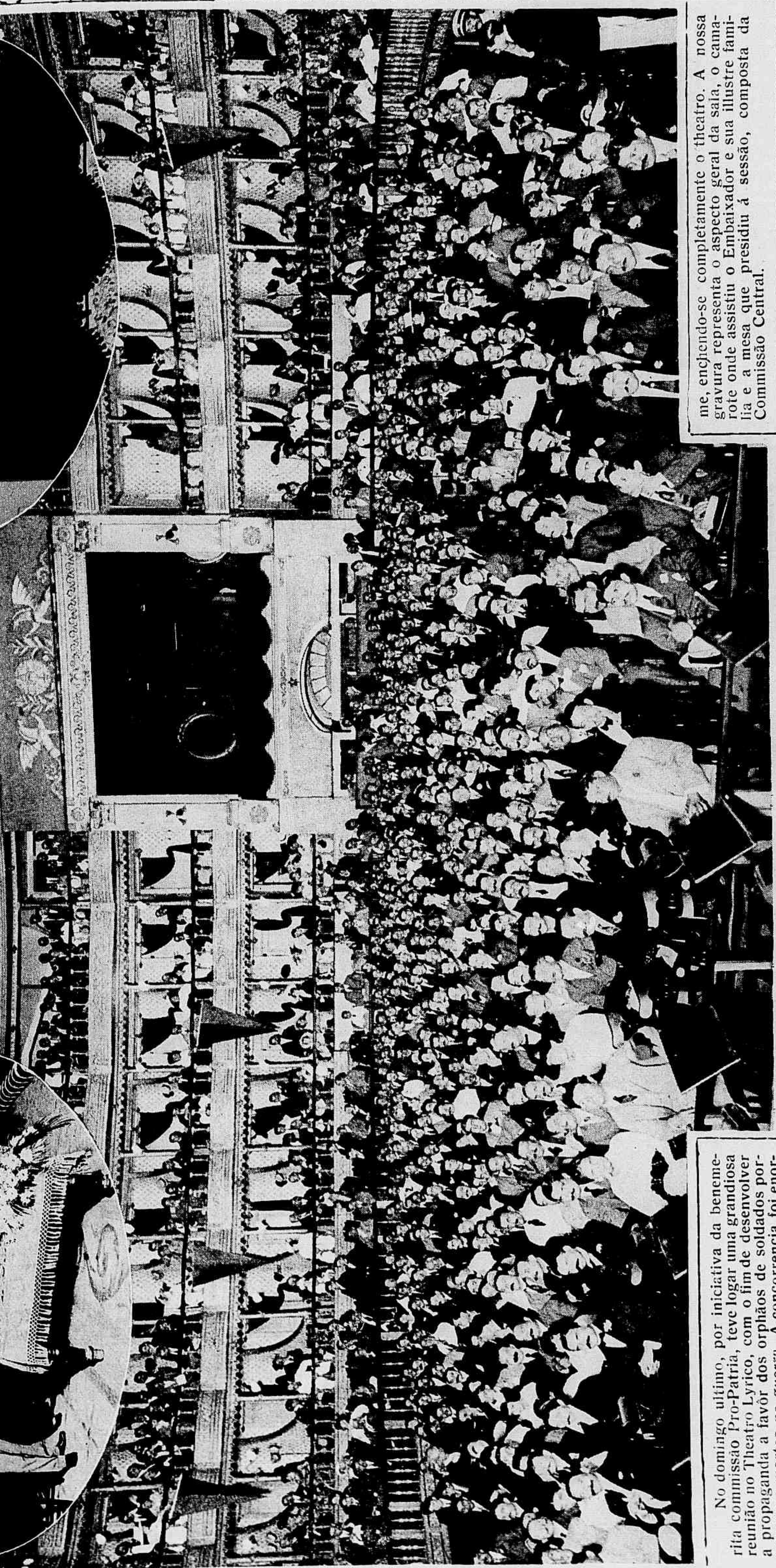
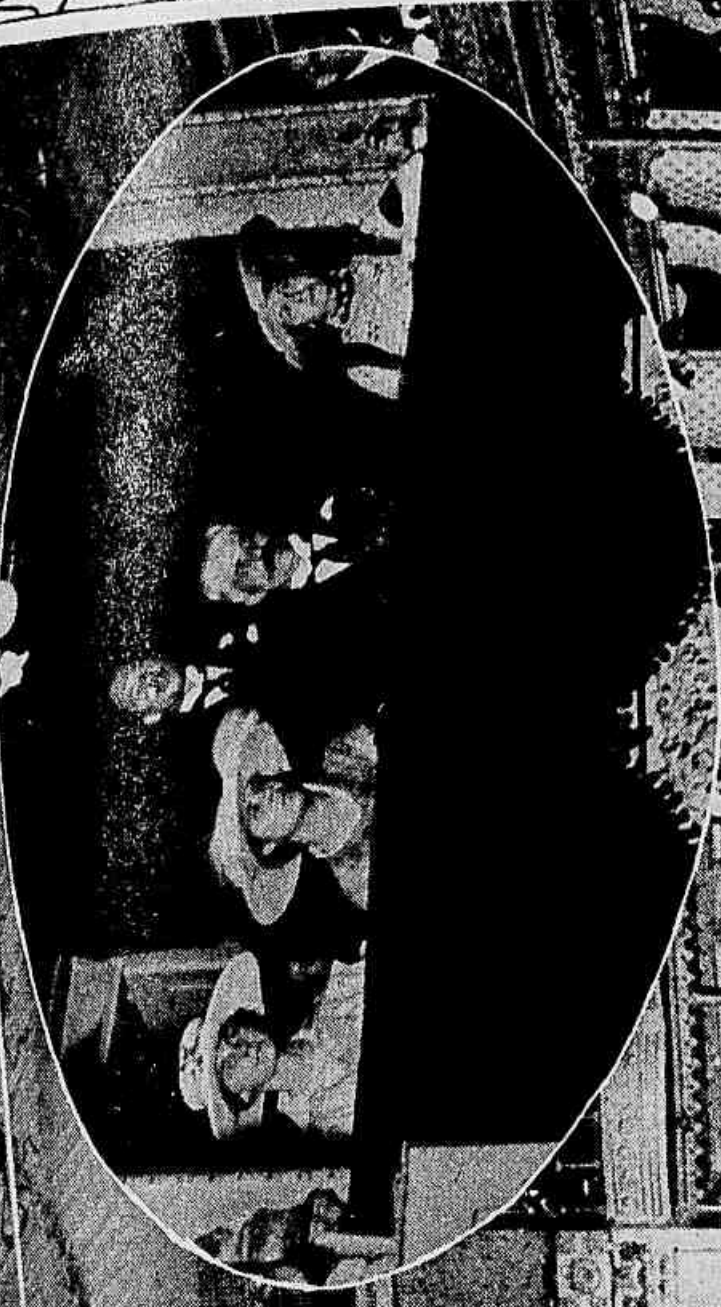
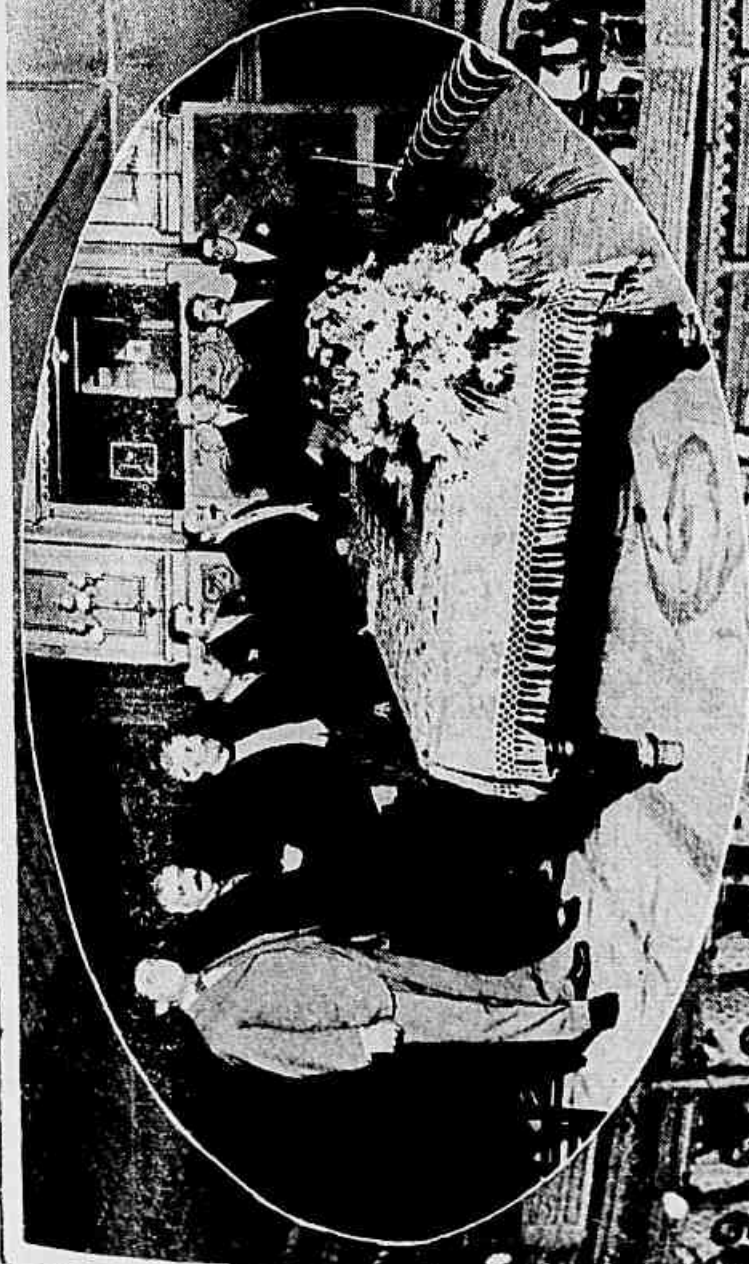
❖

Alguns ethnographos crêem que os japonezes tiveram a sua origem nas ilhas Malaías. Segundo os chinezes, seus vizinhos, proviriam da propria China. Pelo anno 600 antes da nossa era, uma colonia chinesa, conduzida por um principe, tinha descoberto as ilhas nipponicas. Esta opinião é das mais verosimeis, embora moleste o orgulho dos japonezes, no seu entender filhos dos deuses; a sociedade japoneza, como existia ha pouco tempo ainda, era constituida em todas as suas partes como a sociedade chinesa, e a semelhança tão singular que se nota, assim, não recahe sobre o lado superficial da vida japoneza, mas sim, pelo contrario, sobre tudo o que a constituição de um povo tem de fundamental. E' assim que a religião, que em todos os paizes tem sempre uma grande importancia para sua vida intima, é no fundo a mesma num e noutro povo.

Porém, se o sintoismo japonês, depois de muito tempo afastado da sua origem, soffreu algumas modificações e algumas addições parasitas, que podem produzir, á primeira vista, illusão com respeito á sua verdadeira procedencia, não succede o mesmo no referente ás outras instituições sociaes. A identidade é perfeita.

OS JAPONEZES

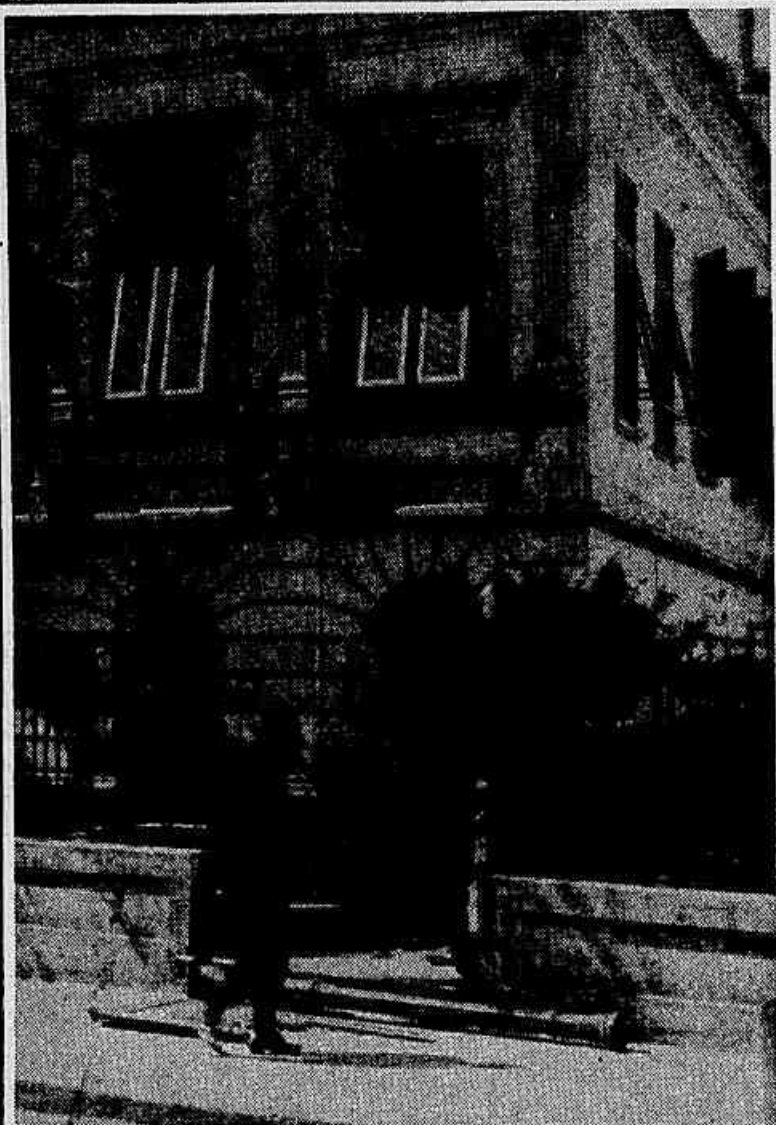
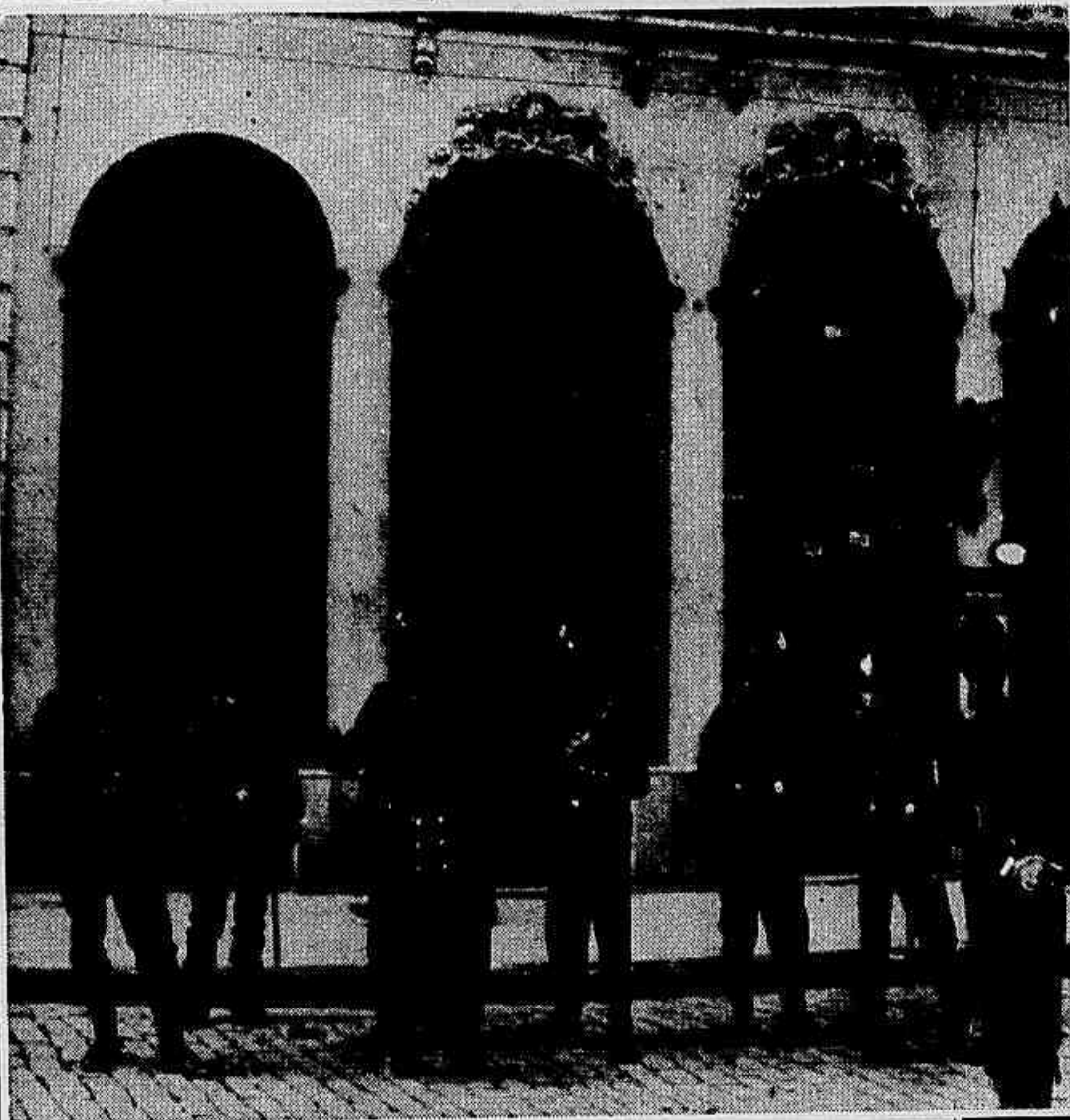
A favor dos Orphãos de Soldados - PORTUGUEZES.



No domingo ultimo, por iniciativa da benemerita comissão Pro-Patria, teve lugar uma grandiosa reunião no Theatro Lyrico, com o fim de desenvolver a propaganda a favor dos orphãos de soldados portugueses mortos na guerra. A concorrência foi enor-

me, enchendo-se completamente o theatro. A nossa gravura representa o aspecto geral da sala, o camarote onde assistiu o Embaixador e sua illustre familia e a mesa que presidiu á sessão, composta da Comissão Central.

A agitação em S. Paulo



Esta pagina representa uma serie de casas allemãs paulistas que o povo na sua exaltação patriótica vaiou e apedrejou. A acção energica das autoridades conseguiu obter a tranquillidade indispensavel á ordem e ao prestigio da hospitalidade brasileira.

1 — O edificio onde funciona a redacção do *Germania* guardado por policiaes e guardas civis.

2 — O Banco Allemão, vendo-se tambem alguns vidros partidos.

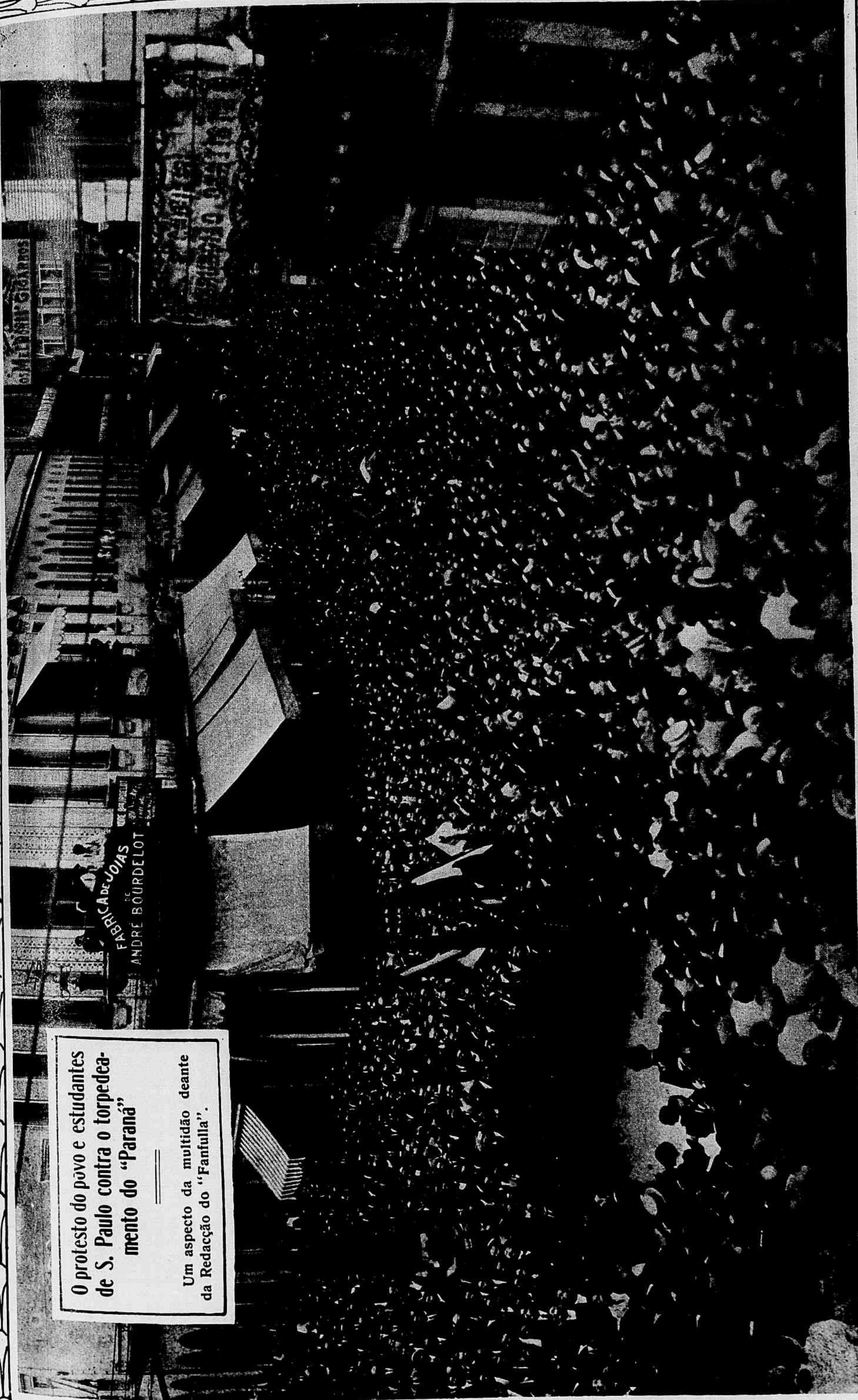
3 — O Salão Germania.

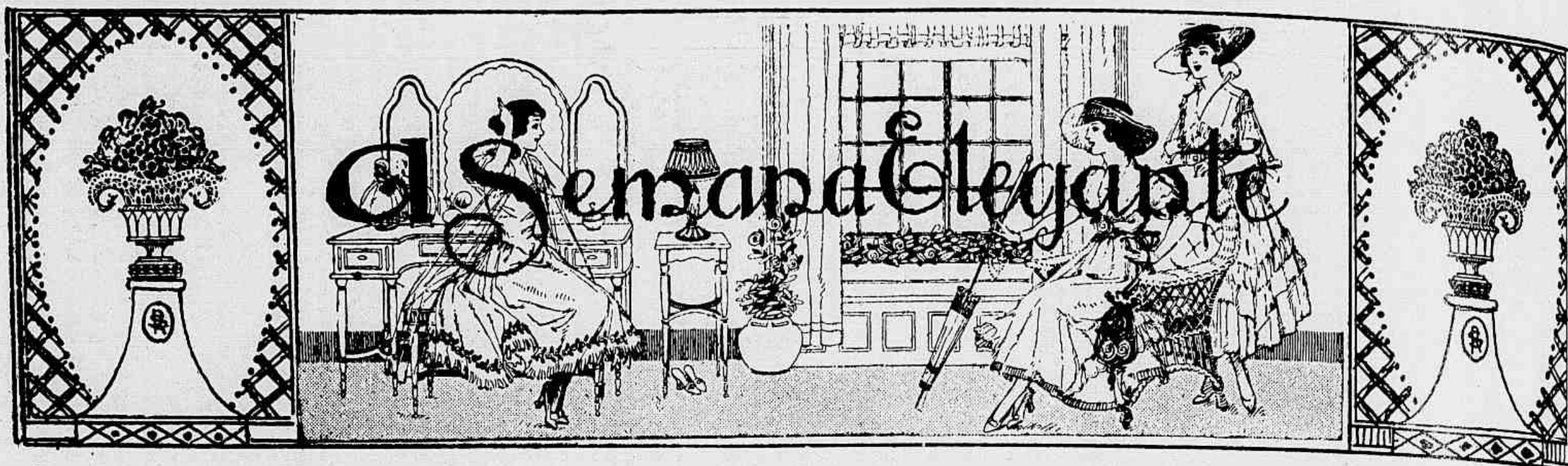
4 — Grupos de curiosos estacionados em frente á redacção do jornal allemão, depois do empastellamento do mesmo jornal.

5 — A fachada da *Pensão Allemã*, vendo-se os estragos produzidos nas vidraças.

O protesto do povo e estudantes
de S. Paulo contra o torpedea-
mento do "Paraná"

Um aspecto da multidão deante
da Redacção do "Fanfulla".





O DIA ELEGANTE

(A SEGUNDA-FEIRA)

— Um delicioso dia.

E, dizendo-o, Bilac chegou-se da janella, aberta de par em par. Lindo e amavel, o dia, nesta hora de pouca luz. Nenhum calor, céu limpo e uma certa alegria nas cousas.

— Foram suas as palavras mais sentadas pronunciadas nestes derradeiros instantes. O Brasil, felizmente, escutou-o. Houvéra sido cinco annos antes...

— E estariamos salvos!

Já então junto de nós, o poeta máximo tornára á conversa. A's portas da guerra, esse grande espirito lamentava-se de não haver despertado, para a sua gloriosa campanha de resurgimento civico, algum tempo antes. Mas estava satisfeito. Pelo menos, cincoenta mil dos nossos soldados d'agora foram buscar, nos quartéis, a educação militar, depois do seu memoravel discurso de S. Paulo. Essa immortal etapa do seu patriotismo custou-lhe momentos de verdadeira angustia, dadas as injurias que certa gente procurou jogar-lhe. Não estivera seguro das energias que o impelliam e não o consolassem os justos e nobres motivos da sua causa, tudo teriamos perdido, graças aos demolidores contumazes.

Hoje, o poeta está tranquillo. A imminencia do perigo vae poupar-lhe novos argumentos. A nação, já hoje, terá de refazer-se por si propria.

Nós, entretanto, estamos numa vida immensa para com elle. Nestes dias patrióticos, justo seria que o carregassemos em triumpho. E a triste verdade é que o vemos caminhar, na Avenida, em meio da massa, que brada o seu patriotismo, esquecida de concretizal-o no homem magnifico que foi o seu maior arauto nos ultimos instantes da vida nacional.

— Numa terra em que o povo tivésse outras vibrações, a sua casa amanhceria, sempre, inundada de flôres e o seu nome estuaria de todas as almas...

— Nada fiz. Essa multidão de jovens brasileiros que se fizeram soldados esperava alguém capaz de lembrar-lhe um novo dever. Num segundo de inspiração patriótica, falei-lhe desse dever. Ella está a cumpril-o, e o mais nada é.

Minutos após, deixavamos a casa do poeta, á rua Farani. Levavamos a

grata esperança de ver um dia, em frente áquella casa, hoje sagrada, a maior glorificação que jamais fizemos...

Chegados á Avenida, encontrámos Paulo Barreto.

— Estive com o Bilac. Deu-me vontade de conversar com elle um minuto desta grande hora de patriotismo... Deviamos fazer-lhe uma apothese...

— Isso é que é verdade. E acabam fazendo, o que é dignissimo.

Galeria da Revista



Mlle. Antonio Bruno (Noemia)

A sra. Teixeira de Barros, que desejava falar a Paulo Barreto, aproximou-se, ouvindo-nos algumas palavras.

— Os srs. deviam dizer isto, em voz alta, ao povo. Ainda sabbado, vi o Bilac passar junto de mim. Senti a emoção que antecede ao momento em que se deva assistir a um grande acontecimento. Vão cercal-o, agarral-o, conduzil-o em triumpho: que instante maravilhoso, imaginei, antegosando a esplendida eclosão popular. Lembrei-me até da phrase de Pedro II, quando lhe communicara, em Milão, o 13 de maio: "que grande povo!" Mas o Bilac continuou a caminhar. Alguns olhares seguiram-no. Certos olhos sorriam... Elle, porém, acabou por desaparecer entre a multidão. Senti uma enorme tristeza. Tel-o-iam esquecido? Não, devia ser alguma cousa peor: o nosso povo só se agita quando alguém o conduz, quando o acicatam? Talvez. Mas Deus permittirá que não...

Deixámos Paulo Barreto, conversando com a illustre senhora.

Adeante, uma duzia de lindos perfis femininos. Vimos a formosissima sra. João Christino Cruz; a graciosa sra. Almeida Godinho; a encantadora sra. Pereira Braga, que, acompanhada de sua linda filha, entrava no Pathé; a illustre sra. Calogeras; a vivaz senhorinha Miguel Pereira, acabado typo de graça e bellêsa. E já outros perfis formosos sorriam, junto de nós. Eram a senhorinha Bordallo, de uma viva elegancia, a sra. Nemésio Quadros, maravilhosa figura dos sonhos de Sheherazada, a sra Francisca Cordeiro, de emocionante bellêsa, as distinctas senhorinhas Judith e Edith Guarand, as senhorinhas Bernardez, Martha Leuzinger e Teixeira de Barros, de uma adoravel presença.

Parados, deante de uma casa de chá, assistiamos, ainda uma vez, a esse espectáculo nunca fatigante que é a exposição de elegancias das segundas-feiras.

Carlos D'Utra, que andava por perto, dá comnosco e aproxima-se.

— Tenho uma noticia sensacional.

— A declaração de guerra?

— Quasi!

— Dize, homem.

— Uma lista de atiradores. Acabo de saber que se alistaram no Tiro 5, do Leme, o Oscar Lopes, o Afranio Peixoto, o Silvio Roméro, filho, o Celso Bayma, o Belisario Junior, o Georgino Avelino. o Paulo Maranhão, o Carlos Peixoto...

— Historias...

— Não me interrompa, vá ouvindo: o Gustavo Barroso, o Adolpho Konder, o Mauricio de Medeiros, o Oscar Aguiar Moreira, o Raul de Faria, o Elói de Sousa, o Raul Veiga, o Viriato Corrêa, o Abner Mourão, o Alfredo Cesario Alvim, o Sergio Barreto, o Lindolpho Xavier, o Raphael Pinheiro, o Octavio Mangabeira e muitos outros, cujos nomes me escaparam...

— E V. tem a coragem de impingir-nos...

— Não, a coragem é delles, alistando-se, para defender a patria...

Depois de uma grande alegria, soube, hoje, que essa noticia, que nos seria gratissima, ainda é uma blague de Carlos D'Utra.

MARQUÊS DE DENIS

NOTICIARIO ELEGANTE

Anniversarios da proxima semana

SEGUNDA-FEIRA — sra. Lodi Batalha; o deputado Antonio Nogueira; o cel. Moreira Guimarães; o 1te. Medeiros Corrêa, do Estado-Maior; a galante Hilda, filha do sr. João Carlos Machado.

TERÇA — o ministro Carlos Maximiliano; a sra. Levy Autran; o dr. Tamborim Guimarães; o dr. Alberto Nogueira Soares.

QUARTA — senhorinha Monte Fusco; sra. Lindolfo Xavier; sra. comandante Arthur Meirelles; senhorinha Alfredo de Carvalho (Stella); o negociante Abilio Leandro Martins; a linda Helena, filha do sr. Alfredo da Rocha Miranda.

QUINTA — sra. Candido de Assumpção; senhorinha Pedro Lago; o dr. Arnaldo Tinoco; o professor Pedro de Assis, do Instituto de Musica; o cel. Augusto de Mello Sampaio.

SEXTA — sra. Castro Araujo; senhorinha Arthur Rodrigo Silva (Clotilde); o dr. João Pedro, director da Secretaria do Senado; o joven Cid Honorio do Prado.

SABBADO — o eminente poeta Alberto de Oliveira, da Academia Brasileira; a sra. Cicero Seabra; a sra. Luis de Carvalho; o professor Sá Vianna, da Faculdade de Direito; o galante José, filho do sr. Pedro Aranha.

DOMINGO — o senador Pedro Borges; o dr. Silvio de Castro; senhorinha Antonio Ferrari (Adelina); senhorinha Gualberto Ferreira (Ilduara); o cel. Mendes da Silva, do Collegio Militar; o dr. Armando Duque Estrada; a professora Celeste de Faria, do Instituto de Musica; senhorinha Almeida Carneiro (Fernandina).

Os que viajam...

Acham-se no Rio, vindos de gosar as férias parlamentares, os deputados Cunha Machado, Simeão Leal e Evaristo do Amaral. Em companhia desses representantes da nação, viajaram ss. exmas. familias. Regressou da Europa o dr. Mauricio Goudin. De Matto-Grosso, veio o dr. João Abott e s. exma. familia.

Deixaram o Rio: o dr. Annibal de Toledo e s. exma. familia, em viagem a Matto-Grosso; o desembargador Domingos Americo e exma. familia, de regresso ao Maranhão; para Fortaleza, com s. exma. familia, o dr. Augusto Brandão.

Caminho de Blumenau...

Nesta época de guerra, em que Blumenau, a cidade dos prados floridos, se afigura a grande numero de brasileiros um centro de perigosas machinações guerreiras, para alli seguem, afim de testemunhar o progresso industrial e agricola daquelle trecho da terra catharinense, o illustre deputado Lebon Régis e os jornalistas Manoel Duarte, do *Jornal do Commercio*, e Ivo Arruda, da *Noticia*.

Esses distinctos cavalheiros assistirão á exposição pecuaria, que alli será levada a effeito. O ministro Lauro Muller enviou, para represental-o, nesse

certamen o dr. Adolpho Konder, e o governador Schmidt irá presidil-o, pessoalmente.

E' com essas constantes provas do seu labor e progresso que o adeantado Estado do sul responde aos que duvidam do patriotismo e cultura dos seus bravos, altivos e honrados filhos.

Principe de Rodenburg — tão das sympathias da nossa sociedade—substituiu temporariamente, com o pseudonymo *Alberto Rosas*, o chronista *Marquês de Denis* nas paginas mundanas da *Revista*.

O brilhante *gentleman* e intellectual, que possui n'esta casa um nucleo de sinceros admiradores do seu talento e cultura, primou em manter inalteravel o brilho e prestigio que estas paginas adquiriram. Actualmente, esse nosso



scintillante collaborador acha-se em viagem ao Chile e ás republicas do Prata. Acompanha-o, nessa excursão, sua formosa e distinctissima irmã, senhorinha Eugenio de Barros.

Diplomacia

O dr. Silvano Mosquera, encarregado de negocios do Paraguay, deu a nota de distincção, a passada semana, com o banquete offerecido ao ministro Cardoso de Oliveira, recém-nomeado para Assumpção. Mosquera, que é um fidalgo, reuniu á sua meza algumas figuras de destaque social, dando assim o maior relevo á homenagem prestada ao illustre diplomata brasileiro. O banquete foi no Hotel dos Estrangeiros, comparecendo tambem a sra. ministra Cardoso de Oliveira.

— Marino Herrera, o joven e insinuante encarregado de negocios da Colombia, já se encontra de novo nas Laranjeiras (*Metropole Hotel*), tendo descido, ha dias, de Petropolis.

— O ministro Cardoso de Oliveira deixou o Rio, indo assumir o seu posto na capital do Paraguay.

Recepções de anniversarios

— a da generala Silva Faro, cujo palacete encheu-se de quanto temos de distincto em nosso grande mundo;

— a da illustre sra. Esmeraldino Bandeira, sabbado ultimo, no palacete de Senador Vergueiro;

— as que ás suas gentis amiguinhas offereceram as formosas senhorinhas Regina Astolpho de Rezende e Irma Araújo Góes.

Essas renniões elegantes foram encantadoras horas de musica e dansa.

Os alumnos do Lycée Français, cujo director, sr. Brigole, lhes merece uma grande estima, offereceram á esposa desse distincto educador uma linda festa, seguida de animado baile. Somos gratissimos á gentileza do convite.

O professor Ignacio do Amzal, cujos meritos e excessiva modestia muito nos encantam, recebeu dos alumnos da Escola Normal, de que é provecto director, brilhante e commovedora manifestação de apreço, por occasião da passagem do seu dia natalicio.

Maria da Graça, a formosa filhinha do nosso illustre collega dr. Denis Junior, recebeu, no passado domingo, innumerados brindes, pela passagem do seu 2º anniversario. A Denis Junior e sua distincta esposa a sra. Albertina de Denis, os nossos melhores votos pela feliz data que commemoraram.

Mario Bulcão, o nosso amavel e distincto collega, acha-se residindo, desde alguns dias atraz, no Silvestre. E' ahi, na sua formosa residencia de agóra, que a senhorinha Hilda, sua filha (e neta de Quintino Bocayúva), receberá por esposo, no dia 18, o dr. Umberto Chaves de Gusmão. Após o seu enlace, a senhorinha Hilda de Bocayúva Bulcão acompanhará seu esposo a Joinville, formosa e prospera cidade catharinense, em que elle exerce a sua clinica médica.

Paulo de Magalhães, que é um joven intelligente e promissor, justo orgulho de seu pae o poeta Carlos de Magalhães, acaba de obter distincção em todas as cadeiras que constituem o 3º anno da Faculdade Livre de Direito.

A presidenta do Ceará

Para Fortalêsa, acompanhada das suas distinctas filhas, senhorinhas Esther, Annita e Maria Eugenia, seguirá, quinta-feira, a bordo do *Ceará*, a sra. João Thomé de Saboya. Espôsa do presidente do grande Estado nortista, a illustre senhora, não tendo podido acompanhá-lo na occasião em que elle fôra assumir o governo, só agora o faz, por a terem prendido ao Rio interesses de educação dos seus filhinhos.

Figura das mais conhecidas e estimadas em nosso meio social, a sra. Thomé de Saboya deixa grande pesar pela sua partida. Assim, tambem, as suas gentilissimas tilhas, cuja graça e formosura tanto brilho e encanto davam aos nossos salões.

O embarque da sra. Thomé de Saboya será, ás 15 horas, no armazem 12, onde estará atracado o *steamer* do Lloyd.

M. DE D.

Football
"Flamengo"
versus "Palmeiras"



1 — Um aspecto da geral por ocasião do *match*.

2 — O *team* do Club de Regatas do Flamengo que jogou com os competidores paulistas.

3 — Um interessante grupo de *torcedoras*.

4 — Os que mais se interessam pela *association*.

5 — O valoroso *team* do Club Athletico das Palmeiras que empatou com os *adversarios* cariocas.

6 — Um bello flagrante do jogo.



Zumbidos... ...de véspera



Uma rainha actriz * * * *

A rainha Alexandra de Inglaterra teve na sua juventude um grande desejo de ser actriz.

Um dos principaes personagens da corte de seu pae, referindo-se á princeza, dizia ha annos:

"A sua belleza, a correção das suas maneiras e o encanto da sua voz eram elementos bastantes para animál-a ao ponto de realizar o seu ideal. Quando todos a supunham dormindo, estava nos seus aposentos estudando com afincos as obras dos grandes dramaturgos."

Juntamente com suas irmãs Dagmar e Thyre improvisava um palco e nas peças que representavam reclamava sempre a princeza Alexandra o papel de protagonista. O seu grande talento evidenciava-se, principalmente, caracterizando personagens.

Mas quando a rainha Luiza, sua mãe, teve conhecimento de que a princeza Alexandra roubava tempo ao somno para estudar Goethe e Schopenhauer, e que sentia tanto entusiasmo pela scena, acabou por completo com as representações theatraes no palacio, com grande magua das princezas.

Physiologia da * * * pontuação

O *ponto de inter-rogação* é um humilde rapaz com noções de civilidade, que de bocca aberta, dorso curvado e chapéu na mão cortezmente faz uma pergunta e aguarda a resposta.

A *virgula* é o botão do meio do vestido preto da phrase. Serve para deixar ver o collete branco da ideia e as bellezas do estylo.

O *ponto* é uma macia poltrona, onde o leitor se encosta, enquanto o auctor espirra.

A *linha* é uma cama destinada para a digestão momentanea do prato servido.

O *ponto de admiração* é uma flecha que parte veloz ao coração para despertar-lhe as sublimes emoções que ali gosam as delicias de Morpheu.

O *ponto e virgula* é o botão e casa da sobrecasaca da phrase, quando o collete é de cor duvidosa.

Os *dois pontos* são duas sentinellas postadas no portão do coração da oração, para bradarem ás armas ao leitor, indicando-lhe novos horisontes.

A *reticencia* fórma a calçada de uma phrase equivoca, por onde tem de marchar o leitor, guiado pela luz da sua intelligencia até chegar á conclusão.

cada 78 casados que attingem a idade de 42 annos, não ha mais do que 40 solteiros que tenham a mesma sorte.

Não ha exemplo, diz ainda o mesmo hygienista, de que qualquer solteiro tenha passado dos cem annos.

Nas mulheres, a vantagem da longevidade é tambem evidente a favor das casadas; estas, segundo observações estatisticas, chegam a octogenarias, e até centenarias, em numero superior ao das solteiras.

O que é indispensavel na guerra * *

Agora que a guerra vem chegando, é justo que lembremos a opinião de dous patriotas valentissimos que faziam considerações sobre o assumpto.

— Na guerra, meu caro, a melhor qualidade, o melhor requisito, a unica cousa que se exige, é a presença de espirito...

— E a ausencia de corpo, que é ainda melhor...

Nihilismo puro * *

Apezar das difficuldades internationaes do momentos politicos não dão treguas.

Ha dias escutamos um acalorado patriota, acerrimo partidario do Sr. Nilo Peçanha, o infatigavel administrador do Estado do Rio, que dizia entusiasmado e convicto:

O Nilo não pretende a presidencia

da Republica, não; acceta a vice-presidencia desde que na chapa o presidente seja o Ruy, o Rodrigues Alves ou o Barão Homem de Mello...

A maior oligarchia * * * *

Papae não póde, mas posso eu.

Papae não póde, e eu governei e mais o vice lá na fazenda... e tudo foi direitinho.

Papae descansará e eu trabalharei para não fadigar elle e não dar gostinho a seu Delfim.

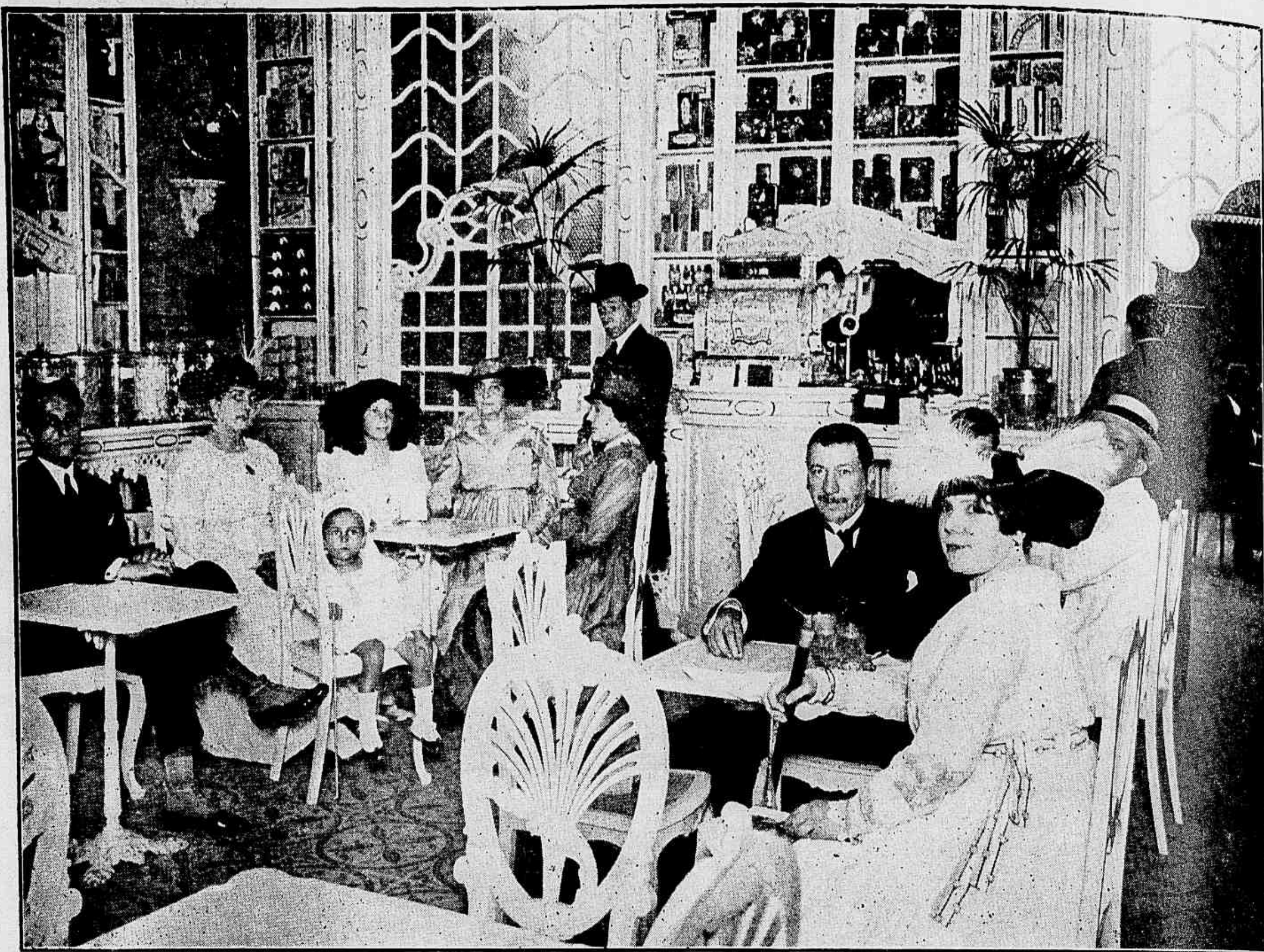
Eu sou Cacá, não sou Accioly !...



Mobilisação feminina por motivo da guerra

Quem vive mais : os * * * * * * * casados ou os solteiros ?

Sem receio de que nos desmintam, podemos informar que o matrimonio influe na duração da vida. Este facto tem sido comprovado pelas estatisticas e investigações de Buffon, Hufeland, Odier, Casper e outros medicos notaveis. Monlau, hygienista hespanhol, calcula que, n'um periodo dado, de cada cem solteiros, morrem 28, ao passo que não fallecem mais de 18 casados da mesma idade; e que, por



Um aspecto interior do "Ponto Chic", elegante sorveteria preferida pela sociedade carioca

SONHO AFRICANO

Ao Ribeiro Couto

Tomba o sol. Arde o céu; ardem as nuvens; arde
O longínquo horizonte e rubra, em fogo, a tarde
Entre os noturnos veus desaparece. Tomba
Velho e sangrento o sol no occaso. A treva arromba
Froixos diques de luz cambiante, e num momento
Grande oceano revoltado invade o firmamento
E faz de onix inteiro o céu de canto a canto;
E a fugir, no negror do abobadado manto,
A estrella do pastor abre o calix de prata.
A lua surge. É noite plena.

E em plena matta,
E junto á porta de um casebre humilde e estreito,
Um preto velho, a fronte encurvada no peito
E encostada nas mãos a carapinha, dorme.
Sonha. Vê junto a si desenrolar-se a enorme
Floresta em que nasceu e onde, livre e selvagem,
Por entre os paredões enormes da folhagem
Vagava, escravo e rei da natureza bruta.
E sem vêr, sem ouvir, no entretanto olha e escuta:

Ao tropel de brutos pachidermes rebôa
A floresta acordando. Em turbida lagôa
Cruzam-se á tona da agua enormes crocodillos.
Na rigida couraça, afastam-se tranquilllos
Pelos desvãos da matta hyppopotamos brancos.
Serpentes collossaes enroscam-se nos troncos
Das arvores. Cortando a escuridão noturna,
Phosphorejam na treva, ardendo em cada fuma,
Os olhos da panthera.

E á luz da lua cheia,
Em plena matta bruta as palhoças da aldeia,
Outrora tão festiva e agora abandonada.
E a selva em torno, em torno a selva illimitada
Em silencio, e por tudo e em tudo sobre a terra
As lembranças de outrora!

As caçadas e a guerra!
Os combates á noite, as luctas braço a braço,
As tribus em tropel e, atroando pelo espaço,
Em coro, imprecações, blasphemias e rugidos;
O sangue a borbotar dos corpos dos feridos

Humedecendo o solo; e ao rufo do atabaque
E ao ruidoso resoar das tubas, ao ataque,
A confusão, o horror, a morte, o incendio, a lucta!
A victoria?

E a caçada! A longa espera. A' escuta
O ouvido attento; o braço armado e investigando
O arredor e a floresta e a sombra perscrutando
O olhar ancioso e firme. E inesperadamente
Um urro ao longe, um salto, um silvo, e frente a frente
O mais fraco abatendo a força do mais forte
E o fulvo leão, rugindo, ás convulsões da morte
No sangue derramado ensanguentando a juba,
Ferido pela flexa hervada que derruba
A féra mais possante e o braço mais valente...

E hoje o silencio, a sombra e a Saudade sómente
A soluçar por sobre a aldeia abandonada.
E a selva em torno, em torno a selva illimitada
No silencio, na sombra e em largo somno immersa.
E a tribu muito longe, arrastada e dispersa
Pelo mundo, a lutar no cativoiro bronco.
E a premiar-lhe o trabalho as torturas no tronco,
O chicote zunindo e a carne retalhando.
A miseria e o castigo e a revolta levando
A architectar a fuga, e a fuga pela matta.
A prisão. O terror. E de novo a chibata
E o castigo de novo. E a dôr que desconforta,
A saudade sem fim de uma existencia morta,
A saudade sem fim, a saudade... a saudade....
E uma ancia de viver, a ancia de liberdade,
O unico bem que vale a dôr de ter nascido!
E o cativoiro eterno, e o trabalho, e o zumbido
Eterno da chibata, e a dôr e a magua eternas!
E só de longe em longe, ao clarão de lanternas
Vinha o batuque encher o corpo de alegria!

E elle accorda, e estendendo o olhar em torno, espia.
Olha a noite, e accendendo um cigarro de liamba
Inda cuida escutar pela floresta um longo
Chocar de palmas e o bater dos pés no samba
E a viola gemendo aos requiebrs do jongo.

S. Paulo 1917

TOBIAS HESSE



*Primavera ! Um sorriso aberto em tudo ! Os ramos
N'uma palpitação de flores e de ninhos !*

OLAVO BILAC.

Corre a quadra das flores evocada pelo Poeta,
e que é também a quadra por excellencia da Mulher.
E' um trecho do anno em que não se perdôa que a
belleza immortal das cousas não allie a mulher a
sua propria Belleza.

O caminho para o "PARC", em visita á sua

GRANDE **E**XPOSIÇÃO DE **V**ESTIDOS E **T**OILETTES

é o caminho para a Belleza,
para a Elegancia, para a Dis-
tincção, sem sacrificio.

VISITEM O

PARC ROYAL

TOLUOL

Cura tosses, bronchites, etc., em 48 horas.
Depositos: Araujo Freitas & C., rua dos
Ourives, 88 e Pharmacia Marques. — —
Praça Tiradentes, 40 - 42
o o RIO DE JANEIRO o o



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO Sede em Lisboa
FUNDADO EM 1864
CAPITAL 12.000 CONTOS FORTES
Saques á vista e a praso sobre todos os paizes.
Depositos á ordem e a praso ás taxas mais
vantajosas do mercado.
Emprestimos caucionados. Descontos, cobran-
ças e todas as operações bancarias.
Filial no Rio de Janeiro, RUA DA QUITANDA
— ALFANDEGA.
Agencia na Cidade Nova, PRAÇA 11 DE
JUNHO.

Kola Soel

Dá vida e vigor. E' o melhor
tonico. Deposito:
ARAUJO, FREITAS & C.
88—Rua dos Ourives—88
RIO DE JANEIRO

Em todas as "Leiterias Bol"
encontra-se á venda a sua opti-
ma "Manteiga Bol" fresca, fa-
bricada com creme pasteurizado,
de fino aroma, agradável pala-
dar, isempta de microbios e ger-
mens nocivos. — Raul Ferreira
Leite. — Tel. 609, Norte. Casa
Matriz. R Gonçalves Dias, 73.

— O seu medico é da nova escola ou
é ainda da antiga ?
— E' da mais moderna que ha, no
meu entender.
— E que especialidade tem ?
— Tem esta : pequenas doses e gran-
des contas.

FUMEM MISTURA ALLEN

Assembléa, 106

Canto de Gonçalves Dias

Charutaria Allen

— O Miranda, teu visinho, disse-me
que fez recentemente em casa grandes
melhoramentos.

— E' exacto ; um dos que eu sei que
elle fez foi vender o piano.

Elle :— Queira perdoar, minha se-
nhora !

Ella :— O quê ?

Elle :— E' que eu, inadvertidamente,
acabo de espetar um dos meus olhos
no prego do seu chapéu.

— Diga-me se sempre foi certo ter-
lhe uma clarividente prophetizado a
morte de seu defunto marido ?

— Foi ; disse-me que me estavam
reservados na vida dias melhores.

Os symptomas de Lombrigas são bem conhecidos

As lombrigas e a solitaria atacam geral-
mente as creanças (ainda que sem pe doarem
os adultos). Quando alguém tiver um appe-
tite voraz ás vezes e lhe faltar o appetite a
ocasiões, se tiver mau halito, côr pallida e
bocca aquosa, os narizes alargados, circulos
lividos ou pretos ao redor dos olhos, dilata-
ção e concentração das meninas, ha indicios
seguros de lombrigas ou solitaria.

O Vermifugo "TIRO SEGURO" do
Dr. H. F. Peery, tomado segundo as ins-
truccões da circular que envolve os vidros,
faz que aquelles symptomas desapareçam,
extrpando as lombrigas do systema e des-
truindo o foco onde se formam e desenvolvem.
"Nem ha mister de cutios puigantes para
completar a sua acção".

Compre logo um vidro do Vermifugo
"TIRO SEGURO" do Dr. H. F. Peery,
o unico legitimo e fabricado pela Wright's
Indian Vegetable Pill Co. de 372 Pearl
Street, Nova-York, N. Y.

ACIDO URICO

BI-UROL

SILVA ARAUJO

CABELLEIREIRO

FAZ-SE QUALQUER POSTIÇO DE ARTE,
COM CABELLOS CAIDOS

Penteado no salão.	3\$000
(Manicure) Tratamento das unhas.	3\$000
Massagens vibratorias, applicação	2\$000
Tintura em cabeça	20\$000
Lavagens de cabeça a	2\$000
Serviço completo para theatro.	20\$000
Corte de cabello á ingleza.	1\$500

Aluga-se cabeleiras para theatros e sociedades.
PERFUMARIAS FINAS PELOS MELHORES PREÇOS

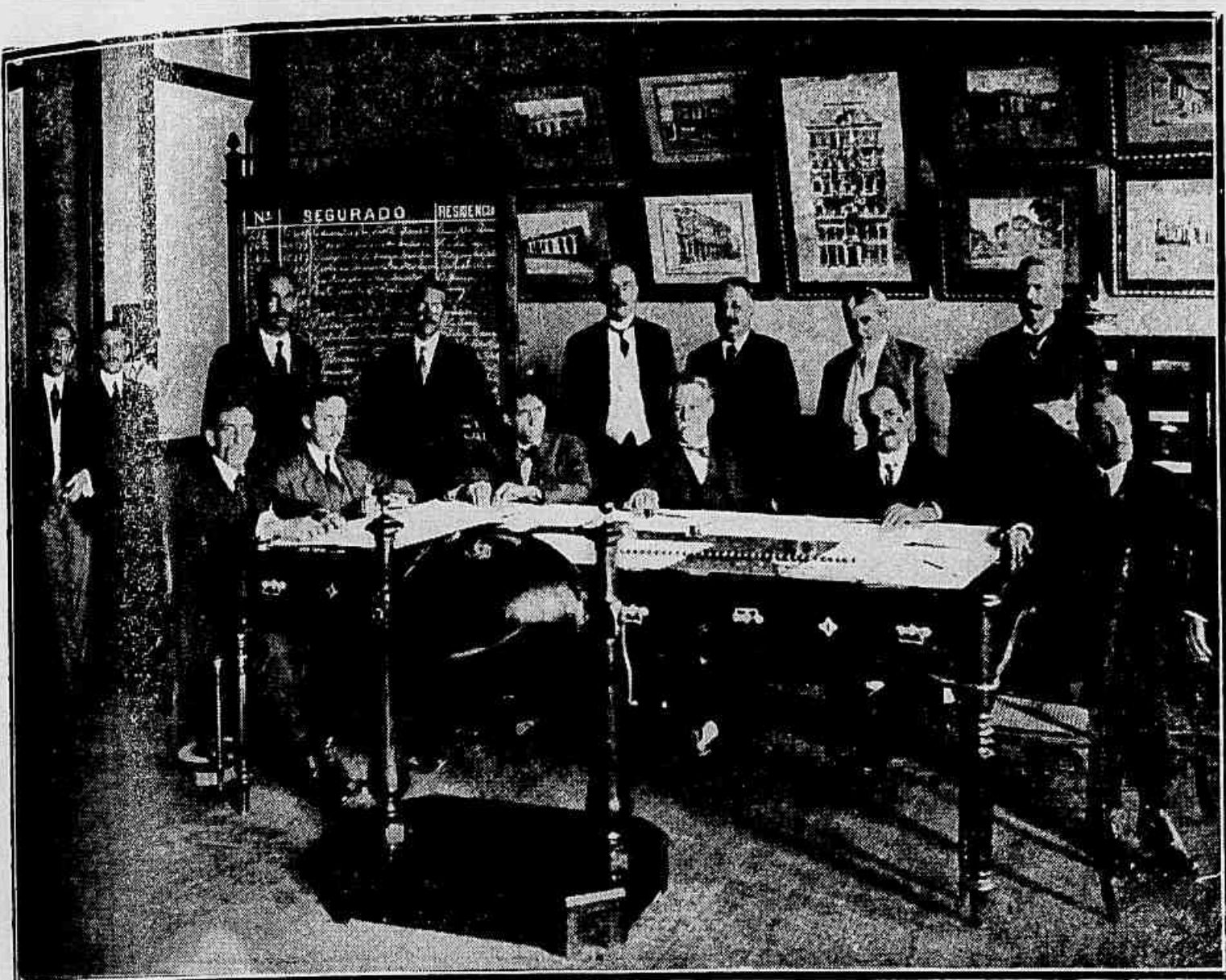
Salão exclusivamente para senhoras. Casa
A NOIVA, 36 rua Rodrigo Silva 36.
antiga Ourives, entre Assembléa e Sete
de Setembro. Telephone 1027. Central.



A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS
MUTUOS SOBRE A VIDA

Relação das apolices sorteadas, em dinheiro, em vida do segurado : — 43º SORTEIO — EM 16 DE ABRIL DE 1917



Photographia tirada por ocasião do 43º sorteio trimestral, realizado no dia 16 do corrente, na sede social de "A Equitativa", á Avenida Rio Branco, 125.

têm sorteada sua apolice 43.131; a 1ª vez a 15 de Abril de 1909. (3) O sr. Antonio José da Silva Rocha e esposa, que ora têm sorteadas suas apolices — 10.169 e 10.170, já em 15 de Abril de 1909 tiveram sorteada a n. 10.169. (4) A apolice 10.151 do sr. José Vieira Brito e esposa também foi sorteada em 15 de Abril de 1909. (5) Em 16 de Abril de 1905 foi sorteada a apolice 8.573 do sr. Pedro Jacome de Araujo, agora a de 8.574. (6) O sr. José Ferreira Lopes Leitão, que ora tem sorteada sua apolice 53.321, já teve sorteadas a de n. 53.320 duas vezes — em 15 de Outubro de 1908 e 15 de Janeiro de 1913.

NOTA — "A Equitativa" tem sorteado, até esta data, 1.100 apolices, no valor de mais de Rs. 4.400.590\$000, importancia paga, EM DINHEIRO, aos respectivos segurados, continuando as mesmas apolices em vigor, com direito aos sorteios ultteriores, de conformidade com as clausulas respectivas.

81.249 Eduardo Baptista Franco — Curitiba, Paraná. 40.517 Padre Jonas Taurino de Andrade — Olinda, Pernambuco. (1) 10.107 Euclides E. de Souza Aranha — Itaipu, Rio Grande do Sul. (2) 43.131 Leobino Soares da Motta e esposa — Palmeira dos Índios, Alagoas. 10.261 José Serafim dos Santos — Pão de Açúcar, Alagoas. 10.170 Antonio José da Silva Rocha e esposa — Muricy, Alagoas. (3) 10.169 Antonio José da Silva Rocha e esposa — Muricy, Alagoas. (4) 10.151 José Vieira Brito e esposa — Palmeira dos Índios, Alagoas. (5) 8.574 Pedro Jacome de Araujo — Apto Acre. 96.543 Tertuliano Cabral Fernandes Vieira — Fortaleza, Ceará. 90.208 Braz Avolio — Parahyba do Sul, Estado do Rio. 85.989 Dr. Fernando Freitas Filho — Florianópolis, Santa Catharina. 81.106 Antonio Soares de Oliveira — Caisária, Parahyba. 87.722 D. Libuca Berbert de Castro — Ilhéos, Bahia. 54.010 Belisario Leite de Andrade — S. João d'El Rey, Minas. 97.681 Ataliba Salles — Bello Horizonte, Minas. 96.828 Elias Marcondes Homem de Mello — S. Paulo. 51.650 Severino Moreira Barbosa — Bocaina, S. Paulo. 80.379 Absalão Figueiredo e Souza — Capital Federal. 16.479 João Frederico Rieken — Capital Federal. 95.455 Orla Georg Bech — Capital Federal. (6) 53.321 José Ferreira Lopes Leitão — Capital Federal.

(1) O sr. Euclides Egidio de Souza Aranha, que ora tem sorteada sua apolice 10.107, já em 15 de Outubro de 1908 teve também sorteada sua apolice 10.105. (2) O sr. Leobino Soares da Motta e esposa pela segunda vez Silva Rocha e esposa, que ora têm sorteadas suas apolices — 10.169 e 10.170, já em 15 de Abril de 1909 tiveram sorteada a n. 10.169. (4) A apolice 10.151 do sr. José Vieira Brito e esposa também foi sorteada em 15 de Abril de 1909. (5) Em 16 de Abril de 1905 foi sorteada a apolice 8.573 do sr. Pedro Jacome de Araujo, agora a de 8.574. (6) O sr. José Ferreira Lopes Leitão, que ora tem sorteada sua apolice 53.321, já teve sorteadas a de n. 53.320 duas vezes — em 15 de Outubro de 1908 e 15 de Janeiro de 1913.

P. W. Lambert & Co. Nova York

Fabricantes de Marroquinaria Fina



Grande variedade de Bolsas de Couro, Seda, Velludo e Vernizes. :
Carteiras e :
: : : Portemonnaies : :

PARA ENCOMENDAS
DIRIGIR-SE AO UNICO
REPRESENTANTE :



ADOLPHO APFELBERGER

Rua S. Pedro, 28

RIO DE JANEIRO

Sem prazer e sem amigos - Máo humor - Doente

PILULAS DO

Durante o grande numero de mezes que padeci do aparelho digestivo, estomago, figado e intestinos—dores de cabeça, náuseas do estomago, calor no rosto, enfatiado, palpitações no coração, triste, máo humor continuo sem prazer na comida, tudo soffri devido a dyspepsia e prisão de ventre que nem tratamentos, regimens e massagens conseguíam curar.

Condoido do meu estado um amigo insistiu para que abandonasse o tratamento e experimentasse alguns dias o uso das "Pilulas do Abbade Moss," grato serei sempre a esse amigo, pois as "Pilulas do Abbade Moss," me salvaram; curado do estomago, da prisão de ventre e suas consequências acima citadas, recobrei a felicidade de meu lar no qual nunca mais faltarão as humanitarias e uteis "Pilulas do Abbade Moss," para todas as doenças do estomago, figado e intestinos.

RAMIRO TORRES

Ceará, 12 de Outubro de 1915

Em todas as pharmacias e drogarias.

Agentes: Silva Gomes & C. — Rio.

ABBADE MOSS

Ferro é o Melhor para Produzir Força e Saude, dizem os Medicos. Por conseguinte, tome Ferro.

O SEGREDO DA FORÇA E DA RESISTENCIA DOS ATHLETAS

Ferro Nuxado porá toda pessoa delicada, anemica e nervosa 200 % mais forte em duas semanas apenas, em muitos casos.

Nova York, N. Y. — "Infinidade de pessoas comettem o erro de acreditar que, tomando uma medicina estimulante, uma droga narcotica ou qualquer outra preparação secreta vão obter novas forças e saude—diz o dr. Bourgey, um especialista de Paris—quando é facto muito sabido que a força real e verdadeira só a podemos obter dos alimentos que ingerimos; existem, porém, muitissimas pessoas que não adquirem do alimento a necessaria força e poder vital, devido a que o respectivo sangue não contém ferro em quantidade necessaria para o preciso processo de transformação e assimilação. Reconhecem ellas, pelo seu estado de debilidade, e mesmo nervosidade, que algo de grave se passa no seu organismo, mas, não sabendo com exactidão o que é, começam a medicar-se para o estomago, figado ou rins (si senhora ou senhorita, para enfermidades *proprias do sexo*) ou ainda para qualquer outra doença que, embora o paciente ignore, é causada pela falta de ferro no sangue. Este estado de cousas continúa, ás vezes, por tempo indefinido e o doente sempre em maior soffrimento e desespero, quasi sem saber o que fazer". "Si alguém dos que ouvem—prosegue o dr. Bourgey—se encontra no numero dos infelizes que soffrem, não se sentindo forte ou de todo bem, aconselho-o a não perder um momento e submeter-se á seguinte prova: verificar primeiro que distancia póde caminhar sem cansaço; tomar depois dois comprimidos ou pastilhas de ferro nuxado tres vezes ao dia, durante duas sema-

nas; experimentar novamente as forças e poder de resistencia e vêr por si mesmo si lucrou ou não. Com meus proprios olhos, vi muitas pessoas nervosas, anemicas, enfermigas, que sempre de qualquer coisa se queixavam, duplicar e mesmo triplicar as forças e poder de resistencia, livrando-se ao mesmo tempo de symptomas de dyspepsia, nervosidade, anemia, desarranjos do figado e outras enfermidades, em prazo relativamente breve, sómente com o emprego do ferro, na devida fórma. Ferro Nuxado é um preparado a base de ferro mais moderno que se offerece hoje ao publico e por experiencia propria sei que é absorvido e assimilado pelo organismo com extrema facilidade. Muitos dos famosos campeões norte-americanos e atletas saíram vencedores de suas provas porque, conhecendo o segredo da força e poder de resistencia, provisionaram o sangue de sufficiente quantidade de ferro".

NOTA: — O Ferro Nuxado, que acima recommenda o dr. Bourgey, é como já antes dissemos uma das fórmas mais modernas em que hoje se prepara o ferro organico. E tem a vantagem de ser assimilado pelo organismo com a maior facilidade, não enegrecendo os dentes e não causando perturbações no estomago. E' um medicamento poderoso em quasi todas as fórmas de indigestão, nervosidade, anemia, figado, pobreza de Sangue e outras enfermidades. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias, e com toda segurança na dos srs. Granado & C., Rodolpho Hess & C., Freire Guimarães & C., J. M. Pacheco, Francisco Giffoni & C., V. Silva & C., J. Rodrigues & C., E. Legay & C., Araujo Freitas & C., Orlando Rangel & C., Silva Araujo & C., André de Oliveira e P. de Araujo.

Unico importador - **BENIGNO NIEVA**

CAIXA POSTAL 979

RIO DE JANEIRO

Jornal da Família

N. 81

21 - 4 - 1917



Modas, Costuras e bordados,
A vida no Lar, Receitas e
Conselhos práticos, Economia
Doméstica, Hygiene de Bel-
— leza, Alimentação —

Ultimos Modelos



N.º 1 — Toilette em setim mar-
ron e chamalote do mesmo
ton, mangas de gaze marron
com punhos de chamalote.

N.º 2 — Vestido formando aven-
tal na frente, e as costas de
panno branco, plissado ao
lado de renda preta. Blusa
de veludo preto. Cinto formado por duas tiras de couro preto.

N.º 3 — Vestido inteiro de panno vieux-rose guarnecido com pelles.

N.º 4 — Saia de xadrez, blusa de seda branca.



PEQUENAS FALTAS

Nenhum de nós certamente usará da liberdade de linguagem considerada vergonhosa, mas quantas entre nós prestam pouca atenção aos pequenos relaxamentos que dão á conversa na intimidade grande vulgaridade.

Pederão replicar-me que são bagatelas.

E' possível que sim, mas esses pequenos senões repetem-se com dema-

siada frequencia e importa não dar mau exemplo ás creanças.

Por exemplo, tenho notado com pezar a tendencia de rapazes e raparigas para responderem de um modo brusco aos seus paes ou a pessoas mais velhas. A's vezes parece que nem ouvem as palavras que se lhes dirige.

Um signal de cabeça affirmativo ou negativo, um som inarticulado, eis a unica resposta que se dignam dar.

E' preciso, pois, desde a mais tenra infancia, obrigar a creança a observar as formulas de polidez e nunca deixar no esquecimento os bons costumes que, afinal, são o distinctivo dos povos civilizados.

Tenho horror de toda a brutalidade e vulgaridade de linguagem, e parece-me que temos todos interesse em nos lembrar que é rebaixar o nosso pensamento, coisa nobre por excellencia, revesti-lo de forma sem elegancia ou trivial.

Usos e costumes

Uma senhora nunca deve entrar n'um salão dando o braço ao marido, nem uma moça dando o braço ao pae; a mãe deve entrar em primeiro lugar, seguida de sua filha, a qual é seguida pelo seu pae.

Entrando-se n'uma sala procura-se em primeiro lugar os donos da casa para cumprimental-os; cumprimentam-se em seguida as pessoas já conhecidas e para as pessoas ás quaes ainda não fomos apresentadas basta fazer uma ligeira inclinação de cabeça.

PENSAMENTOS

Não ha nada tão triste para um homem instruido como viver com uma mulher ignorante. Sente o tédio vago, porém positivo, que produz n'uma habitação a vista de um relógio parado.

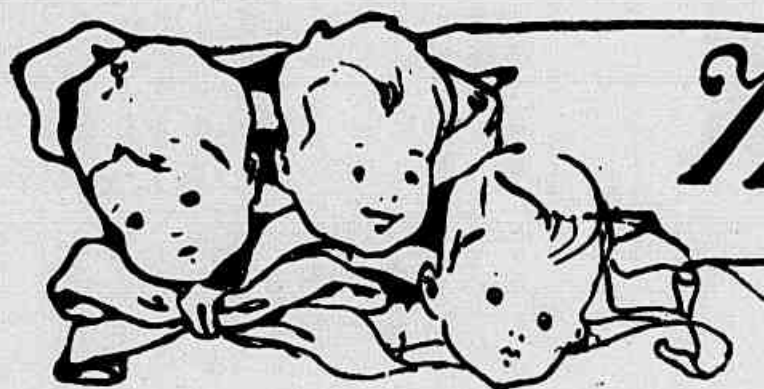
H. Heine.

Creada : — O' senhor! está ali um homem, com duas pernas de pau, que lhe deseja falar.

O amo, distrahi-damente : — Diga-lhe que não preciso de nenhuma.

— Olha, Alfredo, tenho hoje muitas cousas em que conversar contigo.

— Ainda bem, minha querida; o teu costume é conversar commigo sobre muitas cousas que não tens.



Moda Infantil



N.º 1 — Vestido em linho côr de rosa com cintos e gola em linho branco. N.º 2 Casaco em panno verde, saia, cinto bolso e punhos em xadrez branco e verde. N.º 3 — Vestido em flanela branca bordada com soutache branco, gravata e faixa vermelha. N.º 4 Vestido em voile crème bordado no mesmo tom com seda.



MENU

Açorda com chouriço e presunto.
Miolos com parmezão.

SOBREMEZA

Crème de laranja.

AÇORDA COM CHOURIÇO E PRESUNTO

125 gram. de presunto cortado em pedaços pequenos, 125 gram. de chouriço de carne, cortado em rodas delgadas. Feito isto, põe-se ao lume em uma caçarola 200 gram. de toucinho cortado em pedacinhos, e em estando córado deita-se-lhe o chouriço e o pre-

sunto, e mexe-se; em estando um pouco frito, deita-se-lhe pão e meio, — que deve ter estado em agua fria, expremendo-o com a mão ao tirar-se junta-se-lhe uma pitada de pimenta e o sal necessario mexendo-se tudo muito bem.

Se quizermos fazer açorda mais delgada, deita-se-lhe uma porção de agua a ferver, depois de estar a coser durante 5 ou 6 minutos, mexendo-se sempre com uma colher de pau, serve-se n'uma travessa.

MIOLOS COM PARMEZÃO

Deita-se em agua morna uma mioleira de vacca e, um quarto de hora depois, tira-se-lhe a teia, que é uma pelle fina que cobre os miolos.

Depois mettem-se os miolos n'uma caçarola, com o sal necessario, e cobrem-se de agua. Põe-se a caçarola ao lume durante um quarto de hora, tirando-se então os miolos e cortando-os em fatias delgadas. Faz-se um refogado de manteiga, cebola picada, salsa, uma pitada de pimenta, e deita-se-

lhe uma colher de molho de cosido; em fervendo um bocado tira-se para fóra do fogo. Deita-se um pouco d'este molho n'uma frigideira de barro e algumas fatias de miolos; por cima d'estas põe-se uma porção de queijo parmezão ralado, bem espalhado; depois, mais molho por cima e mais queijo, e mette-se no forno a frigideira. Em estando córadas as fatias, tiram-se do forno e servem-se.

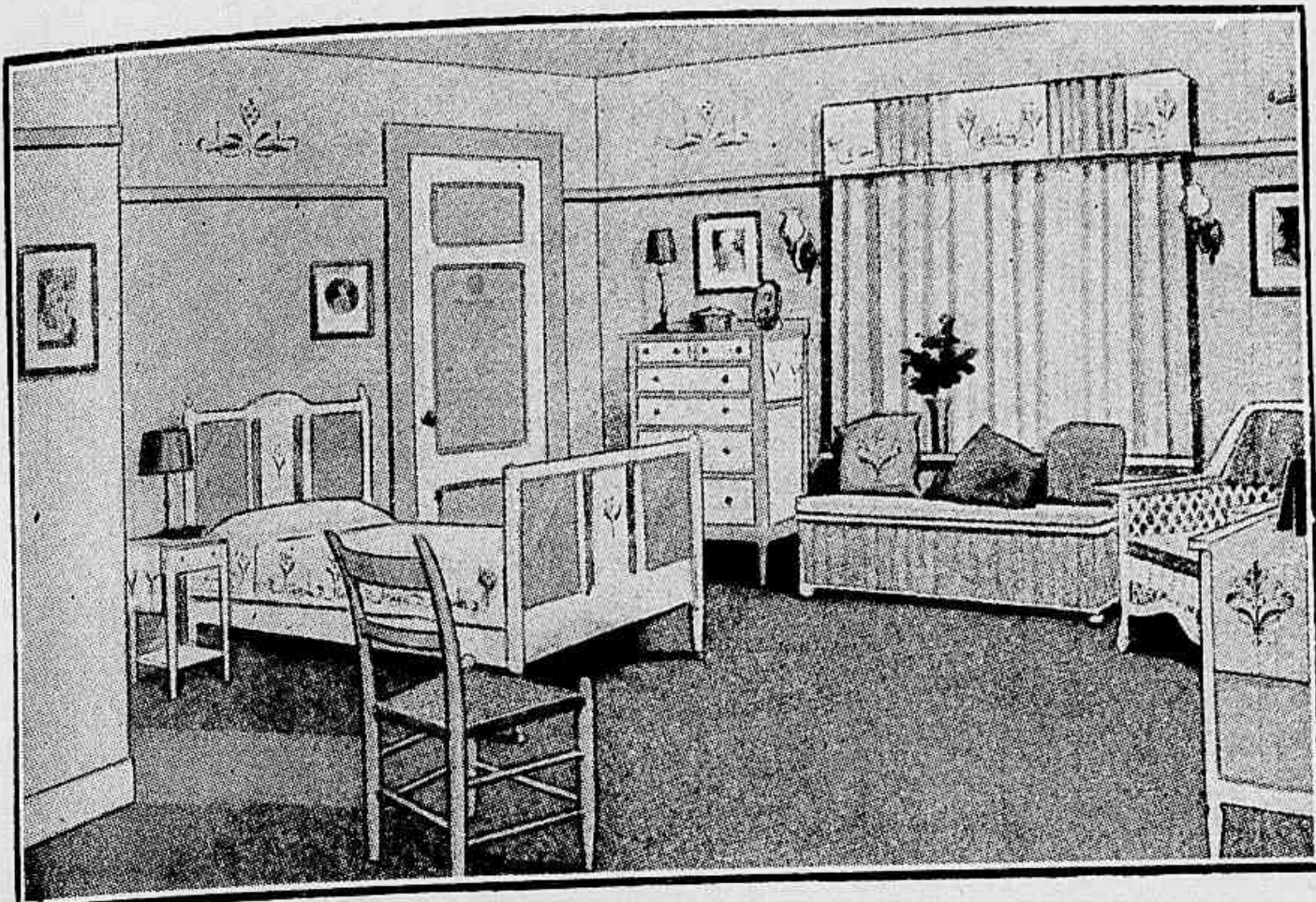
CRÈME DE LARANJA

Corta-se a parte superior d'uma laranja deixando uma alça, limpa-se o centro que se espreme e se passa por um coador.

Para um quarto de litro de caldo de laranja uma colher de farinha de trigo, 100 grammas de assucar e uma colherinha de manteiga que se deixa ferver ajuntando depois de retirado do fogo tres gemmas e tres claras bem batidas, estando ainda quente a calda.

Depois de frio o crème, põe-se dentro das cascas das laranjas arranjadas em cestinhas com um lacinho na alça.

QUARTO DE DORMIR



Damos um modelo de quarto de dormir de aspecto alegre e confortável.

Com muita facilidade e economia pode-se obter umegual.

Mandando-se fazer num marceneiro uma mobilia muito simples que se pinta com tinta laqué crême (branco marfim).

Os arabescos cujos desenhos damos pintam-se com tinta a oleo. Pode-se escolher, por exemplo, a côr vermelha para a pintura dos arabescos, empregando-se diversos tons desde o vermelho claro até o vermelho escuro quasi negro, afim de se obter assim um certo relevo na pintura.

Não fica tambem mal a côr verde, assim como a marron, fazendo-se do mesmo modo.

Preferindo-se a pyrogravura á pintura, é preciso que a madeira empregada na confecção da mobilia seja escolhida para este fim.

Ficará muito bem envernizando-se depois de pyrogravada.

Completarão o arranjo do quarto as guarnições para as cortinas, cama e mesas com bordados ou pintura dos mesmos arabescos sobre panno ou linho.

Humidade dos quartos

E' uma questão já muito debatida a dos quartos humidos e mal arejados.

Os antigos não davam grande importancia á hygiene, tanto que a maior



parte dos seus quartos de dormir eram alcovas.

Ainda ha muita gente que se não preocupa bastante com a salubridade dos seus aposentos.

Tambem quantas bronchites, rheumatismos, nevralgias e outros males ainda peiores, como a tuberculose, não são as tristes consequencias desta imprevidencia.

Hoje estão completamente condemnados os quartos sem janellas e os dos andares terreos.

Entretanto, mesmo nos andares superiores aconte-

ce algumas vezes que por um motivo qualquer, são humidos os quartos. Ha um meio facil e pouco dispendioso para verificar-se se é humido ou não o quarto. Faz-se o seguinte :

Colloca-se no quarto que se suppõe humido um kilo de cal fresca, fecham-se com cuidado portas e janellas. No fim de vinte e quatro horas, pesa-se a cal e se ella augmentou de 10 grammas isto é d'um peso de mais de 1 1/2 o quarto deve ser considerado absolutamente humido e pouco saudavel.

A INDULGENCIA

Sacha Guitry

E' a indulgencia na verdade a mais intelligente das virtudes, a mais maligna e a mais delicada.

Porque quereria mal por uma palavra ferina, um gesto desagradavel, um máo pensamento?

E' preciso ter-se para todos a porção da bondade que lhes faz falta afim de restabelecer o equilibrio.

Conselhos praticos

Accendedor de fogo, economico. — Deixam-se seccar as cascas de batatas e de laranjas. E' esplendido para acender o fogo.

Para tirar as manchas de gordura do marmore. — Fazer uma pasta bem espessa com gesso e benzina. Deixal-a em contacto com o marmore, até ficar bem secca; fazel-a cahir friccionando o marmore com um pedaço de flanela.

Para collar louça:

Gomma arabica . . . 100 grs.
Salicylato de potassa . . 25 "
Gesso fino 10 "

Desmanchar esta mistura com um pouco d'agua para tornal-a um liquido espesso. Conserval-a em frasco.

CONSELHOS DE HYGIENE

O banho da creança

Em primeiro lugar, creio que a hydrotherapia fria, sob a fórmula de esponjas espremidas, pannos molhados, de banheira, deve ser prohibida d'uma maneira formal, sobretudo no começo da vida.

A creança deve tomar o seu banho tepido todos os dias, salvo em caso de constipação ou bronchite: n'este caso apenas passar-lhe uma esponja humida, mas esta agua deve conter um alcool aromatico qualquer, benjoim, rosmaninho, verbena, tomando-se o cuidado de não molhar o peito e costas. Essas abluções far-se-ão ao menos uma hora depois da creança ter mamado.

Uma observação de grande importancia é a de não aquecer o banho ao acaso. Em hygiene tanto como na medicina, tudo deve ser methodico. A temperatura deve ser tomada com o thermometro, a agua deverá ser de 32° a 34°, no inverno; no verão, o banho de 25° a 27° será excellente.

Uma pratica que me parece perfeita quando bem aplicada consiste, desde o quinto mez, em dar á creança, no verão como inverno, um banho de 25° sómente. E' sufficiente ter prudencia e cuidado em evitar as causas de resfriamento.

Depois da creança bem lavada é costume polvilhal-a com amido, fecula de batata, e pó de lycopodio.

Não aprovo estes pós vegetaes. Ao contacto dos suores e outras secreções os vegetaes fermentam e por consequente vem a ser um elemento de irritação. Substituem-se estes pós vegetaes pelo talco que é muito melhor. Mas o ideal ao meu ver é, uma vez o corpo da creança bem limpo, untal-o com vaselina pura em todas as suas rugas e em todas as regiões necessarias.

A vaselina faz verniz sobre a pelle e, graças a este verniz, os liquidos emitidos ou secretados pela creança não ferem a sua cutis. As diversas abluções que se fizerem durante o dia com a esponja devem ser logo seguidas de applicação de nova camada de vaselina empoando-se depois com o talco; a combinação assim feita é excellente.

Com estas simples precauções pode-se evitar á creança os pequenos incommodos, que são para ella soffrimento, e para a mãe tormentos e fadiga.





Gedeão de Souza Góes

CUSTODIA — Pernambuco

Illr.s. Srs.

Viuva Silveira & Filho

RIO DE JANEIRO

Gedeão de Souza Góes, agricultor e criador, attesta que tendo soffrido por espaço de dois mezes de uma sarna de mau caracter, acompanhada por um forte rheumatismo, e tendo-o prostrado no leito por espaço de um mez, fez uso, a conselho de seu distincto amigo João Pinto Torres Bandeira (o maior propagandista dos vossos productos nesta localidade), do

ELIXIR DE NOGUEIRA

do pharmaceutico João da Silva Silveira. Apenas com um vidro conseguiu ficar radicalmente curado.

Para o bem da humanidade, faz a presente declaração, e em signal de verdadeiro reconhecimento de gratidão envia a sua photographia, podendo VV, SS. fazerem o uso que vos convier.

Custodia, Pernambuco, 3 de Novembro de 1915.

Gedeão de Souza Góes

(Firma reconhecida)

Vende-se em todo o Brasil, Republica Argentina — Uruguay — Paraguay — Bolivia — Perú — Chile, etc.

De como se pode fazer crescer o cabelo em uma cabeça calva

Por um especialista

Contam-se por milhares as pessoas que, soffrendo de calvie e queda do cabelo, têm experimentado sem resultado quasi todos os tonicos e restauradores que apparecem annunciados para esses males, e se têm conformado afinal com este estado de calvie e as concomitantes molestias. Entretanto, nem por isso são casos perdidos: a receita simples e caseira que damos abaixo tem feito crescer o cabelo depois de muitos annos de calvie, tendo provado tambem um valor incomparavel na restauração das cans á sua côr primitiva, na queda do cabelo e na destruição do germen da caspa. Não engraxa o cabelo e pode ser preparado da seguinte forma: Obtenha-se 7 decigrammas de menthol crystallado, 50 grammas de alcool a 90° e 45 grammas de agua distillada, e compre-se em separado um frasco de 30 grammas de Lavona de Composée. Estes ingredientes podem-se misturar em casa, addicionando-se meia hora antes de se applicar a Loção a metade da Lavona de Composée, e agitando-se bem o frasco. Applique-se á noite e pela manhã durante dois dias esfregando-a bem no couro cabelludo com a ponta dos dedos e depois ajunte-se a metade restante da Lavona de Composée. Este preparado é recommendado com muito exito pelos medicos e especialistas e é absolutamente inoffensivo, pois não contém o venenozo alcool de madeira que frequentemente se encontra nos tonicos para o cabelo (Não se deve applical-o no rosto ou em outros logares onde se não queira fazer crescer cabelo).





BIANCA — O pó de arroz não é apenas um enfeite. O seu uso corresponde a uma necessidade. Cobrindo a face com sua fina camada isoladora, preserva a cutis da acção directa do sol. E', porém, necessario que o pó de arroz seja de extrema pureza e não contenha substancias toxicas e irritantes. O pó de arroz excessivamente perfumado é sempre nocivo para a pelle. A qualidade do pó de arroz não deve deduzir-se do luxo da caixa. No geral, nos preparados de grande preço o que mais se paga é o envolver. Um má pó de arroz predispõe a pelle para os pontos negros, dilatação dos póros, irritações etc. Foram todas estas considerações que me levaram a produzir o Pó de Arroz Hygienico.

MME. COSTA — A falta de espaço me impediu de responder no numero passado. Se não lhe fosse incommodo, estimaria poder examinar sua pelle e seu cabello. Porque não vem vêr-me ao meu Instituto? Se isso lhe é impossivel então lhe receitarei o que me parecer mais util.

HELENA — E' mais facil evitar que se forme uma ruga do que fazel-a desaparecer, quando já está formada.

Sem duvida os tegumentos relaxados, flacidos, regressam ao seu estado normal com um persistente tratamento pela electricidade. O papel d'esse agente physico é n'este caso o mesmo que em todos os outros tratamentos: o de regulador. A flacidez dos tegumentos provém de má circulação nos tecidos interessados, atrophiados ou hypertrophiados, sem outra razão que não seja a negligencia do

tratamento. Se muitas doenças da pelle requerem para seu tratamento a applicação da electricidade, muitas outras necessitam o emprego da luz.

CLARA — Constantemente se anunciam depilatorios, garantindo a des-

DORA — A dilatação do estomago consiste no augmento da sua capacidade, devido quer a uma causa mecanica, quer a um simples relaxamento dos musculos gastricos. Basta isto para immediatamente se comprehender que no tratamento d'esta doença a electricidade deve occupar o primeiro lugar. Tenho visto doentes com dilatações de 15 e 20 annos, os quaes, tendo feito uso de todos os medicamentos, curaram-se em alguns mezes de tratamento.

MME. J. MORAES — A erupção e a vermelhidão do nariz, de que se queixa, são devidas á acné rosacea. Recommendo o tratamento pela electricidade. Quanto ás suas olheiras, devem ser consequencia de mau funcionamento de figado. Indispensavel regimen alimentar. Tratamento local pela luz.

HENRIETTE BONAPARTE — Para tornar louros os seus cabellos castanhos é necessario oxygenal-os. Depois, pela tintura, fixaria o tom de louro que deseja. A oxygenação não é, porém, uma operação tão facil como geralmente se imagina. Convém que seja executada por um cabelleiro competente. Nunca deve usar-se agua oxygenada pura, mas sim misturada em partes eguaes com agua fervida, juntando uma colher de chá de amonia. No meu prospecto,

que pode pedir na Casa das Fazendas Pretas, encontra a pagina 8 o tratamento dos cravos e na ultima pagina o tratamento do desenvolvimento do seio.

Selda Potocka.



Mme. Selda Potocka, especialista diplomada, antiga assistente da clinica do Dr. Buchener, de Londres, directora do Instituto Electro Therapeutico de Lisboa, socia do Instituto de Coimbra, responde gratuitamente por carta a todas as consultas que lhe sejam dirigidas sobre os tratamentos da pelle e do cabello e hygiene da mulher.—Dirigir a correspondencia para a r. Paysandú, 111. Rio de Janeiro

trução definitiva dos cabellos e a pratica acaba sempre por mostrar a nullidade do seu valor e o prejuizo que elles causam. Ha só um processo verdadeiramente efficaz, que consiste em destruir a papilla pela electrolyse.

Os celebres preparados de Mme. Selda Potocka acham-se á venda, no Rio, nas melhores perfumarias e nos grandes estabelecimentos: Casa das Fazendas Pretas, Casa Bazin, Pharmacia Orlando Rangel, Casa a Exposição (Av. Rio Branco, 119), — Ramos Sobrinho & C. (rua do Hospicio, 11). — Camisaria Gaspar (Praça Tiradentes e Rua 7 de Setembro), — Em Petropolis no estabelecimento de Modas de Mme. Pongetti (rua 15 de Novembro, 285). — Em S. Paulo na Casa Lebre e na Casa das Fazendas Pretas (rua de S. Bento, 35-B). — Em Bello Horizonte Narciso & C. (rua da Bahia, 1221). — Em Juiz de Fóra Araujo Santos & Carvalho (successores de Cyrino Carvalho & C.) — Em Victoria Cruz Sobrinho & C. — Na Bahia Manso & C. — No Recife A. Rosa dos Alpes. — Em Maceió J. Lages. — Em Ouro Preto J. B. Mendes. — No Rio Grande do Sul Palais Royal. — Em Canavieiras L. Guerreiro. — Em S. Luiz do Maranhão A Mariposa e Notre Dame — Em Porto Alegre Casa Chic Parisiense. — Em Campos Casa Lamy. — Em Campinas Casa Americana. — Em Fortaleza Xavier Pinto & Irmão. — Em Aracajú (Sergipe) Sizenando Almeida & C. — Em Pelotas — A Torre Eiffel. — Em Ribeirão Preto Valeriano T. dos Reis. — Em Uberaba Ao Motu Continuo. — Em S. José do Rio Pardo A Central. — Em Barbacena A Filial. — Em Ponte Nova (Minas) A Brasileira. — Em S. José do Paraíso Sillos & Irmão. — Em Manãos Loja Jacintho. — Em Mococa J. Moreira Salles. — Em Bagé J. L. Vaz & C. (rua General Osorio). — Em Cachoeira de Itapemirim (Espírito Santo) A Nova Esperança. — Em Parahyba do Norte A Rainha da Moda. — Em Barbacena A' Filial, Souza Marques & C. — Em Curitiba A Carioca. — Em Florianopolis Chic Americano. — Em Corumbá (Ladario) Nicola Scaffa. — Em Palmyra (Minas) Pharmacia Central. — No Pará Perfumaria Central.

Depositarios Geraes para todo o Brasil: COSTA FERREIRA & C. — 53, Rua da Quitanda, 55

UNICO PURO

LEITE MONDIA

O DE MAIS
FACIL
DIGESTAO



ENGARRAFADO NO VACUO
CONSERVACAO INDEFINIDA

ESCRITORIO E DEPOSITO: RUA 7 DE SETEMBRO, 42
• AVENDA EM TODA PARTE •